

COLEÇÃO
SHERLOCK \ HOLMES
Série 2

O ÚLTIMO ADEUS E OUTRAS HISTÓRIAS

Sir Arthur Conan Doyle

1ª edição

 EDITORA
RIDEEL



PREFÁCIO

Sir Arthur Conan Doyle nasceu em Edimburgo, a 22 de maio de 1859, de ascendência aristocrática anglo-irlandesa. Seus pais, com poucos recursos financeiros, tiveram de fazer consideráveis sacrifícios para oferecer-lhe o que, então, se considerava uma educação condigna. Assim, como fidalgo pobre, entre colegas privilegiados, Doyle estudou nas escolas qualificadas de Hodder e Stoneyhurst; depois em colégios de Jesuítas, tanto na França, como na Alemanha. Aos dezessete anos dominava o latim e o grego, falava fluentemente francês e alemão, além do inglês e irlandês, e adquirira uma formação metodológica que viria a ser-lhe útil como investigador e escritor.

O polivalente Doyle acabou se formando em Medicina, na Universidade de Edimburgo, após o que resolveu embarcar num veleiro, como cirurgião de bordo, para uma expedição predatória à baleia, no Mar Ártico. No final desta viagem, ele percorreu as costas da África, ocidental e oriental, como médico de um navio mercante.

Em 1885, casou-se com Jane Hawkins que, vítima de uma enfermidade crônica, ficou inválida durante muitos anos, até falecer em 1906. Foi no ano seguinte ao seu casamento que, sempre escrevendo para a Imprensa, Doyle criou a famosa figura de Sherlock Holmes.

Recordando-se do professor de Cirurgia, Dr. Joseph Bell, com o seu nariz aquilino que lhe dava uma expressão de ave de rapina, a sua inclinação frustrada para a música e os seus hábitos peculiares, Doyle moldou Sherlock Holmes à imagem daquele médico com quem estudou na “Enfermaria Real” de Edimburgo, anexa à Universidade.

O Dr. Bell, com base nas autópsias, contribuiu com algumas descobertas no campo da Medicina Legal, fundamentando-as na Anatomia, na Antropometria e até na nova teoria científica da Frenologia, correlacionando as deformações cranianas com a Psicopatologia; e soube encantar os discípulos com as suas faculdades de análise e dedução lógica.

Assim, à imitação do mestre, Doyle dedicou a atenção a alguns casos criminais, chegando, posteriormente, a ser convidado a participar de vários inquéritos policiais. Mas não foi só à influência do Dr. Bell — e sim a todo um conjunto de circunstâncias — que se deve o seu interesse pela criminologia. Em 1807, foi criada, na Universidade de Edimburgo, a cadeira de Jurisprudência Médica (Medicina Legal). O professor catedrático era *Sir* Henry Littlejohn, Cirurgião-Chefe da Polícia daquela cidade.

Embora Doyle tivesse se apaixonado pelos métodos dedutivos e confessasse ter se inspirado no Dr. Bell ao criar Sherlock Holmes, não foi com Bell, mas sim com *Sir* Henry Littlejohn que estudou investigação criminal e que, como seu assessor, teve vontade de ser “testemunha da Coroa” (Acusação) em casos de homicídio debatidos no tribunal. Enquanto o personagem de Sherlock Holmes, pelo seu temperamento idiossincrático, não podia ser considerado encantador; o Dr. Bell, pelo contrário, possuía um coração terno e um vivo senso de humor.

Contribuíram para a escolha do nome, Sherlock Holmes: um detetive particular chamado Wendell Scherer que ficou famoso em Londres, pois, em tribunal, se recusou a revelar o segredo de um cliente, alegando — tal como os médicos — o sigilo profissional. E Wendell Holmes, o autor cuja leitura Doyle preferia. Ora, o apelido Scherer assemelhava-se ao termo alemão Shearer, que significa “barbeiro”, assim como Sherlock na gíria inglesa. Assim, a personagem que Doyle criou à semelhança do Dr. Bell foi batizada com o nome de Sherlock Holmes.

Na realidade, Doyle fez de Sherlock Holmes uma espécie de cavaleiro andante na luta do Bem contra o Mal, embora profissionalmente o herói apenas procurasse a verdade, sobrepondo a análise científica a qualquer tipo de sentimentalismo.

Foi realmente pelo indiscutível mérito de Doyle que, em 1902, o governo britânico induziu a Coroa a homenageá-lo com um título de nobreza.

Outro fato significativo que altamente dignifica a obra de *Sir* Arthur Conan Doyle reside na adoção, por parte de todas as Polícias do mundo civilizado, dos métodos e investigação estruturados pelo genial personagem fictício Sherlock Holmes. Nas palavras do seu companheiro, Dr. Watson:

“(...) a dedução elevada à categoria de ciência exata”.

Publicando no *Strand Magazine* a sua primeira novela, *Um Estudo em Vermelho*, Doyle recebeu por ela apenas 25 libras, ou seja, quinhentas vezes menos do que hoje se paga por um exemplar dessa edição. O interesse manifestado pelo público inglês não parecia promissor. Mas, um editor americano encomendou-lhe outra obra que veio a se chamar *O Signo dos Quatro* e que, sendo publicada em 1890, obteve um êxito surpreendente.

No ano seguinte, o *Strand Magazine* propôs-lhe a edição de doze contos, e depois outros doze e, então, o sucesso de Sherlock Holmes não teve limites, verificando-se a constante procura por suas obras, não só seqüentes, mas também anteriores, mesmo após a morte do autor, na sua casa de Sussex, a 7 de julho de 1920, com 71 anos de idade.

Mais tarde fundaram-se sociedades e clubes em várias cidades da Europa e da América, e muitos outros escritores têm feito análise “biográfica” sobre esse investigador da Baker Street, como se este tivesse realmente existido. Atualmente, nos Estados Unidos, o preço de cada exemplar das primeiras edições de Sherlock Holmes chega a atingir, conforme a sua raridade, 7500 dólares.

Assim, a Editora Rideel lança agora a “Coleção Sherlock Holmes”.

SUMÁRIO

O Último Adeus	7
O Mistério do Vale de Boscombe	24
O “Sossego” Trágico	49
Os Três Garridebs	64
O Cliente Ilustre	80
O Rosto Lívido	104
O Homem Macaco	123
A Juba do Leão	143

O ÚLTIMO ADEUS

Eram nove horas da noite do dia 2 de agosto... o mais terrível agosto da história do mundo. Já se podia imaginar que a maldição divina pendia ameaçadora sobre a humanidade degenerada, pois, na atmosfera parada e sufocante, pairava um soturno silêncio e uma vaga sensação de inquieta expectativa. O sol já se pusera, havia muito, mas uma faixa vermelho-sangue, semelhante a ferida aberta, estendia-se ainda no horizonte distante. No alto brilhavam as estrelas e, na baía, cintilavam as luzes das embarcações. Os dois famosos alemães encontravam-se junto do parapeito de pedra da alameda do jardim, de costas para a extensa casa baixa, ornada de pesados frontões, olhando para a ampla curva da praia que se desenrolava aos pés da enorme rocha calcária, sobre a qual Von Bork, como águia errante, se instalara, quatro anos antes. Estavam de pé, com as cabeças quase unidas, e conversavam em tom confidencial. Vistas de baixo, as pontas acesas dos seus charutos pareciam os olhos flamejantes de algum espírito maligno a perscrutar as trevas.

Homem extraordinário, este Von Bork, que dificilmente encontraria paralelo entre todos os fiéis agentes do Kaiser. Foram os seus dotes particulares que o indicaram para a missão inglesa, a mais importante de todas, e esses dotes tinham se tornado cada vez mais patentes àqueles que, no mundo inteiro, se encontravam em contato direto com a verdade. Uma destas pessoas era o seu atual companheiro, o barão Von Herling, primeiro-secretário da missão diplomática, cujo possante Benz, de 100 cavalos, atravancara a estrada, enquanto esperava o seu proprietário, para levá-lo a Londres.

— A julgar pelo rumo dos acontecimentos, você estará, provavelmente, voltando a Berlim dentro de uma semana — dizia o secretário. — Quando lá chegar, meu caro Von Bork, creio que ficará surpreso com o acolhimento que lhe foi preparado. Estou a par do que se pensa nas mais altas esferas a respeito de suas atividades neste país.

O secretário era um homem gigantesco, dotado de um modo de falar pausado e persuasivo, que constituía o principal segredo do seu êxito na carreira política.

Von Bork sorriu.

— Não é muito difícil enganá-los — observou. — Não se pode imaginar povo mais dócil e simplório.

— Eu não diria isso — respondeu o outro, pensativo. — Os ingleses possuem curiosas limitações que precisamos aprender a observar. É esta simplicidade superficial que faz o estrangeiro se iludir. A primeira impressão que se tem deles é de que são inteiramente flexíveis. Depois, subitamente, surge em nossa frente algo muito sólido e notamos que é preciso adaptar-nos à realidade. Eles têm, por exemplo, as suas convenções insulares, as quais, por si sós, devem ser observadas com atenção.

— Refere-se às regras de boas maneiras e coisas assim? — suspirou Von Bork, como alguém que sofrera muito.

— Refiro-me aos preconceitos britânicos, com todas as suas ridículas manifestações. Posso citar-lhe um dos meus piores descuidos... e você conhece bem os meus êxitos. O fato ocorreu na primeira vez que estive aqui. Tinha sido convidado para uma reunião de fim de semana na casa de campo de um membro do Gabinete. A conversa era extraordinariamente indiscreta.

Von Bork concordou com um movimento de cabeça.

— Eu também lá estava — observou, secamente.

— Exato. Pois bem; como era natural, enviei a Berlim um resumo do que ouvira. Por infelicidade, o nosso bom chanceler não é muito hábil nestes assuntos e transmitiu uma nota em que mostrava estar ciente de tudo quanto fora dito. Isso, é claro, fez com que eu fosse apontado como a fonte das informações. Não pode imaginar o dano que esse fato me causou e nada houve de delicado na atitude dos nossos amigos ingleses, naquela ocasião. Suportei dois anos este estado de coisas. Agora, você, com essa sua pose desportiva...

— Não! Não diga que é pose (que é coisa artificial) o que é espontâneo em mim. Sou um desportista nato.

— Justamente. Você compete com eles em corridas de iate, acompanha-os na caça, joga pólo, rivaliza com eles em qualquer competição. Ouvi mesmo dizer que chega ao ponto de praticar o pugilismo com os jovens oficiais. E qual é a consequência? Ninguém o leva a sério. Você é considerado “um camaradão”, “um tipo demasiado bom para ser alemão”, um bebedor resistente, um freqüentador de clubes noturnos, um boêmio, enfim. E, no entanto, esta sua tranqüila casa de

campo é o centro de metade das conspirações que ocorrem na Inglaterra. Quanto ao elegante desportista, é o mais astuto agente de espionagem da Europa. Isto chama-se gênio, meu caro Von Bork... gênio!

— Você desvanecce-me, barão! Entretanto, posso garantir-lhe que os meus quatro anos neste país não foram improdutivos. Mas ainda não lhe mostrei o meu pequeno depósito. Quer entrar um instante?

A porta do escritório dava para o terraço. Von Bork empurrou-a e, tomando a dianteira, acendeu a luz elétrica. Tornou a fechar a porta atrás do seu corpulento companheiro e desceu, cautelosamente, a cortina da janela protegida por grades. Só depois de ter tomado todas essas precauções voltou o rosto aquilino e queimado do sol para o seu visitante.

— Alguns dos meus documentos já seguiram — explicou. — Quando, ontem, a minha mulher e os criados partiram para Flushing, levaram os menos importantes. Naturalmente, preciso pedir proteção da embaixada para os restantes.

— O seu nome já foi incluído na comitiva. Não terá problemas com sua bagagem. Afinal, pode ser que nem precisemos partir. Talvez a Inglaterra abandone a França ao seu destino. Sabemos que entre elas não existe nenhum tratado de aliança ⁽¹⁾.

— E a Bélgica?

— Com a Bélgica também.

Von Bork meneou a cabeça.

— Não acredito. Existe um acordo determinado. A Inglaterra jamais suportaria tal humilhação.

— Pelo menos por enquanto, irá se manter neutra.

— Mas e a sua honra?

— Ora, meu amigo, vivemos numa época utilitária. A honra é um conceito medieval. Além disso, a Inglaterra não está preparada. Parece inconcebível! Nem o nosso imposto especial de guerra, de cinquenta milhões, que tornou o nosso propósito tão evidente como se o tivéssemos anunciado na primeira página do *Times*, conseguiu despertar este povo da sua modorra. De quando em quando, fazem-me uma pergunta e é

⁽¹⁾ Em 3 de agosto de 1914, a Alemanha invadiu a Bélgica e o norte da França; no dia seguinte, a Inglaterra declarou a guerra à Alemanha. Portanto, a presente novela de Conan Doyle decorre nas vinte e quatro horas, de 3 para 4 de agosto. (N. do T.)

meu dever procurar responder-lhes. Quando alguém se irrita, cumpre-me acalmá-lo. Não obstante, posso afirmar-lhe que, quanto à reserva de munições, preparativos contra eventuais ataques de submarinos, providências para a fabricação de explosivos de alta potência, nada disso está pronto. Não é de esperar uma intervenção da Inglaterra, sobretudo agora que instigamos essa infernal guerra civil irlandesa, para manter-lhe os ingleses preocupados.

— Mas vão pensar no futuro.

— Ah! Isso é outro assunto. Quanto ao futuro, já temos, em relação à Inglaterra, planos bem definidos. As informações que você nos ofereceu serão de interesse vital. Com Mr. John Bull ⁽²⁾, se não for hoje, será amanhã, e, se preferir hoje, estamos perfeitamente prontos. Se julgar melhor amanhã, estaremos ainda mais preparados. Acho que seria mais imprudente a Inglaterra combater junto de aliados. Esta semana decide-se o seu destino. Mas você falava dos seus documentos...

Com a luz brilhando na cabeça calva, sentou-se na poltrona, fumando tranqüilamente o charuto.

A um canto da outra extremidade da enorme sala, forrada de carvalho e recoberta de livros, havia uma cortina. Von Bork afastou-a, deixando à vista um grande cofre com ornatos de bronze. Em seguida, destacou da corrente do relógio uma pequena chave e, após manobrar a complexa fechadura, abriu a pesada porta.

— Olhe! — apontou, afastando-se para um lado.

A luz batia em cheio sobre o cofre aberto, e o secretário da embaixada fixou com grande interesse os compartimentos cheios de papéis. Cada um desses compartimentos tinha um rótulo, e os seus olhos percorreram uma longa série de títulos, tais como: Baixios, Defesas Portuárias, Aviões, Irlanda, Egito, Fortificações de Portsmouth, Canal da Mancha, Roshyth e muitos outros. Todas aquelas divisões transbordavam de documentos e planos secretos.

— Formidável! — exclamou o secretário, pondo de lado o charuto e batendo palmas.

— E tudo isto em quatro anos, barão. Parece-me excelente para um bebedor inveterado, que passa a vida em competições hípicas! Contudo, a jóia mais preciosa da minha coleção ainda está para chegar. Já tem o

⁽²⁾ *Personagem que simboliza a Inglaterra. (N. do T.)*

espaço reservado — observou, apontando para um compartimento vazio, onde se lia: “Sinalizações Navais”.

— Mas você já tem uma notável coleção de documentos.

— Papelada velha e inútil. O Almirantado pressentiu qualquer coisa e mudou todos os códigos. Foi um golpe terrível, barão... grave retrocesso, em toda a minha campanha. Graças, porém, ao meu livro de cheques e ao prestimoso Altamont, tudo estará em ordem esta noite.

O barão consultou o relógio e soltou uma exclamação gutural.

— Infelizmente, não posso esperar mais. Como deve imaginar, as coisas estão acontecendo no Carlton Terrace, e todos nós devemos estar a postos. Esperava poder levar a notícia do seu grandioso golpe, mas vejo que não me é possível. Altamont não indicou a hora a que viria?

Von Bork estendeu-lhe um telegrama.

“Irei esta noite, sem falta, e levarei novas velas. Altamont.”

— Velas, hein?

— Como vê, ele se passa por mecânico e eu possuo muitos automóveis. No nosso código, tudo quanto possa ter importância é indicado sob o nome de peças de motor. Quando fala de radiador, significa vaso de guerra; uma bomba de óleo é um cruzador, e assim por diante. Velas são sinalizações navais.

— Foi expedido de Portsmouth, ao meio-dia — observou o secretário, examinando a mensagem telegráfica. — A propósito, quanto lhe paga?

— Por este trabalho especial, quinhentas libras; mas, como é natural, pago-lhe também um ordenado.

— Que tipo miserável! Mas não há dúvida de que estes traidores são úteis. Só lamento o dinheiro com que temos de pagar-lhes.

— Com relação a Altamont não lamento coisa alguma. O seu trabalho é admirável. Além disso, não é um traidor. Garanto-lhe que o nosso Junker, dotado do mais profundo pangermanismo, é uma pomba inocente nos seus sentimentos contra a Inglaterra, comparado a este fanático irlandês-americano.

— Oh! É um irlandês da América?

— Se você o ouvisse falar, não teria a menor dúvida. Algumas vezes custa-me entendê-lo. Parece ter declarado guerra tanto ao rei inglês como

ao inglês do rei... Mas precisa realmente ir já? Ele deve chegar a qualquer momento.

— Sinto muito, mas já é tarde. Esperamos você, amanhã de manhã e, quando tiver passado esse livro de sinais através da portinhola, pelas escadas do Duke of York, poderá pôr um *Finis* triunfal à sua missão na Inglaterra. Que é isto? Tokay? ⁽³⁾ — exclamou repentinamente, apontando para uma garrafa coberta de poeira e tampada fortemente com rolha, que se encontrava numa bandeja entre dois copos.

— Aceita um copo antes de partir?

— Não, obrigado. Mas tenho a impressão de que vai haver uma festança.

— Altamont tem bom gosto para vinhos e se apaixonou pelo meu Tokay. É um tipo muito sensível e preciso rodeá-lo de pequenas atenções. Precisei estudar bem seu temperamento.

Saíram para o terraço e atravessaram-no até ao fundo onde o motorista do barão ligou o motor do enorme carro.

— Aquela deve ser a iluminação de Harwich — observou o secretário, vestindo o sobretudo. — Como tudo parece calmo e estático! Talvez haja outras luzes no decurso da semana e as costas da Inglaterra se tornem menos tranquilas! É possível que os céus também não permaneçam tão pacíficos, se tudo o que nos promete o nosso bom Graf von Zeppelin ⁽⁴⁾ se tornar realidade. Mas quem é aquela mulher?

Através da única janela iluminada, via-se um candeeiro e, sentada a uma mesa, uma simpática velhota com o rosto vermelho, com uma touca na cabeça. Curvada sobre um bordado, absorvida no seu trabalho, interrompia-o de vez em quando, para acariciar um enorme gato preto que dormia num tamborete, ao lado.

— É Martha, a única criada que ficou comigo.

O secretário riu.

— Quase poderia personificar a Inglaterra — comentou — com o seu ar absorto e sonolento. Bem, até à vista, Von Bork!

Com um último aceno de despedida, entrou no automóvel e, instantes depois, os dois feixes de luz dos faróis irrompiam através da escuridão.

⁽³⁾ *Vinho licoroso do norte da Hungria, da região que circunda a cidade de Tokay. (N. do T.)*

⁽⁴⁾ *Conde Ferdinand von Zeppelin (1838-1917), natural de Constança, Alemanha, construtor dos grandes balões dirigíveis que se conhecem por zeplins. (N. do T.)*

O secretário recostara-se nas macias almofadas da limusine luxuosa e estava de tal modo absorvido com a iminente tragédia européia que nem reparou, ao entrar na cidade, no minúsculo Ford que seguia em direção oposta e quase batera no seu Mercedes Benz.

Assim que as luzes do automóvel se dissiparam ao longe, Von Bork dirigiu-se lentamente para o escritório. De passagem, observou que a velha governanta apagara o candeeiro e se recolhera. O silêncio e as trevas em que o vasto edifício estava mergulhado constituíam para ele uma inusitada experiência, pois a sua família era grande e a criadagem numerosa. Sentia, porém, profundo alívio ao pensar que todos se encontravam a salvo e que, com exceção da velha criada, toda a casa estava à sua disposição.

Tinha ainda muita coisa para pôr em ordem no escritório, e pôs mãos à obra até o seu rosto vivo e atraente se tornar rubro com o calor das chamas dos documentos que ia queimando. Pegando uma maleta de couro que se achava ao lado da mesa começou a depositar nela, com todo o cuidado, o precioso conteúdo do cofre. Entretanto, mal principiara este trabalho, ouviu o ruído distante de um automóvel. Soltoou uma exclamação de júbilo, fechou a maleta, trancou o cofre e foi para o terraço. Chegou exatamente a tempo de ver os faróis de um pequeno carro apagarem-se diante do portão. Um passageiro dirigiu-se em passos apressados na sua direção, enquanto o motorista, homem idoso, robusto e bigodes grisalhos, se acomodava melhor no assento, como quem se designa a longa espera.

— Então? — perguntou ansiosamente Von Bork, correndo ao encontro do visitante.

Como resposta o homem agitou acima da cabeça, num gesto de triunfo, um pequeno embrulho de papel pardo.

— Pode felicitar-me, meu caro. Aqui estão finalmente as tão desejadas velas.

— As sinalizações?

— Como lhe disse no telegrama. Estão todas aqui: sinais semaforicos, código luminoso “Marconi”... as cópias, bem entendido, não os originais. Isso seria demasiado perigoso. Trabalho perfeito, pode estar certo — acrescentou, dando um tapinha nas costas do alemão com rude familiaridade. Ele se contraiu com um movimento instintivo de repulsa.

— Entre — convidou Von Bork. — Estou sozinho em casa. Estava apenas à sua espera. Neste caso, uma cópia é preferível ao original. Se dessem pela falta dele, alterariam tudo. Tem a certeza de que a reprodução é exata?

O irlandês-americano entrara no escritório e atirara-se em uma poltrona, estendendo as intermináveis pernas. Era um homem alto e magro, dos seus 60 anos, de fisionomia aguda e de queixo ornado com uma barbicha de bode que o fazia se parecer vagamente com uma caricatura do Tio Sam ⁽⁵⁾. De um canto da boca pendia-lhe um charuto meio fumado, meio mastigado. Assim que se sentou, riscou um fósforo para acendê-lo de novo.

— Preparando-se para partir? — indagou, olhando em redor. — Eh! Amigo — acrescentou, enquanto o seu olhar pousava no cofre, cuja cortina tinha sido afastada —, não me diga que guarda os seus documentos naquilo!

— Por que não?

— Que diabos! Num lugar tão exposto como esse? O senhor é um espião! Qualquer ladrão americano seria capaz de arrombá-lo com um abridor de latas. Se eu soubesse que qualquer das minhas cartas iria parar em uma coisa dessas nunca escreveria.

— O mais hábil arrombador não seria capaz de forçar este cofre — retorquiu Von Bork. — Não há instrumento que consiga cortar esse metal.

— E a fechadura?

— Também não. Possui um segredo duplo. Sabe o que significa isso?

— Que diabos! — repetiu o americano.

— Não basta formar uma palavra; é necessário uma série de algarismos, para que ela funcione — elucidou, levantando-se e mostrando o orifício da fechadura com um disco de dupla radiação. — Este, exterior, é para as letras, e o interior, para os algarismos.

— Bem imaginado!

— Não é, portanto, tão simples como você pensava. Mandeí fazê-lo há quatro anos. É capaz de adivinhar a palavra e o número que escolhi?

— Não.

— Agosto e 1914; aqui tem uma data propícia!

⁽⁵⁾ Personagem que simboliza os Estados Unidos da América. (N. do T.)

A fisionomia do americano exprimiu surpresa e admiração.

— Que diabos! Foi bem pensado!

— Sim. Na ocasião, poucos poderíamos adivinhar a data. Mas aí está ela e, amanhã de manhã, encerro as minhas atividades.

— Bem, terá de dar um jeito na minha vida. Não pretendo ficar sozinho, neste miserável país. Pelo que vejo, dentro de uma semana ou menos, John Bull pôr-se-á de quatro e começará a investir. Prefiro observá-lo do outro lado do canal.

— Mas você não é cidadão americano?

— Ora, Jack James também era e, no entanto, meteram-no na cadeia, em Portland. Aos tiras ingleses não adianta declararmo-nos cidadãos americanos. “Aqui impera a lei e a ordem britânica”, afirmam eles. E por falar em Jack James, meu caro, parece que você não se preocupa muito em proteger os seus auxiliares.

— Que quer insinuar? — perguntou Von Bork, em tom incisivo.

— É o nosso chefe, não é? Cabe-lhe providenciar para que os seus subordinados não caiam em desgraça. Entretanto, quando caem, não o vejo dar-se ao trabalho de socorrê-los. James, por exemplo...

— Esse era louco.

— Bem, realmente, ficou meio maluco. Também não era para menos, tendo de trabalhar dia e noite com uma centena de agentes nos calcanhares, prontos para algemá-lo. E agora chegou a vez do Steiner...

Von Bork estremeceu e o seu rosto bronzeado tornou-se pálido.

— Que aconteceu a Steiner?

— Foi apanhado. Invadiram sua loja, ontem à noite, e ele, com todos os documentos, foi levado para a prisão de Portsmouth. Você vai embora e ele, pobre diabo, terá de agüentar e ainda dar-se por satisfeito se conseguir salvar a pele. Eis por que pretendo atravessar o canal tão depressa como você.

Von Bork dominava-se perfeitamente; contudo, notava-se que a notícia o abalara.

— Como teriam caçado Steiner? — murmurou. — É o fato mais lamentável, até agora.

— Ora, por pouco não aconteceu coisa pior, pois tenho a impressão de que já andam na minha pista.

— Não é possível!

— Afirmo-lhe que é. A dona da pensão em que moro, na Fratton Road, já foi interrogada. Por isso, achei que tinha chegado o momento de pôr-me a salvo. Mas o que não posso compreender é como a polícia consegue saber essas coisas. O Steiner é o quinto homem que você perde, desde que estou a seu serviço e, se não me safo a tempo, sei muito bem quem será o sexto. Como explica isso? Não se envergonha de ver os seus homens desaparecerem desta maneira?

Von Bork ficou vermelho de raiva.

— Como ousa falar assim comigo?

— Se não ousasse, meu caro, não estaria a seu serviço. Mas vou dizer-lhe o que penso. Constou-me que, para vocês, alemães, quando um agente já cumpriu a sua missão, não se importam com o fato de ele ser pegado.

Von Bork levantou-se num pulo.

— Você se atreve a insinuar que eu traí os meus próprios agentes?!

— Não chego a tanto, meu amigo, mas tudo isto cheira esturro e cabe-lhe desvendá-lo. Seja como for, não quero correr mais riscos. Vou para a Holanda e quanto mais depressa melhor.

Von Bork dominou a fúria.

— Temos sido amigos há muito tempo, para discutirmos no momento exato da vitória — contemporizou. — Você realizou um trabalho esplêndido e correu perigos que não esqueço. Vá, então, sem demora, para a Holanda e, em Roterdã, poderá tomar um navio que o leve para Nova Iorque. Daqui a uma semana, nenhuma outra linha de navegação oferecerá segurança. Levarei esse livro, com o resto dos documentos.

O americano conservava o pacote na mão, mas não fazia a menor menção de entregá-lo.

— E a massa? — perguntou.

— O quê?

— Os cobres? As quinhentas libras. O atirador tornou-se exigente, à última hora e, se não tivesse lhe dado mais cem dólares, nada teria conseguido. A brincadeira custou-me, ao todo, duzentas libras. Por isso é lógico que não me desfaça da mercadoria sem receber a minha parte.

Von Bork esboçou um sorriso amargo.

— Você não parece ter em grande conceito a minha honra — observou.

— Exige o dinheiro, antes de entregar-me o livro.

— Negócios são negócios, meu caro.

— Muito bem; como quiser.

Sentou-se à mesa e preencheu rapidamente um cheque, que destacou do talão, mas antes de entregá-lo ao americano parou.

— No fim de contas, se são essas as condições, Altamont, não vejo por que motivo devo confiar mais em você do que você em mim. Percebe? Aqui está o cheque, em cima da mesa. Reclamo o direito de examinar esse embrulho antes de entregar-lhe o cheque.

O americano estendeu-lhe o volume, sem dizer nada. Von Bork desfez o pacote. Perplexo, contemplou, em silêncio, o livrinho azul que tinha diante de si e em cuja capa se lia em letras douradas: “Manual Prático de Apicultura”. Pouco tempo, porém, o célebre espião pôde contemplar este título estranhamente vulgar. No instante seguinte, sentiu-se agarrado pelo pescoço, enquanto uma esponja embebida em clorofórmio lhe era aplicada ao rosto convulso.

— Outro copo, Watson? — perguntou Sherlock Holmes, alongando a mão para a garrafa do Imperial Tokay.

O alentado motorista, que se tinha sentado à mesa, estendeu prontamente o seu copo.

— Bom vinho, Holmes.

— Verdadeiramente notável, Watson. O nosso amigo, ali deitado no sofá, garantiu-me que provém da adega particular de Francisco José ⁽⁶⁾, do Palácio Schoenbrunn. Faça o favor de abrir a janela, pois o cheiro do clorofórmio estraga o paladar.

O cofre estava entreaberto, e Holmes retirava os documentos. Após rápido exame, colocava-os, com cuidado, na maleta de Von Bork. O alemão roncava no sofá, de pés e braços amarrados.

— Não precisamos ter pressa, Watson. Ninguém nos interromperá. Quer tocar a campainha? Não há mais ninguém na casa, além da velha Martha, que representou de forma admirável o seu papel. Arranjei-lhe emprego aqui, logo que comecei a tratar deste caso... Ah, Martha, pode estar sossegada; tudo correu às mil maravilhas.

⁽⁶⁾ Imperador da Áustria-Hungria, em 1914. (N. do T.)

A simpática velhota surgiu na porta. Inclinou-se, com um sorriso para Holmes, mas lançou um olhar algo apreensivo para a figura estirada no sofá.

— Não há perigo, Martha. Von Bork não sofreu absolutamente nada. Está apenas drogado.

— Alegro-me com isso, Mr. Holmes. Apesar de tudo, era bom patrão. Queria que eu partisse ontem, com a mulher dele, para a Alemanha. Isso, porém, não conviria aos seus planos, não é verdade, Mr. Holmes?

— Não, certamente. Enquanto você estivesse aqui, eu estaria tranqüilo. Todavia, esta noite tivemos de esperar algum tempo pelo seu sinal.

— Foi por causa do secretário de Estado, Mr. Holmes.

— Já sei. O automóvel dele cruzou com o nosso, na saída da cidade.

— Pensei que nunca mais partiria. E eu sabia que o senhor não desejava encontrá-lo aqui.

— Claro que não. Bem, isso acarretou-me uma espera de cerca de meia hora, até vermos apagar-se a luz, o que nos indicava que o campo estava livre. Você, Martha, vai me procurar amanhã, em Londres, no Claridge Hotel.

— Muito bem, Mr. Holmes.

— Espero que esteja pronta para partir.

— Sim, senhor. Ele hoje expediu sete cartas e eu, como de costume, copiei os endereços.

— Ótimo, Martha. Examinarei isso amanhã. Boa noite. Estes papéis — prosseguiu, enquanto a velha se retirava — não são de grande importância, pois, como é natural, todas as informações neles contidas já foram enviadas, há muito tempo, ao governo alemão. Trata-se dos originais que ninguém poderia, impunemente, fazer sair do país.

— Então são inúteis.

— Eu não ousaria afirmá-lo, Watson. Pelo menos, servirão para demonstrar à nossa gente o que é conhecido e o que não é. Muitos destes documentos foram obtidos por meu intermédio e são totalmente falsos. Eu me sentiria satisfeito se, no declínio da minha existência, um cruzador alemão se permitisse cruzar as águas do Solent ⁽⁷⁾, servindo-se

⁽⁷⁾ Estreito que separa a Ilha de Wright e o litoral de Hampshire, tendo, a oeste, o Canal da Mancha, e a leste, o Spithead. (N. do T.)

da planta de localização das minas submarinas que eu próprio tive o cuidado de fornecer.

Interrompeu o trabalho e segurou o velho amigo pelos ombros.

— Ainda não tive tempo de vê-lo bem, à luz. Como os anos o têm tratado? Está fino, parecendo o mesmo rapaz jovial de sempre!

— Sinto-me vinte anos mais novo, pois raras vezes senti maior felicidade como a que tive ao receber o seu telegrama, a pedir-me que fosse, de automóvel, encontrá-lo em Harwich. Quanto a você, Holmes, pouco mudou, a não ser essa horrível barbicha!

— Foi um sacrifício que me vi obrigado a fazer pela pátria — explicou, alisando o pequeno tufo. — Amanhã esta camuflagem não passará de uma desagradável recordação. Com o cabelo cortado e mais algumas transformações superficiais, tornarei a aparecer no Claridge, tal como antes de ter imitado os americanos... Desculpe, Watson, mas receio que a minha linguagem de puro britânico tenha ficado definitivamente poluída... após esta missão, na América do Norte.

— Mas você, Holmes, tinha-se aposentado. Soube que vivia, como um eremita, entre as suas abelhas e os seus livros, numa pequena propriedade de South Down...

— Precisamente, meu caro amigo. Eis o fruto dos meus lazeres, *magnum opus* ⁽⁸⁾ dos meus últimos anos!

Pegou um volume que estava sobre a mesa e leu o título, em voz alta:

— “Manual Prático de Apicultura, com Algumas Notas sobre a Segregação da Rainha”. Escrevi-o sem o auxílio de ninguém. Pode ver o resultado de noites de reflexão e dias laboriosos, em que estudei a faina dos enxames, tal como antes perscrutava o mundo criminal de Londres.

— Por que motivo recomeçou a sua atividade profissional?

— Tenho, muitas vezes, feito essa mesma pergunta a mim mesmo. Se apenas se tratasse do ministro do interior, eu teria resistido. Contudo, quando o primeiro-ministro se dignou, pessoalmente, a visitar a minha humilde casa... Na verdade, Watson, esse cavalheiro, aí afundado no sofá, era demasiado arguto para a nossa gente. Pertencia a uma classe à parte. A situação ia de mal a pior e ninguém conseguia compreender a razão do insucesso. Alguns espiões foram alvo de suspeita, outros

⁽⁸⁾ A grande obra. (N. do T.)

chegaram a ser capturados, mas tínhamos provas da existência de uma força central e poderosa. Tornava-se, pois, absolutamente necessário desmascará-la.

Insistiram para que eu me ocupasse do caso, urgentemente. Esta investigação demorou dois anos, mas quase foi desprovida de interesse. Iniciei minha peregrinação em Chicago, ingressei numa sociedade secreta em Buffalo, dei sérios trabalhos à Polícia de Skibbareen e, dessa maneira, consegui, eventualmente, atrair para mim a atenção de um subalterno de Von Bork que me recomendou ao chefe, como elemento prometedor. Poderá assim compreender a complexidade da situação. A partir de então, o célebre espião honrou-me com a sua confiança... o que contribuiu para o malogro da maioria dos seus planos e a captura de cinco dos seus melhores agentes secretos. Eu os mantinha vigiados e cacei-os no momento oportuno... Olá, meu caro, espero que já se sinta melhor!

Dirigia-se ao próprio Von Bork que, após resfolegar e piscar os olhos, se mantivera silencioso a ouvir a explicação de Holmes. Então, irrompeu numa furiosa torrente de inventivas, em alemão, com o rosto desfigurado de raiva.

Enquanto o preso rugia e praguejava o meu amigo prosseguiu no rápido exame dos documentos.

— Apesar de pouco melodiosa — ironizou quando Von Bork se calou, vencido pela exaustão —, a língua alemã é a mais expressiva de todas. Que diabos! — exclamou, observando atentamente o canto de um dos planos, antes de repô-lo no cofre. — Isto servirá para enfiar outro pássaro na gaiola. Nunca pensei que o tesoureiro do ministério da Guerra fosse tão velhaco, embora já estivesse de olho nele. Posso assegurar-lhe, caro Von Bork, que terá de responder por muitos crimes.

Com dificuldade, o preso endireitara-se no sofá e fixava o seu captor com espanto e ódio.

— Ainda ajustarei contas com você, Altamont — ameaçou, com lenta deliberação. — Mesmo que isso leve o resto da minha vida, hei de fazê-lo.

— A velha cantiga de sempre — comentou Holmes. — Quantas vezes a ouvi, noutros tempos! Era o estribilho favorito do saudoso professor Moriarty, e consta que o coronel Sebastian Moran também aprendera a entoá-la. Apesar disso, ainda aqui estou, vivo e são, a criar abelhas em South Down.

— Maldito! Duas vezes traidor! — vociferou o alemão, retesando os músculos, num supremo esforço e fitando Holmes com uma raiva fulminante.

— Não sou assim tão ruim — replicou Holmes, sorrindo. — Basta ouvir a minha atual pronúncia, para verificar que Mr. Altamont, de Chicago, não era uma personagem real. Servi-me dela e rejeitei-a.

— Nesse caso, quem é você?

— Não importa quem seja, Von Bork, mas, já que a minha identidade parece interessá-lo, posso afirmar-lhe que não é a primeira vez que entro em contato com membros da sua família. Noutros tempos, atuei várias vezes na Alemanha e talvez o meu nome não lhe seja inteiramente desconhecido.

— Gostaria de conhecê-lo — retorquiu o prussiano, rispidamente.

— Fui eu quem conseguiu que Irene Adler deixasse de inquietar o falecido rei da Boêmia, quando o seu primo Heinrich desempenhara as funções de encarregado dos Negócios Estrangeiros Imperiais, na Inglaterra. Também fui eu quem evitou que o niilista Klopman assassinasse o Conde Von Und Zu Grafenstein, irmão mais velho de sua mãe, Von Bork. Fui eu ainda, quem...

O alemão esbugalhou os olhos, estupefato.

— Só existe um homem que... — quase gritou.

— Precisamente — cortou Holmes.

Soltando um gemido, Von Bork deixou-se cair contra as costas do sofá.

— Raios! Quase todas as minhas informações foram obtidas por seu intermédio! — reconheceu, desesperado. — Que valor poderão ter? Que fiz eu, desgraçado? Estou completamente perdido.

— Na verdade — confirmou Holmes —, as minhas informações sempre foram suficientemente inexatas. Teriam de ser cuidadosamente verificadas... e já não há tempo para fazê-lo. Seu almirante vai considerar o calibre dos nossos canhões muito superior ao que supunha, e os cruzadores, bastante mais velozes.

Num gesto angustiado, Von Bork levou a mão à garganta.

Holmes acrescentou:

— E há também um vasto número de pormenores que não deixarão de surgir, no devido tempo. Contudo, você, Von Bork, tem uma qualidade raríssima num alemão: possui um espírito desportivo e não

guardará rancor, quando considerar que, depois de ter iludido tanta gente, apenas foi iludido por mim. Afinal, você agiu com a melhor intenção, pelo bem do seu país, e eu fiz o mesmo, pelo meu. Que pode haver de mais natural?

Além disso — acrescentou, com certa brandura, pousando a mão sobre o ombro do adversário vencido —, este epílogo, para você, é bem melhor do que cair diante de qualquer outro inimigo mais ignóbil... Os documentos, Watson, já estão prontos. Se quiser ajudar-me a conduzir o nosso preso, poderemos partir para Londres, imediatamente.

Não foi fácil retirar Von Bork dali, pois era forte e destemido. Finalmente, conseguimos arrastá-lo agarrando-o pelos braços, aos trancos, pelo jardim que ele, algumas horas antes, percorrera com tão orgulhosa segurança, ao receber as congratulações do célebre diplomata.

Sempre de pés e mãos amarrados, foi finalmente colocado no banco traseiro do pequeno automóvel.

— Receio que não se sinta tão bem acomodado como desejaria, mas, quando as circunstâncias o permitirem, depois que tudo isto acabar, já poderá estar mais à vontade. Permite-me que lhe acenda um charuto e o coloque entre seus lábios?

Contudo, a cortesia do meu amigo não produziu efeito no alemão encolerizado, que advertiu:

— Deve lembrar-se, Mr. Sherlock Holmes, de que, se o seu governo lhe der apoio neste procedimento, essa atitude será considerada um ato de guerra.

— E que dizer do seu governo, Von Bork, e de tudo quanto levo aqui comigo? — retorquiu o meu amigo, dando uma palmada na maleta.

— Não se esqueça, Mr. Holmes, de que o senhor não passa de um mero civil, sem autoridade oficial, nem sequer possui um mandado de prisão contra mim. A sua ação não só é ilegal, mas também ultrajante.

— Perfeitamente.

— E está seqüestrando um súdito alemão.

— Exatamente, além de roubar seus documentos particulares.

— Ainda bem que reconhece a situação, assim como a ilegitimidade da sua posição e a do seu cúmplice. Se, ao atravessarmos uma aldeia, eu gritar por socorro...

— Se cometesse um erro dessa natureza, caro Von Bork, iria, muito provavelmente, aumentar o número, ainda reduzido, das tabuletas das nossas estalagens de província, algumas das quais ostentam o título de O Boche ⁽⁹⁾ Enforcado ou outros similares. O inglês é paciente, por natureza, mas, neste momento, o seu ânimo encontra-se bastante exaltado, por isso seria prudente, da sua parte, não o exaltar ainda mais.

Não, Von Bork. Se aceita um conselho, é melhor acompanhar-nos tranqüilamente até a Scotland Yard, de onde poderá chamar o seu amigo, barão Von Herling... a fim de ver se ele ainda está à disposição para conceder-lhe o cargo que reservara para você, na embaixada... Quanto a você, Watson, ouvi dizer que vai retornar ao serviço ativo, portanto creio que Londres não fica fora do seu caminho. Estacionemos uns momentos neste terraço, pois talvez esta seja a nossa última oportunidade de conversarmos tranqüilamente.

Durante alguns minutos, estivemos entretidos num diálogo íntimo, ao ar livre, recordando, mais uma vez, os dias passados, enquanto o preso se debatia, em vão, para libertar-se das cordas que o amarravam. Ao voltarmos para o automóvel, o meu amigo apontou para o mar iluminado pela lua e, pensativo, abanou a cabeça.

— Está se aproximando um vendaval... do leste, Watson.

— Não me parece, Holmes. Faz muito calor.

— Meu velho Watson! Você é o único ponto imutável numa era de transformação. De qualquer modo, ergue-se um temporal, vindo do leste, como nunca soprou outro igual sobre a Inglaterra. Será gélido e pungente e muitos de nós poderemos perecer sob as suas rajadas. Contudo, é enviado por Deus, e quando tiver passado, a nossa Pátria vai erguer-se, à luz do sol, mais pura, melhor e mais forte. Ponha o motor em marcha, Watson, e partamos, sem demora, pois já devíamos estar a caminho. Tenho um cheque de quinhentas libras, para receber no banco, e preciso sacá-lo, quanto antes, pois o indivíduo que o passou é bem capaz, se puder, de suspender o pagamento.



⁽⁹⁾ Termo proveniente, por deturpação, do étimo céltico *al boch*: o bode; sinônimo pejorativo, em gíria popular francesa, de “alemão”. (N. do T.)

O MISTÉRIO DO VALE DE BOSCOMBE

Certa manhã, estávamos eu e minha mulher tomando o café da manhã, quando a criada trouxe um telegrama de Sherlock Holmes:

“Tem dois dias disponíveis? Recebi do Oeste do país telegrama acerca tragédia Vale Boscombe. Gostaria você fosse comigo. Clima e paisagem perfeitos. Parto de Paddington 11h45.”

— Vai, querido? — sondou a minha mulher, que me observava por cima da mesa.

— Neste momento, não sei o que responder, pois tenho muitos pacientes...

— Ora! Você bem sabe que Anstruther pode substituí-lo, como já fez noutras ocasiões. Uma viagem só lhe faria bem, além do interesse que os casos de Mr. Sherlock Holmes sempre lhe despertam.

— Realmente, seria uma ingratidão se não mostrasse interesse, tendo em conta o que ganhei com um desses casos ⁽¹⁾ — respondi, significativamente. — Mas, se vou, tenho de fazer a mala imediatamente, pois só disponho de meia hora.

A minha experiência como combatente no Afeganistão produziu, pelo menos, um bom resultado: o de tornar-me mais rápido e sempre pronto para viajar. Nessa altura, as minhas necessidades pessoais são simples, pelo que depressa fiz a mala, tomei um trem e corri para a estação de Paddington.

Sherlock Holmes já se encontrava na estação, andando de um lado para outro, parecendo mais alto devido à capa cinzenta de viagem e ao boné de bandas, apertadas por baixo do queixo.

— Foi bom ter vindo, Watson, pois é muito importante para mim ter, por companhia, uma pessoa da minha inteira confiança; o auxílio da Polícia local é sempre fraco... ou parcial. Se quiser reservar dois lugares, em um canto, vou comprar os bilhetes.

⁽¹⁾ Referência ao romance *Signo dos Quatro* (no volume desta coleção), em que o Dr. Watson ficou noivo de Miss Morton, sua atual mulher. (N. do T.)

Viajamos sozinhos, num compartimento de primeira classe. Holmes trouxe um monte de jornais que consultava, tomando apontamentos, nos intervalos da sua rotineira meditação. Quando o trem parou, em Reading, enrolou os jornais e atirou-os para cima do porta-malas.

— Você já ouviu falar do caso do Vale de Boscombe?

— Nestes últimos dias, tive tanto trabalho que nem cheguei a ler os jornais.

— A reportagem de Londres não traz detalhes, mas passei os olhos por outros jornais e, aparentemente, este é um desses casos simples... que, contudo, apresentam certas dificuldades.

— Isso parece um paradoxo — critiquei-o.

— Mas é a verdade. A singularidade constitui sempre uma chave. Os crimes mais comuns tornam-se os mais difíceis de solucionar. Nesse caso, porém, estabeleceram uma gravíssima complicação com o próprio filho do assassinado.

— Trata-se, portanto, de homicídio?

— É o que a Polícia conjectura. Nada aceitarei como certo, enquanto não tiver oportunidade de estudar, pessoalmente, todas as premissas. Vou explicar-lhe, em poucas palavras, aquilo que percebi.

O Vale de Boscombe é um distrito rural, não muito longe de Ross, no Condado de Hereford. O proprietário de mais terras da região é um tal Mr. John Turner, que enriqueceu na Austrália e, há uns anos, regressou à terra natal. Uma das fazendas que possui, em Hatherley, estava arrendada a um certo Mr. Charles McCarthy, também vindo da Austrália. Os dois homens tinham se conhecido na colônia e, por isso, ao se aposentarem, procuraram, naturalmente, residir um perto do outro.

Turner era o mais rico dos dois, por isso McCarthy se tornou seu locatário, mas pareciam viver em boas relações, dado serem vistos freqüentemente juntos. McCarthy só tinha um filho, de 18 anos, e Turner tem uma única filha da mesma idade, sendo ambos os pais viúvos.

Parece que evitavam o convívio com as famílias inglesas da vizinhança, levando uma vida retirada, embora os dois apreciassem o desporto e freqüentassem as corridas de cavalo locais. Tinham apenas dois criados: um casal. Quanto a Turner, estava rodeado de meia dúzia deles.

A 3 de junho, isto é, na segunda-feira passada, McCarthy saiu de casa, em Hatherley, por volta das 15 horas, e dirigiu-se ao pequeno

Lago de Boscombe, formado pelo riacho que desce do vale de mesmo nome. Nessa mesma manhã, tinha saído com o criado, para ir até Ross, e dissera-lhe estar com pressa, pois tinha um encontro marcado para as 15 horas. Pois bem, não voltou vivo desse encontro.

A fazenda de Hatherley fica a cerca de 300 metros do Lago Boscombe e duas pessoas viram-no passar por lá: uma mulher já bastante idosa, cujo nome os jornais omitiram, e um guarda-florestal, William Crowder, que trabalha para Mr. Turner.

Ambas as testemunhas afirmaram que Mr. McCarthy seguia sozinho. Contudo, Crowder afirmou que, minutos depois de ter visto o velho passar, em direção à mata, também avistara o filho, seguindo no mesmo sentido, com uma espingarda debaixo do braço. O guarda-florestal ficou com a impressão de que o filho vigiava o pai, a distância.

Os dois McCarthy também foram vistos por outras pessoas. O Lago Boscombe está rodeado de arbustos, com uma estreita margem de erva alta e juncos. Uma garota de 14 anos, Pacience Moran, filha de um caseiro da fazenda do Vale de Boscombe, que estava colhendo flores, declarou tê-los visto na orla da mata e junto do lago, acrescentando que pai e filho estavam discutindo. Chegou a ouvir o velho McCarthy empregar uma linguagem ríspida para com o filho e viu este levantar a mão, como se quisesse bater no pai. Ficou com tanto medo, que contou à mãe ter receado que os homens fossem lutar. Mal acabara de contar isso, viu o rapaz entrar correndo na sua casa, pedindo socorro ao caseiro e dizendo que o seu pai estava morto, na mata. Parecia tremendamente excitado, estava sem chapéu e sem espingarda e tinha a manga direita da camisa manchada de sangue fresco.

Quando o caseiro o seguiu, ambos encontraram o corpo do velho, inerte, estendido sobre a erva, à beira do lago. A sua cabeça fora esmagada por diversas pancadas, dadas com um instrumento contundente, mas não cortante. Os ferimentos poderiam ser resultantes de coronhadas da espingarda do rapaz, encontrada junto do cadáver.

Nessas circunstâncias, o jovem foi imediatamente preso, tendo o delegado classificado o crime de “homicídio doloso”. Na quarta-feira, depois de ouvido pelo juiz Ross, esse entregou o caso à decisão do tribunal. São estes os principais fatos do crime, tal como foram apresentados ao médico-legista, na delegacia.

— Não pode haver circunstâncias mais condenatórias — comentei.
— Todas as provas circunstanciais incriminam o rapaz.

— A prova circunstancial — objetou Holmes — é, muitas vezes, ilusória. Pode demonstrar, claramente, determinado pormenor, mas se você alterar o seu ponto de vista, verificará que a mesma prova apontará, de maneira comprometedora, numa outra direção, completamente oposta. Contudo, os fatos acumulados contra o rapaz são muito graves e é possível que seja o culpado. Há diversas pessoas, na vizinhança, entre elas Miss Turner, filha do fazendeiro rico, que não acreditam na culpabilidade do jovem McCarthy e contrataram o inspetor Lestrade para averiguar o caso e procurar provas em defesa do rapaz. Lestrade está um pouco intrigado com as premissas e confiou-me o caso, a título particular. É por isso, Watson, que aqui estamos nós, dois senhores de meia-idade, viajando a caminho do Oeste, a 60 quilômetros por hora, em vez de estarmos almoçando calmamente, nas nossas próprias casas.

— É de lamentar, Holmes, que os fatos sejam tão óbvios, receio que você não possa conquistar grande prestígio nesta investigação.

— Nada há de mais enganador do que os fatos óbvios — replicou, rindo. — Além disso, podemos descobrir outros fatos, identicamente óbvios, que não foram notados por Lestrade. Você me conhece suficientemente bem para saber que não exagero, quando me proponho confirmar ou destruir uma teoria concebida por Lestrade, usando meios que ele seria incapaz de empregar... e até de compreender. É uma questão de maior acuidade de observação. Por exemplo, Watson, em relação à janela do seu quarto, posso afirmar, só por olhar para você, que ela se abre para o lado direito; contudo, duvido que Lestrade fosse capaz de notar um fato tão evidente para qualquer outro mortal.

— Essa é forte, Holmes! — protestei. — Como diabo...?

— Elementar, meu caro Watson. Eu o conheço bem e tenho apreciado os seus hábitos militares de escrupuloso asseio. Sei que faz a barba todas as manhãs e verifico que, nesta estação do ano, barbeia-se à luz do sol; porém, a sua barba fica menos bem-feita do lado esquerdo, parecendo descuido seu. Ora, é evidente que aquele lado da face não fica tão bem iluminado como o outro. Portanto, o que parece nem sempre é real, pois tenho a certeza de que se você recebesse a luz bem de frente, no rosto, as duas faces estariam barbeadas uniformemente. Cito isto apenas

como exemplo vulgar de observação e dedução. É esse o meu *métier*... Há um ou dois pormenores menos importantes que foram apresentados no inquérito oficial e que merecem alguma atenção.

— Quais foram?

— Parece que o rapaz não foi logo preso, mas só depois de ter regressado a Hatherley. Quando o inspetor informou ter de prendê-lo, o jovem McCarthy não se mostrou surpreendido e declarou que o merecia. Nada mais. O fato de ter dito isso, naturalmente, removeu qualquer dúvida da mente do júri.

— Não há dúvida de que se tratou de uma confissão!

— Não, porque foi imediatamente seguida de um protesto de inocência.

— O quê? — admirei-me. — Após uma série de provas tão condenatórias?

— Pelo contrário. É a mais brilhante claridade surgida, até agora, entre as nuvens. Por mais ingênuo que seja, o rapaz não podia deixar de ver quão negras eram as circunstâncias que o implicavam. Se tivesse fingido surpresa, ao ser detido, ou simulado indignação, eu considero-lo bastante suspeito, porque isso não seria natural em tais circunstâncias, embora parecesse a melhor política para um homem intrigante e maquinador. A franca aceitação da situação indica que se trata de um inocente... ou de um indivíduo com grande domínio sobre si próprio. Quanto a ter declarado que a prisão era o destino que merecia, não deixa de ser natural, se nos lembrarmos que se achava perto do cadáver do pai e que, naquele mesmo dia, se esquecera dos seus deveres filiais, tendo levantado a mão para o seu progenitor, tal como a garota testemunhou. Ora, a contrição íntima do rapaz revela uma mentalidade sã e não a de uma pessoa culpada.

Inclinei a cabeça e Holmes acrescentou:

— Muitos homens têm sido condenados injustamente, apenas porque as suas palavras e os seus gestos foram mal interpretados.

— Qual a versão do rapaz sobre o caso? — interessei-me.

— Creio que não lhe é muito propícia, conquanto haja um ou dois pontos sugestivos a seu favor. Se quiser, pode lê-los.

Do rolo dos jornais tirou um exemplar do *Hereford News* e, depois de dobrar a página e apontar o parágrafo onde estava o depoimento do jovem

McCarthy, passou para as minhas mãos. Encostei-me em um canto do banco e li:

Mr. James McCarthy, único filho do falecido prestou as seguintes declarações:

— Durante três dias, andei em viagem e estive em Bristol e só voltei na manhã de segunda-feira passada, dia 3. Quando cheguei, o meu pai não se encontrava em casa e a criada informou-me que ele tinha ido a Ross, com o cocheiro John Cobb. Mais tarde, ouvi o ruído do rodado da carruagem, no empedrado do pátio e, espreitando pela janela, vi o meu pai apear-se mas, em vez de entrar em casa, partiu apressadamente pelo portão do pátio. Do ponto onde me encontrava, não me era possível saber que direção tomara. Em seguida, peguei minha espingarda e fui até o Lago de Boscombe, para dar uma olhadela à coutada de coelhos que temos na margem oposta. No caminho, avistei William Crowder, o guarda-florestal, que se enganou ao declarar que eu seguia o meu pai. A verdade é que eu nem fazia a mínima idéia de que ele caminhava à minha frente.

Quando cheguei a cerca de 150 metros do lago, ouvi o grito “Cu-u-í-i”, que era o sinal que meu pai e eu usávamos para nos chamarmos, a distância. Estuguei o passo e fui encontrá-lo junto do lago. Mostrou-se muito admirado por ver-me ali, pois não sabia que eu já tinha regressado de Bristol, e perguntou-me por que motivo viera ter com ele, tão apressadamente. Respondi-lhe ter ouvido o seu grito e ele negou ter me chamado. Começou logo a discutir comigo, a respeito de um outro assunto, insultou-me e fez-me exasperar. Meu pai era um homem de temperamento muito violento e, prevendo que fosse bater-me, levantei o braço, para aparar um golpe, mas ele não me agrediu. Então, achei melhor regressar à fazenda de Hatherley, para evitar o pior.

Ainda não percorrera 300 metros, quando ouvi um grito horrível. Voltei para trás correndo, e fui encontrar o meu pai caído no chão, moribundo, terrivelmente ferido na cabeça. Larguei a espingarda e segurei-o nos braços, mas expirou quase imediatamente. Por alguns momentos, fiquei ajoelhado a seu lado. Depois, fui pedir auxílio na casa do caseiro de Mr. Turner, que era a mais próxima do local onde o meu pai fora morto.

“Quando encontrei o meu pai, não vi ninguém perto dele e não imaginei como puderam feri-lo daquela maneira. Sei que não era um homem sociável, pois tinha um jeito frio e ríspido, mas nunca conheci nenhum inimigo seu. Nada mais sei a respeito do caso.

Mais abaixo, o artigo transcrevia o interrogatório:

O juiz inquiriu:

— O seu pai fez-lhe alguma declaração, antes de morrer?

O depoente:

— Murmurou algumas palavras ininteligíveis e só percebi que se referia a um rato.

O juiz:

— Que quis dizer com isto?

O depoente:

— Não pude compreender. Pensei que estivesse delirando.

O juiz:

— Qual foi o motivo da discussão que travou com o seu pai?

O depoente:

— Prefiro não mencionar o motivo.

O juiz:

— Nas presentes circunstâncias, vejo-me forçado a insistir nesse ponto.

O depoente:

— Devo persistir na minha recusa em mencioná-lo.

O juiz:

— Esse grito, “Cu-u-í-i”, era um sinal de chamamento usado pelo senhor e pelo seu pai?

O depoente:

— Sim.

O juiz:

— Nesse caso, por que motivo ele emitiu esse grito antes de tê-lo visto... e antes mesmo de saber que o senhor já regressara de Bristol?

O depoente:

— Não sei; não consigo arranjar explicação...

Um membro do júri interveio:

— O senhor nada viu de suspeito quando se virou, ao ouvir o grito de dor, nem quando correu para junto de seu pai, moribundo?

O depoente:

— Nada de conclusivo.

O juiz:

— Que quer dizer com isso?

O depoente:

— Ao voltar para trás correndo, estava tão perturbado que não pensei em coisa alguma, a não ser no meu pai. Contudo, tenho uma vaga impressão de que, na corrida, notei qualquer objeto no chão, à minha esquerda... Talvez um casaco ou uma capa de cor cinzenta... Mas, quando saí de junto de meu pai, essa peça de roupa já lá não estava.

O juiz:

— Quer dizer que desapareceu, antes de o senhor ter ido pedir auxílio?

O depoente:

— Sim, desaparecera... isto é, já não a vi.

O juiz:

— Não pode precisar de que objeto se tratava?

O depoente:

— Não. Tive apenas o pressentimento de que estava ali qualquer coisa que não era erva, nem arbusto, pois pareceu-me ter cor cinzenta... e presumi que fosse roupa.

O juiz:

— A que distância do corpo?

O depoente:

— A cerca de quinze metros... mais ou menos.

O juiz:

— Nesse caso, se esse objeto foi retirado, isso sucedeu quando o senhor se encontrava a apenas quinze metros dele?

O depoente:

— Sim. Como disse, essa seria a distância aproximada... mas encontrava-se atrás de mim, quando me ajoelhei junto ao meu pai, procurando perceber o que ele tentava me dizer... se é que não estava apenas delirando.

E com esta última resposta, terminou o interrogatório.”

— Parece que o juiz foi bastante severo para com um filho que acabava de perder o pai — comentei, ao terminar a leitura. — Chamou-me a atenção para certas discrepâncias, como a de o velho McCarthy ter chamado o rapaz, sem o ter visto e sem saber que ele já regressara de Bristol; como a dos pormenores quanto à alteração entre ambos cujo motivo se desconhece e o jovem se recusou a mencionar, e também o fato singular de as últimas palavras do moribundo não fazerem sentido. Nas entrelinhas, todas essas discrepâncias podem ser interpretadas como falsidade e, conseqüentemente, provas circunstanciais contra o rapaz.

Holmes riu, brandamente, e estendeu-se preguiçosamente na almofada corrida do banco.

— Analisando o interrogatório, sob outro prisma, parece-me que tanto o juiz, como você, Watson, tiveram o cuidado de destacar os argumentos, não contra, mas a favor do jovem McCarthy. Não vê que lhe atribuem uma imaginação ora deficiente, ora excessiva? Deficiente porque, se pudesse inventar um motivo de discussão coerente, poderia atrair a simpatia do júri; e excessiva, porque, quando mencionou ter o moribundo feito referência a um rato e ter o objeto cinzento desaparecido, como que evaporado no ar, esses dois fatos são pouco críveis. Eu parto do princípio de que o rapaz falou a verdade. Aonde é que esta hipótese nos conduz? Agora vou ler o meu Petrarca, em edição de bolso, e não direi mais uma palavra, até chegarmos ao nosso destino. Proponho que comamos qualquer coisa, em Swindon, onde chagaremos, dentro de uns vinte minutos.

Eram quase quatro horas da tarde, quando, depois de passarmos pelo belo vale de Stroud, acima do largo e brilhante rio Severn, desembocamos na agradável cidadezinha de Ross.

Um homem magro, de feições afuniladas, como as de um furão, e com um olhar furtivo, aguardava-nos no cais da estação. Apesar do seu guarda-pó e das polainas que usava por deferência para com o ambiente rústico, não tive dificuldade, mesmo ao longe, de reconhecer o inspetor Lestrade da Scotland Yard.

De carruagem, fomos até o Hereford Arms, onde o policial já reservara um quarto com duas camas, para Holmes e para mim.

Enquanto tomávamos uma chávena de chá, Lestrade anunciou, dirigindo-se ao meu amigo:

— Já conheço a sua natureza ativa e sei que não ficará satisfeito enquanto não for ao local do crime. Portanto, arranji-lhe uma carruagem.

— Foi muito amável da sua parte e agradeço essa prestimosa diligência... mas trata-se de uma questão de pressão atmosférica.

Lestrade fitou-o, confuso.

— Não compreendo.

— Quanto registra o barômetro?... A agulha aponta para o 29. Não há vento, nem uma única nuvem no céu. Tenho aqui o meu cachimbo que pretendo fumar, paulatinamente, e este sofá é muito mais confortável do que aqueles que habitualmente mobíliam as instalações, nas abomináveis pousadas rurais. Obrigado por tudo, Lestrade, mas, esta tarde, vou prescindir da carruagem.

O inspetor riu-se, complacente.

— Decerto, já tirou as suas conclusões, baseado nas reportagens dos jornais. O caso é tão claro como a água e, quanto mais o estudar, mais límpido se lhe apresenta. Contudo, ninguém deve recusar o pedido de uma jovem, aliás bastante positiva nos seus argumentos. Miss Turner ouviu falar de você, Mr. Holmes, e teima em auscultar a sua opinião, embora eu lhe tenha repetido que, neste caso, o senhor nada mais poderá fazer do que aquilo que eu já fiz... Olhe, aqui vem ela! Terá de aturá-la...

Interrompeu-se ao ver entrar a jovem, apressadamente. Era invulgarmente formosa, com olhos cor de violeta. Tinha os lábios entreabertos, estava levemente corada pela excitação do momento e, na sua aflição, desfez-se da natural reserva, exclamando:

— Oh, Mr. Holmes!

Depois, notando sermos dois, sua intuição feminina levou-a a prosseguir, dirigindo-se também ao meu amigo:

— Estou tão contente com sua presença aqui! Vim exclusivamente para dizer-lhe isso. Estou certa de que James não cometeu o crime. Desejo que o senhor comece sua investigação partindo dessa base. James e eu nos conhecemos desde criança e sei quais são suas imperfeições... mas é tão sensível que seria incapaz de fazer mal a uma mosca! Para quem o conhece de perto, a acusação de que é alvo torna-se absurda... abominável!

— Espero que possamos provar sua inocência, Miss Turner — animou-a Holmes. — Pode estar certa de que faremos todo o possível para consegui-lo.

— Se o senhor já leu o depoimento, deve ter chegado a alguma conclusão. Deparou com qualquer falha ou erro? Não acha que James é inocente?

— É provável que o esteja.

Virando-se para Lestrade, a jovem animou-se:

— Ouviu? Vê como Mr. Holmes me dá esperanças?

O inspetor encolheu os ombros e resmungou:

— Receio que meu colega tenha formulado suas conclusões com excessiva precipitação.

— Mas Mr. Holmes tem razão. James nada fez de mal e, quanto à discussão que teve com o pai, estou certa de que nada quis dizer ao júri, porque estou envolvida no assunto.

— De que maneira? — interessou-se Holmes.

— Já não devemos esconder seja o que for. James e o pai têm andado às turras por minha causa. Mr. McCarthy queria, de qualquer modo, que nós nos casássemos o quanto antes, ainda mais que sempre nos amamos... Mas James é demasiado novo e pouco conhece da vida, e acha que ainda é cedo para constituir um lar. Tenho certeza de que esse foi o motivo da discussão na mata.

— E seu pai, Miss Turner, também é a favor dessa união?

— Nunca se opôs abertamente... mas quem sempre insistiu nela foi o velho McCarthy.

A jovem corara, e Holmes sorriu compreensivamente.

— Muito obrigado por essa informação. Acha que seu pai me recebe, se eu for visitá-lo, amanhã?

- Bem... Receio que o médico se oponha...
- O médico? Seu pai está doente?
- Não sabia disso, Mr. Holmes? Sua saúde tem piorado, de ano para ano, e esse crime abalou-o profundamente. Está de cama e o Dr. Wilson chegou à conclusão de que tem um esgotamento nervoso... incurável.
- Sabe se seu pai era amigo íntimo de Mr. McCarthy?
- Mr. McCarthy era o único homem, ainda vivo, que conviveu com meu pai em Vitória.
- Ah! Em Vitória! Isso é importante!
- Sim, nas minas.
- Foi nessas minas que seu pai fez fortuna, Miss Turner?
- Exatamente.
- Obrigado. Essa nossa conversa me foi, realmente, muito útil.
- Amanhã o senhor poderá me avisar se houver alguma novidade? Certamente, pretende ir à cadeia falar com James. Se lá for, Mr. Holmes, diga-lhe que nunca duvidei da sua inocência.
- Não me esquecerei disso, Miss Turner.
- Agora, preciso voltar para casa, porque meu pai está muito doente e sente sempre minha ausência. Até breve e que Deus o ajude em sua investigação.
- Saiu da sala tão impulsivamente como tinha entrado e, instantes depois, ouvimos as rodas da carruagem descendo a rua.
- Lamento o que fez, Mr. Holmes — condenou Lestrade, com dignidade, após alguns momentos de silêncio. — Deu a essa jovem uma esperança que resultará num enorme desapontamento. Não sou muito sentimental, mas acho isso cruel.
- Pois eu creio que já vislumbro a maneira de livrar James McCarthy — replicou Holmes. — Você já arranjou uma autorização para visitar o rapaz na cadeia?
- Sim, obtive uma licença especial, mas só para nós dois... Não sabia que o Dr. Watson...
- Nesse caso, vou reconsiderar aquela minha resolução anterior de ficar aqui, em repouso. Teremos tempo para apanhar o trem de Hereford e vê-lo ainda hoje?
- Suficiente.

— Então, façamos isso... Receio, Watson, que vá achar tudo isto demasiado calmo, mas só estarei ausente uma ou duas horas.

Acompanhei-os à estação e, depois, dei um passeio pelas ruas da pequena cidade. Quando regresssei à pousada, estirei-me no sofá e esforcei-me em ler um romance de “capa amarela” ⁽²⁾. O enredo do crime era tão simples, em comparação com o enigma com que deparávamos, e minha atenção desviava-se tantas vezes da ficção para a realidade, que acabei deixando o livro num canto e comecei a rememorar os fatos que aprendera nesse dia.

Supondo-se que a versão do infeliz rapaz fosse verídica, que espécie de calamidade tremenda ocorreria, entre o momento em que ele deixara o pai e aquele em que, atraído pelo grito de dor, voltara atrás e assistira a seus últimos momentos?

O golpe devia ter sido produzido por uma arma terrivelmente contundente... mas, que tipo de arma? Incentivado pelo meu instinto de médico, toquei a campainha e pedi ao mensageiro que me trouxesse o semanário local que transcrevia, pormenorizadamente, o inquérito oficial.

Segundo a declaração do médico-legista, a parte posterior do osso parietal esquerdo e o lado esquerdo do occipital tinham sido esmagados pelo impacto de um objeto pesado. Portanto, concluí que o golpe fora dado por trás. Até certo ponto, esse fato era a favor do acusado, visto que, durante a discussão, este estava de frente para o pai. Evidentemente, o velho podia ter-se virado para trás, antes de receber a pancada, traçoeria... o que me parecia bastante improvável.

Deveria ser considerada também a referência a um rato, feita pelo moribundo: contudo, geralmente um homem agredido numa luta que lhe causa a morte não apresenta delírios febris instantâneos.

Finalmente, o jovem McCarthy mencionara ter visto algo que lhe sugerira uma peça de vestuário cinzenta. Se era verdade, o assassino deveria ter deixado cair uma peça de roupa, durante sua fuga apressada e, posteriormente, fora bastante ousado para ir recuperá-la, quando o rapaz se achava de costas, ajoelhado junto do pai, a poucos metros de distância.

⁽²⁾ No período em que Arthur Conan Doyle escreveu esta novela, os romances de mistério, de crime, de tema policial, já tinham conquistado o interesse do grande público e a coleção dita de “capa amarela”, fora, então, muito divulgada. (N. do T.)

Não me admirei com a opinião de Lestrade, mas, ao mesmo tempo, tinha tanta fé na perspicácia de Sherlock Holmes, que não pude abandonar as esperanças quanto à inocência do jovem McCarthy.

Já era tarde quando Holmes regressou à pousada. Viera sozinho, porque o inspetor estava alojado na cidade.

— O barômetro continua a assinalar uma alta pressão — observou, ao sentar-se. — É importante que não chova antes de examinarmos o local. Devemos estar bem dispostos para uma pesquisa dessa natureza. Não me convinha pôr mãos à obra, após uma longa viagem, que sempre nos indis põe... Fui ver o jovem McCarthy.

— Que lhe disse ele?

— Absolutamente nada. A certa altura, estive quase inclinado a pensar que o rapaz ocultava o nome do criminoso, mas acabei por convencer-me de que está tão intrigado como qualquer de nós. Não parece possuir uma inteligência brilhante, mas é de trato agradável e, segundo penso, franco e honesto.

— Não percebo por que diabo não quis casar-se com uma jovem tão atraente como Miss Turner.

— Eis uma situação lamentável... O rapaz está louco por ela, mas, há uns dois anos, sendo ainda pouco mais do que um garoto e antes de conhecê-la (pois estive internado num colégio durante cinco anos), teve uma paixão idiota por uma criada de um bar de Bristol e cometeu a asneira de casar com ela no civil. Ora, ninguém sabe desta sua “cabeçada”. Por conseguinte, Watson, imagine o que sofria ao ser repreendido pelo pai, por adiar um casamento que ele desejava mais do que tudo, mas... impossível. Foi o desespero dessa situação que o levou a discutir com o velho, quando este insistia para que ele pedisse a mão de Miss Turner.

Por outro lado, não teria meios para sustentar-se; o pai era um homem duro e iria repudiar, se soubesse a verdade. Foi com aquela mulher que o rapaz passou esses três dias em Bristol... e o pai não sabia de seu paradeiro.

A criada, tendo lido nos jornais que o marido estava em vias de ser enforcado, decidira separar-se dele, para sempre, e escreveu-lhe, informando-o de que já tinha outro marido, nas Ilhas Bermudas. Portanto, presentemente, já não há nada que os prenda. Essa notícia deixou o jovem McCarthy bastante conformado, apesar de tudo que tem sofrido.

— Mas se ele é inocente, quem diabo cometeu o crime?

— Quero chamar sua particular atenção, Watson, para duas premissas essenciais: o falecido tinha um encontro marcado com alguém, perto do lago, e esse alguém não podia ser o filho, visto que este se encontrava ausente de casa e o pai não sabia quando ele regressaria; a segunda, é ter o velho McCarthy gritado “Cu-u-í-i” antes de saber que o filho se encontrava por perto. Esses são os dois pontos fundamentais do caso. “E agora, meu caro, falemos de George Meredith ⁽³⁾ e deixemos os outros pontos para amanhã.”

Como Holmes previra, não choveu e o dia amanheceu claro e sem nuvens. Às 9 horas, Lestrade apareceu com uma carruagem e partimos, os três, para a fazenda de Hatherley, junto ao Lago de Boscombe.

— Tive péssimas notícias — começou por anunciar o inspetor. — Mr. Turner, do Hall, está tão doente que já não há esperanças de salvar-lhe a vida.

— É um homem de idade... — calculou Holmes.

— Só tem 60 anos, mas sua constituição física foi muito depauperada com a vida que levou na Austrália e, ultimamente, deixou-se enfraquecer demasiado. Era um velho amigo de McCarthy e, pelos vistos, também seu benfeitor, pois lhe entregou a fazenda de Hatherley sem receber por ela um centavo. Ofereceu-lha, de graça!

— Isso é muito interessante — comentou Holmes.

— E ajudou-o de muitas outras formas. Todos, por aqui, falam de sua generosidade para com o falecido.

— Realmente? Não lhe parece estranho, Lestrade, que esse McCarthy, não possuindo praticamente coisa alguma e devendo tantos favores a Mr. Turner, ousasse insistir no casamento do seu filho com a filha do amigo, presumível herdeira de uma considerável fortuna? O mais estranho é sabermos que o próprio Turner se opunha, de certo modo, a esse casamento, como nos contou sua própria filha. Você não tira uma conclusão desses fatos?

— Então, Mr. Holmes! — suspirou o inspetor, piscando-me o olho. — Lá vem o senhor com suas deduções e conclusões! Já é bastante difícil

⁽³⁾ *Escritor inglês (1828-1909), nascido em Plymouth (onde vivia Arthur Conan Doyle), um dos pioneiros dos temas psicológicos e autor do romance O Egoísta, obra padrão desse gênero literário, e poeta cheio de sutileza e fantasia. (N. do T.)*

analisar os fatos sem ficarmos divagando com teorias fantásticas! Não há dúvida de que McCarthy foi morto pelo próprio filho, na exaltação de uma zanga mútua, e tudo o mais não passa de fantasias lunáticas.

— Contudo — recitou Holmes —, “o luar é mais claro que a neblina”... Suponho que isso, aí à esquerda, seja a fazenda de Hatherley, não?

— Exatamente.

Era uma grande construção, certamente ampla e confortável, com dois pisos, um empinado telhado de placas de ardósia e paredes exteriores cobertas por líquenes. As cortinas estavam fechadas e as chaminés, sem fumo, davam-lhe um aspecto de abandono, como se o peso da tragédia a deprimisse.

Batemos à porta e, a pedido de Holmes, a criada mostrou-nos as botas que o patrão usava quando fora assassinado e também outras, do filho, embora não fossem as mesmas que levava calçadas, nessa ocasião.

Depois de tê-las examinado e medido, meu amigo pediu-lhe que nos levasse ao pátio, de onde seguimos o caminho tortuoso que conduzia ao Lago de Boscombe.

Sempre que iniciava um caso daquela natureza, Sherlock Holmes parecia transformar-se. Quem o conhecia apenas como pensador tranquilo e lógico, em seu refúgio da Baker Street, não o teria reconhecido naquele momento, em pleno campo. Excitado, com o rosto inclinado para diante e os ombros curvos, tinha as veias do pescoço entumecidas e os tendões tensos como cordas de chicote. As narinas pareciam dilatar-se, como as de um cão de caça, e ficava tão concentrado em suas pesquisas que uma pergunta ou mera observação de outrem lhe provocava, quando muito, um inesperado rosnado como resposta.

Rápida e silenciosamente, caminhou até o Lago de Boscombe, por uma trilha úmida, por vezes pantanosa, com vestígios de muitas pegadas.

De quando em quando, Holmes adiantava-se, ou parava repentinamente. Lestrade mostrava-se indiferente e desdenhoso, enquanto eu observava meu amigo com a convicção de que cada ação sua tinha um objetivo definido.

O Lago de Boscombe, lençol de água circundado de juncos, com cerca de 80 metros de diâmetro, situava-se, como zona limítrofe, entre a fazenda de Hatherley e o parque particular de Mr. Turner. Acima da mata que o rodeia e do lado oposto, podia avistar-se o telhado vermelho

da residência daquele rico proprietário. Do lado de Hatherley, a mata era mais densa e fechada, com uma estreita passagem, coberta de erva molhada, que se estendia por entre a orla das árvores e a dos juncos que ladeavam o lago.

Lestrade apontou-nos o local exato onde o cadáver fora encontrado. Para Holmes, como pude depreender por seu olhar penetrante, muitos outros pormenores pareciam evidentes na erva pisada. Voltando-se para o inspetor, indagou:

— Com que finalidade você entrou no lago?

— Para pesquisá-lo com um ancinho. Pensei que talvez houvesse qualquer arma ou objeto contundente... atirado lá para dentro... Mas, Mr. Holmes! Como diabo é que...?

— Por essas pegadas. Esse seu pé esquerdo, ligeiramente metido para dentro, está por toda a parte! Até uma toupeira seria capaz de segui-las, mesmo por entre os juncos. Que pena eu não ter vindo aqui, antes de vocês terem pisado este terreno, como uma manada de búfalos! Eliminaram todos os vestígios ao redor do “corpo”. Contudo, conservaram-se três marcas distintas e separadas, do mesmo pé.

Tirou a lente do bolso e deitou-se no chão, sobre a capa, para examinar tais marcas mais cuidadosamente, falando, mais para si próprio do que para nós:

— Estas são as pegadas do jovem McCarthy. Caminhou, devagar, duas vezes, nos dois sentidos e, uma terceira, correu para o local do crime, visto que, neste caso, as solas das botas afundaram-se bem na erva, mas os saltos estão pouco visíveis. Esse indício confirma sua versão de ter corrido, quando ouviu o grito de dor e viu o pai caído. Aqui estão as pegadas do velho McCarthy, quando caminhou para o local onde o filho, mais tarde, foi ao seu encontro... Que é isto?... Uma marca de coronha de espingarda, certamente pousada no chão pelo rapaz, enquanto ouvia as recriminações do pai... E que temos aqui?... Sinais de pontas de pés, calçados com botinas de ponta quadrada. Estas pegadas vão e voltam, no sentido inverso... Provavelmente são as do assassino, para recuperar a capa... De onde será que veio, até chegar aqui?

Holmes começou a andar, em várias direções, por vezes perdendo a pista que seguia, até que chegamos perto da orla da mata, sob a sombra de uma grande faia, que era a maior árvore da vizinhança. Holmes contornou-a, examinou o chão e soltou um grito de regozijo. Depois, demorou-se

bastante, removendo folhas e pequenos galhos secos, recolhendo do solo o que parecia ser apenas pó e guardando-o num envelope.

Com a lente, também observou, atentamente, a casca da árvore, até onde sua altura podia alcançar. Depois, descobriu um pedregulho, caído no musgo, e guardou-o com particular cuidado, após envolvê-lo no lenço. Em seguida, dirigiu-se em direção à estrada onde a pista desapareceu por completo, não apresentando mais indícios.

— Foi deveras interessante — comentou, recuperando seu habitual bom humor, sempre que uma pesquisa lhe corria a contento. — Presumo que essa casa cinzenta, aqui à esquerda, seja a do caseiro. Acho conveniente conversarmos um pouco com esse Mr. Moran... Talvez também me convenha escrever um bilhete... Depois, poderemos regressar à base... Olhem, sigam vocês de carruagem, que eu estarei na pousada dentro de minutos.

Voltamos para Ross. Mais tarde, quando Holmes nos reuniu, exibiu a pedra que trouxera consigo.

— Talvez isto lhe interesse, Lestrade. O homicídio foi cometido com este calhau.

O inspetor mostrou-se meio desconfiado, meio espantado:

— Mas eu não vejo nele marca alguma!

— Não tem marcas.

— Então, como afirma que foi o instrumento do crime?

— Porque a erva já começava a crescer por debaixo dele. Há poucos dias que ali estava e, por perto, não se vê sinal algum do lugar de onde tivesse sido arrancado do solo. Se reparar bem, notará que corresponde ao tipo de ferimento que causou... e não há vestígio de nenhuma outra arma.

— E... o assassino?

— É um homem alto, canhoto e coxo de uma perna; calça botinas de caça, com solas grossas, e usa uma capa cinzenta; fuma charutos indianos, usa boquilha e tem um canivete que corta mal. Há diversos outros indícios, mas esses já bastam para ajudar-nos em nossas pesquisas.

Lestrade riu sem constrangi-lo:

— Desculpe mostrar-me incrédulo, Mr. Holmes... mas, por muito boas que sejam suas teorias, não podemos deixar de contar com as cabeças duras de um júri britânico.

— *Nous verrons* ⁽⁴⁾ — respondeu meu amigo, calmamente. — Você trabalha à sua maneira e eu aplicarei meus métodos. Esta tarde, estarei ocupado e, provavelmente, regressarei a Londres, no trem da noite.

— Vai abandonar o caso, ainda sem terminar?

— Já terminou.

— Mas o mistério...?

— Já está resolvido.

— Nesse caso, quem é o criminoso?

— O homem que descrevi.

— Mas quem diabo será ele?

— Não deve ser difícil descobri-lo. A vizinhança é reduzida e a população da vila também é escassa.

Lestrade encolheu os ombros e retorquiu:

— Sou um homem prático e não posso andar pelos campos, à cata de um canhoto, coxo de uma perna. Seria ridicularizado por todos os meus colegas da Scotland Yard!

Depois de Lestrade se retirar, fomos almoçar. Holmes mantinha-se silencioso e notei que tinha um certo ar confuso. Só depois de terem tirado a toalha da mesa, dirigiu-me a palavra:

— Venha cá, Watson. Sente-se nesta cadeira, pois preciso pedir-lhe uma opinião. Acenda um charuto e deixe-me expor-lhe minhas idéias.

— Tenho imenso interesse em ouvi-lo.

— Ao considerar esse caso, deparamos com dois pontos, na narrativa do jovem McCarthy, que chamaram nossa atenção, logo de início: o de o pai ter gritado “Cu-u-í-i”, antes de tê-lo visto, e o de sua referência a um rato. O moribundo murmurou diversas palavras, mas a única palavra que o filho conseguiu entender foi “rato”, ou seja, o último vocábulo. Esses dois pontos constituíram a base de nossa investigação. Começemos por admitir que o rapaz falou a verdade.

— Por que diabo gritou “Cu-u-í-i”? — estranhei. — Que raio de grito é esse?

— Evidentemente, ao soltar esse grito, não o dirigia ao filho, que ele supunha em Bristol. Portanto, destinava-se a chamar outra pessoa com quem tinha um encontro marcado. “Cu-u-í-i” é um brado de chamamento

⁽⁴⁾ “*Vêremos*”, em francês, no texto. (N. do T.)

usado pelos australianos. Por conseguinte, há grandes possibilidades de que o indivíduo que McCarthy pretendia encontrar, também tivesse estado com ele na Austrália.

— É admissível... mas, o rato?

Sherlock Holmes extraiu do bolso um papel dobrado e estendeu-o em cima da mesa.

— Eis um mapa da colônia de Vitória — elucidou. — Telegrafei para Bristol, pedindo que me mandassem um, ontem à noite.

Colocou a mão sobre uma parte do mapa e sondou:

— O que você lê aqui?

— ARAT⁽⁵⁾.

— E agora? — inquiriu, levantando a mão do mapa.

— BALLARAT.

— Justamente. Foi esta palavra que o velho proferiu, antes de morrer, e o filho apenas ouviu as duas últimas sílabas. Sem dúvida, pretendia acusar o assassino, mencionando o nome e a origem: Fulano, de Ballarat.

— É fantástico! — exclamei.

— É claro como água. Bem vê que, dessa maneira, diminui consideravelmente o campo de nossas pesquisas. A capa cinzenta era outro ponto que também pode ser verídico. Portanto, saímos da vaga suposição, para entrarmos na concepção definitiva de um australiano de Ballarat, que usa uma capa cinzenta.

— Certamente!

— É um homem que conhece bem esta zona, visto que o lago só pode ser atingido pela fazenda ou pela plantação, onde se torna quase impossível a passagem de pessoas estranhas. Durante nossa expedição de hoje, ao examinar o solo, acrescentei os pequenos pormenores que tive o cuidado de transmitir àquele imbecil do Lestrade.

— Mas como conseguiu uma descrição tão completa da sinalética do criminoso?

— Meu caro Watson, você já conhece meu método, sempre baseado em coisas aparentemente triviais. A altura do homem podia deduzir-se, facilmente, pela largura de seus passos, e as botinas identificavam-se por suas características.

⁽⁵⁾ "ARAT", em inglês, soa como "um rato". (N. do T.)

— Sim, eram botinas especiais, de biqueira quadrada... Mas, quanto a ser coxo?

— A impressão do pé direito era sempre mais indistinta do que a do esquerdo. Por quê?... Porque coxeava.

— Mas, como pôde afirmar que era canhoto?

— Então, Watson! Você mesmo ficou surpreso com a natureza do ferimento, segundo a descrição do médico-legista, inserta no processo de inquérito e publicada nos jornais. A pancada foi dada por trás da vítima. Mas do lado esquerdo. Ora, como poderia suceder isso se o assassino não fosse canhoto? Ele se colocou atrás daquela grande árvore, durante a discussão entre pai e filho. Até fumou, pois descobri cinza de charuto... e meus estudos especializados acerca de vários tipos de tabaco e de suas características permitem-me afirmar que o charuto era indiano. Você bem sabe que escrevi uma pequena monografia científica a respeito de 140 variedades diferentes de tabaco, para cachimbo, cigarro e charuto. Tendo encontrado a cinza, olhei ao redor e encontrei também a “ponta”, entre os líquenes para onde ele a atirara. Era um charuto indiano, e não um *habano* ou qualquer outro de uma qualidade produzida em Roterdã.

— E a boquilha? Decerto o assassino não a jogou fora.

— Vi que a ponta do charuto não tinha estado na boca do fumador, pois não tinha marcas de dentes, para segurá-lo, nem apresentava a deformação provocada pela umidade dos lábios, que sempre amolece a ponta. Portanto, usava boquilha. Essa ponta fora cortada por uma lâmina, e não pelos dentes, como é mais habitual. Contudo, o corte era irregular, pelo que deduzi que a lâmina seria de um canivete mal afiado.

— Meu caro Holmes, você enredou esse homem, de tal maneira, que já não poderá fugir, e salvou a vida de um inocente... como se tivesse cortado a corda da força em que já estava suspenso! Agora, já entrevejo que o culpado é...

— Mr. John Turner — anunciou o mensageiro do hotel, abrindo a porta de nossa sala de estar, onde tínhamos almoçado, e dando entrada ao visitante.

Era um indivíduo de figura impressionante. Seus passos vagarosos e hesitantes, seus ombros curvos, davam-lhe uma aparência de velhice; contudo, as feições duras, enrugadas e os enormes braços e pernas indicavam que possuía uma força física e tenacidade pouco vulgares.

Trazia a barba e o cabelo, grisalhos, em desalinho, sobrancelhas fartas, pendendo sobre as pálpebras e, apesar do ar de dignidade de sua expressão, estava anormalmente pálido, com os cantos das narinas levemente azulados, tornando evidente, para mim, como médico, que sofria de uma doença grave.

— Tenha a bondade de sentar-se — convidou Holmes, polidamente.
— O senhor recebeu meu bilhete?

— Sim, pelo caseiro. O senhor sugeriu-me que eu viesse falar-lhe, aqui, para evitar um escândalo... mas não percebo...

— Quis evitar que as pessoas da região fizessem comentários, se eu fosse procurá-lo no Hall.

— Mas por que motivo deseja falar-me?

Ao pronunciar essa pergunta, olhou para meu amigo com um ar desesperado, como se já estivesse à espera da devida resposta.

— A respeito de Mr. McCarthy... Tal como já deve supor, estou a par de tudo.

O velho cobriu o rosto com as mãos e balbuciou:

— Tenha... tenha dó de mim!... Juro-lhe que não deixaria de confessar toda a verdade, se o rapaz fosse condenado pelo tribunal.

— Regozijo-me por ouvi-lo dizer isso — declarou Holmes, solenemente.

— E até teria falado antes... se não fosse causar um grande desgosto a minha filha. Ficará com o coração despedaçado, quando souber que fui preso.

— É possível não se chegar a esse extremo.

— Como assim?

— Não sou um policial oficial. Como detetive particular, tenho certas prerrogativas de sigilo. Foi sua filha quem requereu minha intervenção no caso e estou apenas agindo no interesse dela. Contudo, o jovem McCarthy tem de ser inocentado da acusação e posto em liberdade.

— Estou quase moribundo, Mr. Holmes. Sofro de diabetes, há muitos anos, e meu médico considera duvidoso que eu sobreviva mais um mês... Contudo, preferiria morrer sob meu teto a ter de falecer na prisão.

Holmes foi sentar-se à mesa, com a caneta na mão, diante de umas folhas de papel.

— Diga-nos a verdade, Mr. Turner, que eu a registro por escrito. O meu amigo, Dr. Watson, assinará como testemunha; depois, quando se tornar necessário, reproduzirei suas declarações... e só no caso especial de elas se tornarem imprescindíveis para salvar o rapaz. Prometo não as utilizar, a não ser que seja necessário.

— Muito bem — concordou o velho. — É pouco provável que eu ainda esteja vivo, quando ocorrer o julgamento no tribunal. Por mim, nada me importa, mas desejaria poupar o terrível desgosto a Alice. Vou esclarecer toda a história. Levou muito tempo até a situação chegar ao ponto da tragédia, mas em breve saberá sua causa.

Os senhores não conheceram o falecido McCarthy. Era o diabo encarnado num ser humano... e Deus livre seja quem for de cair nas mãos de um homem como ele foi. Durante esses vinte anos, exerceu sobre mim seu malefício e arruinou-me a vida. Vou narrar-lhes como caí em seu poder.

Eu era, então, ainda novo, descuidado e arrojado, pronto a me meter fosse no que fosse. Andei com más companhias, entreguei-me à bebida e não tive sorte no trabalho; fugi para o mato e tornei-me assaltante. Nosso bando era constituído por seis bandidos; levávamos uma vida selvagem, assaltando, de quando em quando, uma fazenda, uma estação de trem, ou fazendo parar os trens ou carruagens, nas estradas. Ainda hoje, somos lembrados, na colônia, como os “Gangsters de Ballarat”.

Certo dia, esperamos um trem que seguia de Ballarat para Melbourne. Vinha guardado por seis soldados e nós também éramos seis. Antes que pudéssemos apoderar-nos da bagagem, três dos nossos foram abatidos. Apontei o revólver para a cabeça do condutor... que era McCarthy. Antes o tivesse matado, mas poupei-o, embora tivesse visto seus olhos de canalha fixarem minhas feições.

Partimos com o ouro que o trem transportava, proveniente da mina, desaparecemos de circulação e ficamos ricos. Depois, regressamos à Inglaterra, sem que ninguém suspeitasse de nós. Separamo-nos e resolvi fixar residência no país, com a intenção de viver o resto de meus dias calma e respeitavelmente. Comprei esta propriedade e, com meu dinheiro, procurei fazer algum bem aos outros, tentando redimir-me da maneira como o tinha obtido.

Casei-me, mas minha mulher morreu, ainda nova, deixando-me Alice. Pareceu-me que a pequenina mão da minha filha me conduzia definiti-

vamente ao bom caminho. Era como se começasse uma página nova na vida, e procurava redimir-me do meu passado, quando McCarthy me descobriu...

Eu tinha ido a Londres, tratar de um investimento, e encontrei-o na Regent Street, mal vestido e mal calçado. Tocando-me no braço, afirmou:

“— Aqui estamos, Jack. A partir de hoje, seremos uma única família. Do meu lado, somos apenas eu e meu filho, pelo que não vai custar-lhe muito sustentar-nos. Se não concordar... esta Inglaterra sempre soube cumprir bem as leis e há sempre um policial por perto.”

Vendo não ter maneira de livrar-me dele, resolvi trazê-lo, com o filho pequeno, para minhas terras. O rapaz foi estudar em um colégio interno e o pai passou a seguir-me, para todo o lado, extorquindo-me todo o dinheiro que podia, ao mesmo tempo que escarnecia de minha situação. Quando percebeu que, com Alice já crescida, eu tinha mais receio de que ela conhecesse o meu passado do que a Polícia. Fui obrigado a dar-lhe tudo, sem discutir: terras, dinheiro, casas e, finalmente, exigiu-me uma coisa com a qual eu não podia concordar. Queria que o filho se tornasse proprietário de todos os meus bens, casando-se com Alice. O rapaz nada tinha de indesejável e sempre fora simpático, mas bastava-me saber que tinha o sangue de seu pai, para que não o quisesse para marido de minha filha.

Mantive-me firme nessa decisão e McCarthy ameaçou-me. Então, desafiei-o a fazer tudo o que quisesse e marcamos um encontro para resolvermos nosso futuro. Quando cheguei junto do lago, entre nossas casas, vi-o conversando com o filho. Por isso, fumei um charuto atrás de uma árvore e, enquanto esperei, a revolta exaltou-me, o ódio apoderou-se de mim, porque ouvia McCarthy a querer convencer o filho a casar-se com Alice, como se os sentimentos de minha filha não contassem... como se a estivesse comprando. Como se já fosse dono dela...

Pensei que não tinha maneira de libertar-me daquela sórdida chantagem... Que pouco tempo me falta para viver e que, depois de minha morte, McCarthy continuaria a explorar minha filha, como me explorara, pois Alice haveria de querer proteger a reputação do pai, nesta terra onde temos todos os nossos bens e onde, praticamente, sempre vivemos, desde que vim para a Inglaterra.

Minha única solução era calar aquele canalha, de uma vez por todas. Foi o que fiz, Mr. Holmes, e não me arrependo de meu ato. Não queria

que minha filha ficasse enredada nas mesmas malhas em que eu caíra. Abati-o com menos relutância do que teria em matar uma serpente venenosa. Ainda gritou e, eu, percebendo que o filho teria ouvido o grito, voltei a esconder-me atrás da árvore, mas, na fuga, deixei cair a capa. Quando o rapaz se ajoelhou junto dele, de costas para mim, aproveitei para recuperar a capa. Essa é toda a verdade.

Depois de o velho assinar a confissão, Holmes proferiu:

— Não sou seu juiz, Mr. Turner. Peço a Deus para que nunca me veja exposto a uma tal tentação.

— Também o desejo, Mr. Holmes. Agora, que pretende fazer?

— Perante o estado de sua saúde, nada farei. O senhor sabe que está prestes a responder por seus atos num tribunal mais solene do que todos os deste mundo. Guardarei sua confissão e só serei forçado a utilizá-la no caso de o jovem McCarthy ser condenado. Caso contrário, esteja o senhor morto ou vivo, ninguém mais conhecerá este segredo.

— Então, adeus, meus senhores. Quando chegar vossa hora final, talvez vossas consciências se sintam menos pesadas ao recordarem o bem que acabaram de fazer, permitindo-me que morra em paz.

Seu vulto gigantesco saiu, coxeando, da sala e, após um longo silêncio, Holmes murmurou:

— Que Deus o ajude!

Devido às objeções apresentadas por Holmes, no tribunal, James McCarthy foi absolvido. O velho Turner ainda sobreviveu sete meses e, agora, há grandes esperanças de que a filha de um e o filho de outro se unam e sejam felizes, sem nada saberem do passado dos respectivos pais.



O “SOSSEGO” TRÁGICO

Naquela manhã, Sherlock Holmes estava triste e pensativo. Sua natureza prática e irrequieta era por vezes dominada por tais crises.

— Você o viu? — indagou.

— Quem? O velho que acaba de sair?

— Sim.

— Passei por ele, na porta.

— Que tal lhe pareceu?

— Uma criatura patética, fútil, abatida.

— Exatamente, Watson. Patético e fútil. Mas não será a própria vida patética e fútil? Não será a história desse homem um microcosmo do todo universal? Estendemos a mão para agarrar qualquer coisa. E, no fim, o que nos fica na mão? Uma sombra. Ou, pior do que uma sombra, a miséria.

— É um de seus clientes?

— Suponho que posso dar-lhe esse nome. Foi a Scotland Yard que o enviou. Fez como às vezes fazem os médicos, mandando seus doentes incuráveis a um charlatão. Explicam que nada mais podem fazer; aconteça o que acontecer, o enfermo não pode ficar pior do que já está.

— De que se trata?

Holmes pegou num cartão amarelado que estava em cima da mesa.

— Josias Amberley. Diz ter sido sócio secundário da firma Brickhall & Amberley, fabricantes de materiais artísticos. Pode ver os nomes deles, por aí, em caixas de tintas. Fez o seu pé-de-meia, aposentou-se aos 61 anos, comprou uma casa em Lewisham e foi descansar, depois de uma vida de trabalho incessante. Era de supor que seu futuro decorresse calmamente.

Holmes olhou para umas notas que escrevera às pressas, nas costas de um envelope.

— Aposentou-se em 1896, Watson. No início de 1897, casou-se com uma mulher 20 anos mais nova do que ele e muito atraente, se a fotografia não está favorecida. Dinheiro, esposa, sossego, tudo parecia

anunciar-lhe um futuro tranqüilo. E, contudo, passado dois anos, está transformado, como você viu, num verdadeiro trapo humano.

— Que aconteceu?

— A velha história, Watson. Um amigo traidor e uma esposa volúvel. Ao que parece, Amberley tem uma mania na vida, que é o jogo de xadrez. Não longe dele, mora em Lewisham um jovem médico que é também jogador de xadrez. Tenho aqui o nome dele: Dr. Ray Ernest. Esse jovem freqüentava a casa e, muito naturalmente, houve uma certa intimidade entre ele e Mrs. Amberley, e você há de convir que o nosso desafortunado cliente tem poucos atributos físicos, por maiores que possam ser suas qualidades morais. Os amantes fugiram, na semana passada, com destino ignorado. O pior é que a esposa infiel levou, como sua bagagem pessoal, uma caixa de documentos com uma boa parte das economias do marido. Será possível encontrar a mulher? Poder-se-á reaver o dinheiro? Até aqui, trata-se de um problema comum, mas que, para Josias Amberley, é de muita importância.

— O que você pretende fazer?

— Acontece que a pergunta imediata, meu caro Watson, é esta: o que vai você fazer?... se é que quer ter a bondade de substituir-me. Sabe que ando preocupado com esse caso dos dois patriarcas coptas, que deve hoje chegar a uma solução. Não tenho tempo para ir a Lewisham e certamente as informações colhidas *in loco* têm um valor especial. O velhote insistiu muito para que eu fosse, mas convenci-o da impossibilidade em que me achava. Prontificou-se, então, a receber um representante.

— Não há dúvida — respondi. — Confesso que não acho que eu seja de grande préstimo, mas estou pronto a fazer o que for possível.

E foi assim que, numa tarde de verão, parti para Lewisham, sem supor que, dentro de uma semana, o assunto em que iria envolver-me havia de empolgar a opinião pública da Inglaterra.

Só à noite voltei à Baker Street e pude apresentar o relatório de minha missão. Holmes tinha o corpo magro enterrado numa grande cadeira, o cachimbo soltava baforadas de tabaco forte, formando espirais no espaço, enquanto as pálpebras caíam tão flácidas sobre seus olhos que parecia estar adormecido se, a cada paragem ou a cada passagem mais discutível da minha narrativa, não as erguesse um pouco e seus dois olhos penetrantes não me penetrassem intimamente.

— A casa de Mr. Josias Amberley chama-se “Sossego” — expliquei.
— É como se um sujeito caído na pobreza fosse morar entre seus inferiores. Você conhece o subúrbio, as monótonas ruas de decrépitas casas de tijolo, as cansativas estradas mal cuidadas. Ao centro delas, numa ilhota de passado conforto, fica essa velha casa, rodeada por um muro alto, ao qual os líquenes e o musgo emprestam um aspecto tão antigo como soturno...

— Basta de poesia, Watson — cortou Holmes, com severidade. — Já sei que há um muro alto de tijolo.

— Justamente. Não seria capaz de descobrir o “Sossego” se não tivesse perguntado a um desocupado que estava parado na rua fumando. Era um homem alto, moreno, de grande bigode e ar marcial. Fez uma inclinação de cabeça respondendo a minha pergunta e dirigiu-me um olhar interrogativo, bastante curioso, que um pouco mais tarde me veio à lembrança.

Mal passei a cancela, vi Mr. Amberley, que vinha pelo caminho que conduz à casa. Vira-o muito rapidamente, hoje de manhã, e causara-me uma impressão estranha, mas quando o olhei com mais calma sua aparência pareceu-me realmente anormal.

— Gostaria de ouvir sua impressão — disse Holmes.

— Pareceu-me ser um homem abatido pelas preocupações. As costas estavam curvadas como se carregasse um enorme peso. Todavia, não era o fracalhão que eu a princípio imaginava, pois os ombros e o peito são gigantescos, embora o corpo vá afinando até as pernas, que são magras como um fuso.

— Sapato esquerdo enrugado e o direito, liso.

— Isso não observei.

— Sei que não. Também tem uma perna artificial. Mas prossiga.

— Impressionaram-me os cabelos brancos, que se embaraçavam sob o velho chapéu de palha, a expressão feroz e ansiosa e as feições profundamente marcadas.

— Muito bem, Watson. Que disse ele?

— Contou-me suas mágoas. Fomos caminhando juntos e aproveitei para dar uma olhadela ao redor. Nunca vi tamanho abandono e desleixo. No jardim, as plantas cresciam à lei da natureza. Não sei como uma mulher decente podia tolerar tal estado das coisas. A casa não era uma

exceção, e o pobre homem parecia também ter se dado conta daquela desolação, pois se via, no centro do vestíbulo, uma lata com tinta verde e ele tinha na mão esquerda uma grossa broxa. Estivera a trabalhar nas madeiras da casa.

Levou-me a um aposento interior e tivemos uma longa conversa. Manifestou seu desapontamento por você não ter ido lá pessoalmente.

— Realmente não era de esperar — considerou — que um indivíduo modesto como eu, especialmente depois do prejuízo que sofri, pudesse obter muita atenção de um homem tão famoso como Mr. Sherlock Holmes.”

Garanti-lhe que a questão não era dinheiro. Não.

— Eu sei que, para ele, é a arte pela arte; mas, mesmo no lado artístico do crime, ele podia encontrar aqui alguma coisa para estudo da natureza humana, Dr. Watson, que é a mais pura ingratidão! Nunca neguei a minha mulher o menor de seus pedidos. E aquele jovem era como um filho: tinha carta branca nesta casa. E, no entanto, veja como ambos me trataram! Oh, Dr. Watson, que mundo atroz este em que vivemos!”

Ao que parece, o homem não desconfiara de qualquer traição. Viviam sós, sendo a única pessoa de fora uma criada que deixa o serviço todos os dias às seis horas. Na noite da fuga o velho Amberley, desejando agradecer à esposa, reservara dois lugares no balcão do Havmarket Theatre. No último momento ela se queixou de uma dor de cabeça e não quis ir. O homem foi sozinho. Mostrou-me o bilhete não utilizado que comprara para a mulher.

— Isso é importante — comentou Holmes, cujo interesse pelo caso parecia aumentar. — Queira continuar, Watson. Você examinou o bilhete? Por acaso tomou nota do número?

— Tomei, sim — respondi com certo orgulho. — Por coincidência era o meu número de matrícula no colégio, trinta e um, e por isso fixei-o.

— Excelente, Watson! Quer dizer que o número dele era o trinta ou o trinta e dois.

— Exatamente — respondi, meio desnortado. — E na fila B.

Mostrou-me a sua casa-forte, como ele a chama. É realmente uma casa-forte, como um banco, com porta de ferro e janela com grade, “à

prova de arrombamento”, como se gabou. Contudo, ao que parece, a mulher possuía uma chave e roubou-lhe umas sete mil libras em dinheiro e títulos.

— Títulos! Como poderia dispor deles?

— Amberley forneceu à Polícia uma lista dos títulos roubados, esperando que não pudessem ser resgatados. Voltara do teatro por volta da meia-noite e encontrara a casa saqueada, a porta e a janela abertas e nem sinal dos dois. Não havia uma carta, um bilhete e, desde então, não teve notícia dos fugitivos.

— Diz você que o encontrou pintando. O que ele pintava?

— O corredor. Mas já pintara a porta e o madeiramento da sala a que me referi.

— Não lhe pareceu ser uma ocupação estranha em tais circunstâncias?

— Explicou que um homem tem de fazer alguma coisa para aliviar o coração. A situação era excêntrica, não há dúvida, mas também ele é um homem excêntrico. Rasgou um retrato da mulher, nervosamente, num acesso de fúria, dizendo que nunca mais queria ver aquela maldita cara, aos berros.

— Mais alguma coisa, Watson?

— Sim, uma coisa que me impressionou mais do que o resto. Eu fui de carruagem para a estação de Black-heath e tinha acabado de apanhar o trem quando, no instante da partida, vi um homem entrar precipitadamente no compartimento vizinho ao meu. Como você sabe, Holmes, fixo bem as fisionomias. Era sem dúvida o homem alto e moreno a quem me dirigira na rua. Vi-o mais uma vez na Ponte de Londres e depois perdi-o de vista, no meio da multidão. Mas estou convencido de que ele me seguia.

— Certamente! Um homem alto, moreno, de bigode farto com óculos foscos para proteger a vista contra o sol?

— Holmes, você é um adivinho. Eu não tinha me referido aos óculos!

— E na gravata um alfinete com emblema maçônico?

— Holmes!

— Elementar, meu caro Watson. Mas passemos ao que importa. Devo confessar-lhe que o caso, que me parecia tão simples e quase não merecia

a minha atenção, está tomando um aspecto muito diferente. Embora na sua missão você tenha deixado escapar quase tudo o que era importante, os elementos que lhe entraram pelos olhos são o bastante para dar o que pensar.

— Que foi que eu deixei passar?

— Não se melindre, meu caro amigo. Você bem sabe que sou totalmente impessoal. Nenhuma outra pessoa teria feito melhor. Provavelmente, algumas delas nem teriam agido tão corretamente. Mas é claro que deixou escapar alguns pormenores fundamentais. Qual a opinião dos vizinhos a respeito desse Amberley e de sua mulher? O que dizem do Dr. Ernest? Será, como Amberley insinua, um sedutor vulgar? Com tais predicados de encanto, as mulheres podem tornar-se facilmente suas cúmplices. Qual a opinião da funcionária do correio ou a mulher do vendedor de legumes? Posso imaginar esse conquistador sussurrando “doçuras” à atendente do “Âncora Azul”, para receber em troca o que desejar... Pois você, Watson, deixou tudo isso por investigar.

— Ainda posso fazê-lo.

— Já foi feito. Graças ao telefone que, como sabe, já mandei instalar, e ao auxílio da Yard, consegui obter as informações essenciais, sem arredar pé desta sala. Na verdade, Amberley tem fama de ser sovina, assim como marido ríspido e exigente. Tinha uma grande quantia em dinheiro, naquela casa-forte. Também é certo que o Dr. Ernest é solteiro e jogava xadrez com Amberley, a convite deste... e permitia-se fazer uma corte discreta à mulher. Tudo isto parece indicar que vamos de vento em popa. Contudo...

— Onde está a dificuldade?

— Talvez apenas na minha imaginação. Bem, Watson, deixe as coisas no ponto em que se encontram agora. Escapemos deste mundo prosaico e fatigante pela porta lateral da música. A grande Carina canta esta noite, no Albert Hall, e ainda temos tempo para nos vestirmos, jantarmos e irmos assistir ao espetáculo.

Na manhã seguinte, levantei-me cedo e uns restos de torrada e duas cascas de ovo vazias indicaram-me que o meu amigo ainda fora mais madrugador. Em cima da mesa deparei com um bilhete que ele me deixara:

“Meu Caro Watson,

“Só me falta um último contato com Mr. Josias Amberley para esclarecer este caso... ou não. Apenas lhe peço que esteja aqui, por volta das 15 h, pois é possível que venha a precisar de você.

S. H.”

Não vi Holmes, durante todo o dia, mas, à hora marcada, regressou, apreensivo. Nesses momentos era mais prudente deixá-lo só.

— Amberley esteve aqui? — indagou.

— Não.

— Estou à espera dele.

Não esperou em vão, porque, pouco depois, chegava o velho, com um ar de preocupação e perplexidade.

— Recebi um telegrama, Mr. Holmes, que francamente não entendo. Entregou-o a Holmes, e este o leu em voz alta.

“Venha imediatamente sem falta. Posso dar informação referente sua recente perda.

ELMAN. Casa do Pastor.”

— Expedido de Little Purlington, às 14h10 — verificou Holmes. — Little Purlington fica em Essex, perto de Frinton. Pois bem. Naturalmente o senhor vai partir já. Isto provém, evidentemente, de uma pessoa de responsabilidade: o pastor protestante do lugar. Onde está o meu guia *Crockford*? Sim, aqui o temos. J. C. Elman, M. A. Prebenda de Mossmoor-cum-Little Purlington. Veja o horário dos trens, Watson.

— Há um que parte de Liverpool Street, às 17h20.

— Ótimo. Era melhor você ir com ele, Watson. Mr. Amberley pode precisar de auxílio. É óbvio que chegamos a um ponto de crise.

O nosso cliente não se mostrou muito disposto a partir.

— Para mim isso é um absurdo, Mr. Holmes — considerou. — O que esse presbítero pode saber sobre o que ocorreu? É perder tempo e dinheiro.

— Ele não iria telegrafar se não soubesse alguma coisa. Responda imediatamente que está a caminho.

— Creio que não vou.

Holmes ficou muito sério.

— Faremos do senhor, Mr. Amberley, tanto a Polícia como eu, o pior juízo possível se, ao aparecer uma indicação tão clara como essa, se recusar a ir colhê-la. Estaríamos no direito de julgar que o senhor não quer que essa investigação seja levada a sério.

O nosso cliente pareceu horrorizado com tal idéia.

— Oh, naturalmente que vou, se o senhor encara a proposta dessa maneira — anuiu. — À primeira vista parece absurdo supor que esse presbítero saiba alguma coisa, mas se o senhor pensa...

— Penso sim — replicou Holmes, com ênfase, ficando assim definitivamente resolvida a nossa viagem.

Antes de sairmos dali, o meu amigo puxou-me para um canto e fez-me algumas advertências para que eu pudesse concluir que o assunto era importante.

— Sobretudo, verifique se o Amberley segue viagem. Se fugir ou voltar atrás, vá ao telefone mais próximo e diga apenas o seguinte: Sumiu. Esteja eu onde estiver, tomarei providências para que a sua mensagem me seja transmitida.

Little Purlington não é um lugar de fácil acesso por estar situado num ramal. A recordação que guardo da viagem não é muito agradável, porque a temperatura era elevada, o trem vagaroso, e o meu companheiro estava de mau humor e quase não falou, a não ser para fazer uma observação irônica quanto à inutilidade da viagem. Por fim, depois de desembarcarmos na pequena estação, tivemos de viajar de carruagem mais de três quilômetros, até chegarmos à residência do pastor protestante, corpulento, solene, quase pomposo, que nos recebeu no seu gabinete de trabalho. O nosso telegrama estava aberto diante dele.

— Então, senhores — perguntou —, em que posso servi-los?

— Viemos aqui — expliquei — atendendo ao seu telegrama.

— O meu telegrama? Eu não mandei telegrama algum!

— Refiro-me ao telegrama que o senhor enviou a Mr. Josias Amberley a respeito da mulher e do dinheiro.

— Se isso é um gracejo, cavalheiro, é de bastante mau gosto — respondeu, impaciente, o presbítero. — Nunca ouvi falar nesse nome e não mandei nenhum telegrama para quem quer que seja.

Eu e o nosso cliente entreolhamo-nos, espantados.

— É possível que haja algum equívoco — admiti. — Quem sabe existam aqui dois presbíteros? Eis o telegrama em questão, assinado por um Elman e dado como proveniente da residência do pastor.

— Aqui só existe um presbitério, cavalheiro, e apenas um pastor. Esse telegrama é uma grosseira falsificação e, certamente, a Polícia irá investigar a sua origem. Não vejo razão, portanto, para prolongar a presente entrevista.

Dessa forma, Mr. Amberley e eu encontramos-nos de novo na estrada, atravessando o que me pareceu a mais primitiva aldeia da Inglaterra. Dirigimo-nos à agencia do telégrafo, mas já estava fechada. Contudo, havia um telefone na pequena estalagem do lugar e, dali, comuniquéi-me com Holmes, que também se espantou com o resultado negativo da nossa viagem.

— Que estranho! — disse a voz ao longe. — Receio muito, meu caro Watson, que não haja trem para você voltar esta noite. Sem querer, condenei-o a dormir numa pensão de aldeia. Contudo, Watson, há sempre a Mãe Natureza e Josias Amberley, ambos podem lhe fazer companhia. — Ouvi a sua risada, quando desligava o aparelho.

Logo percebi que não era imerecida a fama de avarento do meu companheiro. Resmungou com a despesa da viagem, insistiu para que viajássemos em terceira classe e, agora, protestava contra a conta da pensão. Na manhã seguinte, quando finalmente chegamos a Londres, era difícil dizer qual de nós estava mais azedo.

— Era preferível que o senhor passasse pela Baker Street — sugeri. — Mr. Holmes pode ter informações mais recentes.

— Se forem como a última, não são de grande utilidade para mim — resmungou Amberley. No entanto, continuou na minha companhia. Eu já avisara Holmes, por telegrama, da hora da nossa chegada, mas encontramos um recado dele informando que se encontrava em Lewisham e que nos esperava lá. Isso foi uma surpresa para nós, e ficamos mais surpresos ao verificarmos que o meu amigo não estava sozinho na sala de visitas do nosso cliente. Um homem de aspecto severo e impassível estava

sentado ao seu lado; era moreno, de óculos foscos e tinha um enorme alfinete sobressaindo da gravata.

— Este é o meu amigo Mr. Barker — apresentou Holmes. — Também está interessado no seu caso, Mr. Josias Amberley, embora trabalhemos independentemente. Mas ambos queremos fazer-lhe a mesma pergunta.

Amberley sentou-se pesadamente, pressentindo a aproximação do perigo. Vi isso em seus olhos, que se franziam, e em suas feições contraídas.

— Qual é a pergunta, Mr. Holmes?

— Simples. O que o senhor fez com os corpos?

O homem pôs-se de pé, soltando um grito rouco. As mãos ossudas pareciam querer agarrar o espaço. Tinha a boca aberta e, por um instante, pareceu-nos uma horrenda ave de rapina. Num relance vimos em Josias Amberley um demônio com uma alma tão disforme quanto o seu corpo. Quando caiu novamente sobre a cadeira, levou a mão à boca como que para abafar um acesso de tosse. Holmes saltou-lhe à garganta e torceu-lhe o rosto até atirar o velho ao chão. Uma pílula branca caiu-lhe dos beijos trêmulos.

— Nada de cortar caminho, Amberley. As coisas devem seguir as regras decentemente. E agora, Barker?

— Tenho ali na porta uma carruagem — informou o nosso taciturno companheiro.

— São apenas algumas centenas de metros até o primeiro posto da Polícia. Iremos juntos. Você pode ficar aqui, Watson. Estarei de volta, dentro de meia hora.

O velho negociante de tintas tinha a força de um leão, mas tornou-se impotente nas mãos dos dois experientes detetives, habituados a lidar com gente daquela espécie. Debatendo-se foi arrastado para a carruagem, enquanto permaneci naquela casa de mau agouro. Em menos tempo do que prometera, Holmes voltou com um jovem e elegante inspetor da Polícia.

— Deixei Barker encarregado das formalidades — explicou Holmes. — Você não conhecia Barker, Watson. É o meu rival, na zona do Surrey. Quando me falou num homem alto e moreno não foi difícil completar o retrato. Barker tem a seu favor vários casos bem resolvidos, não é verdade, inspetor?

— Sim. Já interveio em inúmeras investigações — respondeu o inspetor, com evidente reserva.

— Tal como os meus, os métodos de Barker são, sem dúvida, irregulares, mas bem sabe que as tropas irregulares, algumas vezes, prestam bom serviço. O senhor, por exemplo, com sua advertência compulsória de que toda e qualquer declaração do homem seria usada contra ele, jamais o induziria a tentar aquilo que praticamente o levou a uma confissão.

— Talvez não. Mas afinal chegamos ao mesmo resultado, Mr. Holmes. Não pense que não tínhamos uma opinião formada e que não acabaríamos prendendo o homem. Desculpe-nos se nos sentimos um pouco magoados, quando o senhor surge com métodos que não podemos empregar, privando-nos assim do nosso mérito.

— Isso não voltará a acontecer, Mac Kinnon. Garanto-lhe que, daqui em diante, me retiro do caso e, quanto a Barker, ele nada fez, exceto o que eu lhe indiquei que fizesse.

O inspetor pareceu consideravelmente aliviado.

— Isso muito o honra, Mr. Holmes. Elogio ou censura pouco podem significar para você, mas, para nós, a coisa é muito diferente, quando os jornais começam a fazer perguntas.

— É exato. Mas, como não deixam de fazê-las, é preferível ter as respostas prontas. Que responderá, por exemplo, quando o repórter lhe perguntar quais foram exatamente os pontos que despertaram a sua suspeita e que, finalmente, lhe apontaram os fatos reais?

O inspetor mostrou-se embaraçado.

— Não nos parece que já tenhamos obtido quaisquer fatos reais, Mr. Holmes. O senhor diz que o preso, tentando suicidar-se na presença de três testemunhas, praticamente confessou ter assassinado sua mulher e o amante dela. Que outros fatos o senhor pode apontar?

— Tomou providências para se realizar uma busca?

— Já há três policiais a caminho.

— Então, em breve tudo se esclarecerá. Os cadáveres não podem estar longe daqui. Procure no porão e no jardim. Não gastará muito tempo escavando os locais mais prováveis. Esta casa é mais antiga do que a instalação dos canos de água. Portanto, deve existir um poço abandonado que antes a abastecia.

— Mas como descobriu o crime... e como foi ele perpetrado?

— Primeiro, vou mostrar-lhe como foi praticado e, depois, darei a explicação que lhe é devida... e sobretudo ao meu paciente amigo, Dr. Watson, que me foi de inestimável ajuda, desde o início do caso até ao fim.

Convém fazer uma análise da mentalidade do criminoso, que mais merece ser internado num manicômio do que levado ao cadafalso, pois é mais medieval do que qualquer britânico dos nossos dias. É um avarento que tornou a vida da mulher tão desgraçada que esta se tornou presa fácil para o primeiro sedutor que lhe apareceu.

Amberley também jogava muito bem xadrez, o que é sinal de um espírito inventivo. Como todos os avarentos, era um indivíduo ciumento e o seu ciúme degenerou em mania furiosa. Com ou sem razão, desconfiou de uma ligação amorosa entre os dois; deliberou vingar-se e fê-lo com uma habilidade diabólica. Venham comigo.

Holmes conduziu-nos com tanta segurança por um corredor, como se estivesse na sua própria casa, e parou diante da porta aberta da casa-forte.

— Que tremendo cheiro a tinta fresca — exclamou o inspetor.

— Foi esse o primeiro indício que me chamou a atenção — elucidou Holmes. — Devo-o a uma observação do Dr. Watson, apesar de lhe ter escapado a competente dedução. Por que estaria Amberley, numa situação destas, empenhado em encher a casa com um cheiro fortíssimo? Evidentemente, desejava sobrepô-lo a outro odor que ele pretendia ocultar, pois poderia despertar suspeitas.

Depois, pensei nesta casa-forte, com porta e janela de chapa de ferro, hermeticamente fechada. Tive de revistar pessoalmente a casa. Já estava convencido de que o caso era grave, pois ao examinar a planta de localização dos lugares do Haymarket Theatre, outro elemento obtido pelo Dr. Watson, averigüei que nem a cadeira trinta, nem a trinta e dois da fila B do balcão tinham sido ocupadas naquela noite. Portanto, Amberley não estivera no teatro e caía por terra o seu álibi. Foi um lapso da sua parte ter deixado o meu astuto amigo ver o número da cadeira que comprara para a esposa. Como eu precisava examinar a casa, enviei um agente ao lugarejo mais absurdo que pude conceber, mandei Amberley para lá, de modo que seria

impossível que ele voltasse no mesmo dia. Para evitar qualquer contratempo, o Dr. Watson foi com ele. O nome do presbítero foi extraído do meu *Crookford*. Será que me explico com suficiente clareza?

— De um modo magistral — concordou o inspetor.

— Sem receio de ser interrompido, arrombei a casa. Se, em vez de abraçar a profissão de detetive, tivesse escolhido a de arrombador, creio que não me sairia mal. Observem o que descobri. Vêem o cano de gás de iluminação aqui ao longo do rodapé? Muito bem. Esse cano ergue-se no ângulo da parede, e aqui no canto há uma torneira. O cano vai se estendendo pela casa-forte e termina naquela roseta de gesso ao centro do teto, onde fica escondido pela ornamentação. Essa extremidade está bem aberta. A qualquer momento, fazendo girar a torneira externa, o quarto podia ficar totalmente impregnado de gás. Com a porta e a janela fechadas e a torneira completamente aberta, uma pessoa ficaria intoxicada. Não sei como conseguiu atraí-los, mas, atravessada a porta, estavam à sua mercê.

O inspetor examinou o cano com interesse e informou:

— Um dos nossos homens referiu-se ao cheiro de gás, mas a porta e a janela estavam abertas e o cheiro da tinta era mais forte. Amberley disse ter começado o trabalho na véspera. E o que mais aconteceu, Mr. Holmes?

— Ocorreu um incidente com o qual eu não contava. Já de madrugada, saía pela janela da despensa, quando senti uma mão agarrar-me o pescoço, e uma voz inquiriu: “Que está fazendo aqui, seu patife?”. Quando consegui virar a cabeça, dei com os olhos nas lentes foscas do meu amigo e rival, Mr. Barker. Foi um encontro cômico que nos fez sorrir. Barker foi contratado pela família do Dr. Ray Ernest para fazer algumas investigações, e também chegou à conclusão de que se tratava de um caso tenebroso. Tinha vigiado a casa durante alguns dias, e considerava o Dr. Watson o elemento mais suspeito entre os que tinham estado lá. Não podia prender Watson, mas, quando viu um homem saltando por uma janela da casa, não conteve a mão. Contei-lhe em que pé estava o assunto e começamos a trabalhar juntos.

— Por que contou a ele e não a nós?

— Porque, legalmente, vocês da Yard não iriam tão longe.

O inspetor sorriu.

— Talvez não. O senhor deu sua palavra, Mr. Holmes, de que abandona agora o caso e nos transfere todos os resultados que obteve.

— Certamente, pois é sempre esse o meu costume.

— Agradeço-lhe, em nome da nossa corporação. O caso agora está resolvido, basta apenas procurar os corpos, o que não será difícil.

— Vou mostrar-lhe ainda uma espécie de depoimento que eu quase chamaria de sensacional e estou certo de que nem o próprio Amberley reparou nele. É sempre bom, inspetor, colocarmo-nos no lugar dos outros e pensar como procederiam em tais circunstâncias. Suponhamos que o senhor estivesse trancado neste pequeno quarto, não tendo dois minutos de vida, mas queria acertar as contas com o perverso que, provavelmente, estaria lá fora, zombando do senhor. O que faria?

— Deixaria um recado por escrito.

— Isso mesmo. O senhor gostaria de informar como foi que morreu. De nada valeria escrever num papel. Isso seria logo descoberto. Se o senhor escrevesse na parede, alguém acabaria lendo o que estivesse escrito. Pois bem, olhe aqui! Logo acima do rodapé está a lápis vermelho indelével: “Nós fo...”. Mais nada.

— O que é que o senhor conclui disto?

— Bem. A mensagem incompleta está apenas a alguns centímetros do chão. O Dr. Ernest estava deitado, morrendo, quando escreveu isto. Perdeu os sentidos, antes de poder terminar.

— Queria escrever: “Nós fomos assassinados” — sugeriu o inspetor.

— É essa a minha interpretação. Se encontrar com o cadáver um lápis vermelho.

— E os títulos? É claro que não houve roubo nenhum. Contudo, Amberley realmente os possuía. Verificamos isso.

— Pode ter certeza de que os escondeu em lugar seguro. Depois, diria que os amantes fugitivos, numa compaixão tardia, tinham devolvido os títulos roubados, ou os tinham largado pelo caminho.

— Ainda uma dúvida. É natural que Amberley tivesse recorrido a nós, mas não percebo por que o procurou também.

— Por bravata! — respondeu Holmes. — Amberley julgava-se tão seguro de si que imaginou que ninguém o descobriria. Podia dizer a

qualquer vizinho meio desconfiado: “Não vê as providências que tomei? Não só consultei a polícia, mas até Sherlock Holmes”.

O inspetor riu.

— Temos de perdoá-lo por esse seu “até”, Mr. Holmes; a sua investigação foi magistral.

Dois dias depois, o meu amigo mostrou-me um exemplar do *North Surrey Observer*. Por baixo de uma série de títulos e subtítulos que começavam com “A Tragédia do Sossego” e concluía com “Magnífica Investigação da Polícia”, vinha a primeira narrativa coerente do caso. O último parágrafo dizia:

“A notável argúcia com que o inspetor Mac Kinnon deduziu, pelo cheiro de tinta, que algum outro cheiro, o de gás, por exemplo, podia estar oculto; a corajosa dedução de que a casa-forte podia também ser a câmara da morte, e o subsequente interrogatório que levou à descoberta dos cadáveres num poço abandonado, habilmente encoberto por um canil, tudo isto ficará na história do crime como um exemplo da inteligência dos nossos detetives profissionais.”

— Bem, bem, Mac Kinnon é um bom sujeito — considerou Holmes com um sorriso tolerante. — Pode guardar isso nos nossos arquivos, Watson. Um dia será contada a verdadeira história.



Tanto podia ter sido uma comédia como uma tragédia. A um homem custou a perda da razão; a mim custou-me um pouco de sangue, e a um terceiro custou-lhe as penas da lei. Entretanto, sempre houve um ingrediente de comédia. O leitor que julgue por si mesmo.

Recordo-me bem da data, pois foi no mesmo mês em que Holmes recusou um título honorífico que lhe foi oferecido por serviços que talvez algum dia sejam narrados. Só me refiro de passagem ao assunto, porque, na minha qualidade de colaborador e confidente, vejo-me obrigado a evitar qualquer indiscrição. Mas repito que isso me faz hábil para fixar a data, que foi em fins de junho de 1902, pouco depois da conclusão da guerra sul-africana. Holmes passara vários dias na cama, como costuma fazer de vez em quando. Naquela manhã apareceu com um longo documento em papel almaço e, piscando divertidamente os olhos cinzentos, geralmente austeros, sugeriu:

— Amigo Watson, há uma oportunidade de ganhar dinheiro. Já ouviu alguma vez o nome Garrideb?

Confessei que nunca tinha ouvido.

— Pois bem. Se conseguir pegar um Garrideb, ganha uma boa grana.

— Por quê?

— É uma história comprida e bastante insólita. Creio que, em todos os mergulhos que temos dado nas profundezas de alma humana, ainda não deparou com nada tão singular. O sujeito está para chegar e não quero começar o assunto antes de tê-lo aqui. Mas, entretanto, veja se encontra esse nome.

A lista telefônica estava em cima da mesa ao meu lado e folheei-a, sem grandes esperanças, mas fiquei admirado por encontrar tal apelido.

— Aqui está, Holmes!

O meu amigo tirou-me o livro das mãos.

— “Garrideb N.”, leu, “Little Ryder Street, nº 136, W”. Sinto decepção-lo, meu caro Watson, mas este é o próprio homem. É o endereço que está na carta. Precisamos de outro, para comparar com ele.

Nesse momento entrou Mrs. Hudson com um cartão sobre a bandeja. Peguei o cartão e mostrei-o a Holmes.

— Trata-se de uma inicial diferente. John Garrideb. Advogado, Moorville, Kansas, USA.

— Creio que você tem de fazer mais um esforço, Watson — comentou, sorrindo. — Este cavalheiro também já está no enredo, embora eu não esperasse vê-lo esta manhã. Contudo, ele tem condições de revelar-nos muita coisa que precisamos de saber.

Mr. John Garrideb, advogado, era um homem robusto, de baixa estatura, de cara redonda, com a barba bem-feita, característica de tantos americanos que se dedicam aos negócios. Tinha um largo sorriso franco no rosto. Contudo, raramente vi, numa criatura, dois olhos que revelassem uma vida interior tão intensa, olhos com tanta vivacidade, tão atentos, tão prontos a responder a cada mudança de pensamento. O sotaque era americano, sem apresentar nenhuma excentricidade de linguagem.

— Mr. Holmes? — indagou, olhando de relance para cada um de nós. — Ah, sim! O senhor se parece bastante com os retratos que vi. Julgo que o senhor já tenha recebido uma carta do meu homônimo, Mr. Nathan Garrideb. Recebeu-a, Mr. Holmes?

— Queira sentar-se — convidou Sherlock Holmes. — Creio que teremos muito que conversar. — Pegou as folhas de papel almaço. — O senhor é o Mr. John Garrideb mencionado neste documento. Mas já está na Inglaterra há algum tempo, não?

— Porque diz isso, Mr. Holmes? — Tive a impressão de ver uma sombra de suspeita naqueles olhos expressivos.

— O seu traje é todo inglês.

Mr. Garrideb fez um esforço para sorrir.

— Já li nos jornais a respeito de suas habilidades, Mr. Holmes, mas nunca pensei vir a ser objeto delas. Como conclui o que disse?

— O corte do ombro do seu paletó, o bico dos sapatos... alguém poderia ter dúvidas a este respeito?

— Não fazia idéia de estar assim tão adaptado ao estilo inglês. Os negócios trouxeram-me para cá, há algum tempo, por isso que a minha maneira de vestir é quase toda londrina. Mas não nos encontramos aqui para falar de figurinos. Que diz esse papel que tem na mão?

Holmes parecia ter ofendido nosso visitante; seu rosto rechonchudo mostrava uma expressão menos amável.

— Tenha paciência, Mr. Garrideb! Dr. Watson lhe dirá que essas minhas pequenas observações podem ter algum valor quanto ao assunto. Por que motivo Mr. Nathan Garrideb não veio com o senhor?

— E com que objetivo ele o envolveu neste negócio? — perguntou o nosso visitante num súbito acesso de ira. — O que o senhor tinha a ver com isso? Trata-se de um negócio profissional, entre dois cavalheiros. Por que um deles teria de pedir a ajuda de um detetive? Estive com ele hoje de manhã; falou dessa brincadeira que fez comigo e é por isso que aqui estou. Mas, mesmo assim, não gostei da graça.

— Nada foi feito com segundas intenções, Mr. Garrideb. Foi apenas zelo da parte dele para atingir um objetivo que, segundo me consta, é de capital importância para ambos. Ele sabia que eu tinha meios de obter informações e foi, portanto, muito natural que me procurasse.

O semblante irado do nosso visitante foi se desfazendo.

— Se é assim, a situação muda de figura. Quando me encontrei com ele hoje de manhã e ele me disse que tinha consultado um detetive, perguntei-lhe seu endereço e vim para cá. Não quero que a polícia se intrometa num negócio privado. Mas, se o senhor está disposto a descobrir o homem, não vejo mal nisso.

— É exatamente o que acontece — disse Holmes. — E agora, já que o senhor está aqui, gostaríamos de obter de sua própria boca as informações exatas. Meu amigo Dr. Watson não conhece os pormenores.

Mr. Garrideb olhou-me com um olhar de poucos amigos.

— E ele precisa conhecer? — Perguntou.

— Trabalhamos juntos — justificou Holmes.

— Bem. Não há razão para fazer segredo a respeito do assunto. Vou contar-lhes os fatos, o mais sucintamente que puder. Se o senhor fosse do Kansas, não precisaria dizer-lhe quem era Alexander Hamilton Garrideb. Fez fortuna em imóveis e, depois, ganhou dinheiro vendendo trigo em Chicago, mas empregou esse dinheiro comprando tanta terra, que daria para formar um condado inglês ao longo do rio Arkansas, a oeste do Forte Dodge. É terra de pastagem, terra de madeira, terra arável, terra de minério, enfim toda a espécie de terra que rende dólares ao

homem que a possui. Não tinha parentes nem ninguém que vivesse com ele, ou se tinha, nunca ouvi falar nisso. Mas nutria certo orgulho por ter um nome pouco comum. Foi isso que nos reuniu. Eu estava advogando em Topeka e, certo dia, recebi a visita do velho que desejava encontrar outro homem com o mesmo nome. Era uma fantasia, mas estava resolvido a descobrir se, no mundo, havia outros Garridebs. “Encontre-me outro!” disse. Respondi-lhe que era um homem ocupado e não poderia passar a vida à procura de Garridebs. “Seja como for”, acrescentou, “é justamente o que o meu amigo vai fazer, se as coisas saírem de acordo com os meus cálculos”. Pensei que o homem estivesse brincando, mas falava sério, como pude verificar em pouco tempo. Ele morreu um ano depois de dizer isso e deixou registrado em testamento. Era o testamento mais estranho dos cartórios do Estado de Kansas. Suas propriedades estavam divididas em três partes, uma delas cabendo a mim, com a condição de eu encontrar dois Garridebs para redigir as restantes. São cinco milhões de dólares para cada um, nem um centavo a menos, mas não podemos pôr um dedo no monte, enquanto não estivermos os três juntos. Era uma oportunidade tão tentadora, que abandonei minhas causas e parti em busca de Garridebs. Nos Estados Unidos não há um único sequer. Procurei, Mr. Holmes, como quem procura agulha em palheiro e nunca cheguei a descobrir um só Garrideb. Vim então tentar a sorte no Velho Mundo, e deparei com o nome, na lista telefônica de Londres. Fui procurá-lo há dois dias e expliquei-lhe o caso. É, como eu, um homem solteiro com alguns parentes, mas só mulheres. No testamento está estipulado “três homens adultos”. Como o senhor vê, está faltando um e, se o senhor puder nos ajudar, estaremos prontos a pagar-lhe os honorários.

— Muito bem — anuiu Holmes, sorridente. — A questão é bastante fantástica, não? Que tal o senhor publicar um anúncio nos jornais, na seção dos “desaparecidos”?

— Já fiz isso, Mr. Holmes, sem nenhuma resposta.

— Trata-se realmente de um problemazinho difícil. Posso dedicar-lhe um pouco de atenção nas minhas horas vagas. A propósito, é curioso que o senhor tenha vindo de Topeka. Eu tive um correspondente lá, já falecido, o velho Dr. Lysander Starr, que foi prefeito, por volta de 1890.

— Excelente pessoa o velho Dr. Starr! — comentou o nosso visitante.
— O nome dele é respeitado até hoje. Bem, Mr. Holmes, creio que o

ideal é nos mantermos em comunicação para o bom andamento do caso. Imagino procurá-lo dentro de um ou dois dias.

Feita esta observação, o americano fez um aceno com a cabeça e partiu.

Holmes acendeu o cachimbo e ficou algum tempo pensativo, tendo nos lábios um sorriso enigmático.

— Então? — indaguei.

— Estou curioso, Watson, estou realmente curioso.

— A respeito de quê?

Holmes tirou o cachimbo da boca.

— Gostaria de saber, Watson, com que intuito este homem veio aqui desfiar aquele rosário de mentiras. Quase perguntei-lhe, pois há ocasiões em que um ataque brutal e direto é melhor política, mas achei melhor deixá-lo pensar que tinha nos enganado. Aparece aqui um homem com um paletó gasto no cotovelo e com joelheiras nas calças, com pelo menos um ano de uso e, apesar disso, segundo este documento e por seu próprio testemunho, é um provinciano da América recém-chegado a Londres. Não saiu nenhum anúncio nos jornais. A seção dos “desaparecidos” é a minha favorita, onde, às vezes, levanto a minha caça, e não deixaria um faisão dourado, como esse, escapar-me. Nunca conheci nenhum Dr. Lysander Starr, de Topeka. Onde quer que o toquemos, o homem soa falso. Para mim, é realmente americano, mas já adquiriu o sotaque britânico com alguns anos passados aqui, à beira do Tamisa. Qual é, então, o seu jogo e que motivo se esconde por trás dessa busca aos Garridebs? Merece a nossa atenção, porque, supondo que o homem é um patife, trata-se, sem dúvida alguma, de um indivíduo engenhoso. Cumpre-nos agora averiguar se o nosso outro correspondente é também uma fraude. Telefone para ele, Watson.

Ouvi, do outro lado da linha, uma voz fina e trêmula.

— Sim, sou Nathan Garrideb, Mr. Holmes está em casa? Desejaria muito dizer-lhe duas palavrinhas.

O meu amigo pegou no telefone e ouvi o habitual diálogo entrecortado.

— Sim, estive aqui. Suponho que o senhor não o conhece... Há quanto tempo?... Apenas dois dias!... Sim, não há dúvida de que é uma proposta tentadora. O senhor está em casa, hoje à tardinha? Espero que o seu

homônimo não esteja aí... pois preferia conversar a sós com o senhor... O Dr. Watson irá comigo... Pelo seu bilhete fiquei sabendo que o senhor não sai muito de casa... Aparecemos por volta das 18 h. Não precisa comunicar o advogado americano... Muito bem. Até logo.

Era o crepúsculo de um lindo dia primaveril e até mesmo a Little Ryder Street, uma das bifurcações da Edgware Road, a dois passos da velha Tyburn Tree ⁽¹⁾ de triste memória, parecia de ouro e maravilhosa aos raios oblíquos do sol poente. A casa para a qual nos dirigíamos era um grande edifício da primeira fase da época georgiana, de fachada lisa de tijolo, interrompida apenas por duas janelas salientes no piso térreo. O apartamento do nosso cliente ficava nesse andar e as duas janelas baixas formavam exatamente a frente da ampla sala em que ele passava as suas horas de vigília. Ao passarmos, Holmes indicou a pequena placa de latão que ostentava o estranho nome.

— Já tem alguns anos, Watson — observou, mostrando a superfície descolorida da placa. — Pelo menos é este o seu nome verdadeiro, é bom registrar.

A casa tinha uma escada comum e viam-se vários nomes pintados no vestíbulo, uns indicando escritórios e outros, simples residências. Era menos um prédio de apartamentos residenciais do que a morada de solteirões boêmios. Nosso cliente veio abrir a porta e desculpou-se, alegando que a criada saía às quatro horas. Mr. Nathan Garrideb era um homem alto, sem graça, de costas curvas, magro e calvo, de mais de 60 anos. A fisionomia pálida, com a pele sem vida de uma pessoa que não conhece o exercício. Uns óculos redondos e grandes, uma saliente barbicha de bode, e sua postura encurvada davam-lhe um ar de excentricidade. O efeito geral, entretanto, apesar de estranho, não desagradava.

O aposento era tão singular quanto o ocupante. Parecia um pequeno museu. Era amplo, com armários repletos de espécies geológicas e anatômicas. Caixas com borboletas e mariposas ladeavam a entrada. Uma mesa grande, ao centro, estava cheia de fragmentos de objetos, enquanto o tubo alto de latão de um potente microscópio sobressaía de todo o resto.

Fiquei surpreso com a variedade dos interesses daquele sujeito. Havia aqui uma caixa com moedas antigas, ali um armário com uten-

⁽¹⁾ *Antigo local de execução capital dos criminosos de Londres. (N. do T.)*

sílios de pederneira. Atrás da mesa central, via-se um enorme armário com ossos de fósseis. Por cima, alinhava-se uma série de crânios de gesso com inscrições como “Neanderthal”, “Heidelberg”, “Cromagnon”. Era um estudioso de diversos assuntos. Quando surgiu à nossa frente, segurava na mão direita um pedaço de camurça com o qual polia uma moeda.

— Siracusana, e do melhor período — explicou, erguendo-a. — Degeneraram notavelmente no fim do período. As do apogeu são as melhores, na minha opinião, se bem que alguns preferam a escola de Alexandria. O senhor pode sentar nessa cadeira, Mr. Holmes. Deixe-me tirar os ossos que estão em cima dela. E o senhor... ah, sim, Dr. Watson... tenha a bondade de afastar o vaso japonês... Podem ver os pequenos interesses da minha vida. O meu médico me critica porque não saio de casa, mas, como sair, se há aqui tanta coisa que me prende? Posso garantir-lhes que a catalogação adequada de um só destes armários me tomaria uns bons três meses.

Holmes olhou em redor, com curiosidade.

— O senhor disse que nunca sai? — indagou.

— De vez em quando, vou até o Sotheby ou o Christie. A não ser isso, raramente deixo os meus aposentos. Não sou muito forte e as minhas pesquisas me absorvem completamente. Mas o senhor deve imaginar, Mr. Holmes, que choque espantoso, embora agradável, foi para mim saber dessa inesperada sorte. É preciso apenas mais um Garrideb para completar o trio e, certamente, o encontraremos. Eu tinha um irmão, mas morreu, e parentes femininas não servem. Mas é impossível que não haja outros no mundo. Ouvi dizer que o senhor tem tratado de casos estranhos e foi por isso que o consultei. Naturalmente esse advogado americano tem razão e eu devia ter falado primeiro com ele, mas tive a melhor das intenções.

— Creio que o senhor agiu de maneira correta — apoiou Holmes. — Mas o senhor quer mesmo comprar propriedades na América?

— Não, de forma alguma! Nada no mundo conseguiria me afastar da minha coleção. Mas o advogado me garantiu que comprará a minha parte, assim que pudermos reivindicar o que nos pertence. Ouvi falarem em cinco milhões de dólares. Há atualmente no mercado cerca de doze espécimes que preencheriam lacunas na minha coleção, mas eu não posso adquiri-los por falta de algumas centenas de libras. Imagine o que eu

poderia fazer com cinco milhões de dólares. Já tenho uma boa coleção nacional. Serei o Hans Sloane ⁽²⁾ do meu tempo.

Seus olhos cintilaram por trás dos grandes óculos. Era evidente que Mr. Nathan Garrideb não pouparia esforços para descobrir um homônimo.

— Vim apenas conhecer o senhor e não há razão para que interrompa seus estudos — justificou-se Holmes. — Prefiro estabelecer contato pessoal com as pessoas com quem trato. São poucas as perguntas que preciso fazer, pois tenho no meu bolso a sua narrativa, que é bastante clara, e posso juntá-las às informações do americano que foi à minha casa. O senhor ignorava que ele existia, até esta semana?

— Isso mesmo. Ele só esteve aqui na terça-feira passada.

— Ele lhe falou sobre nossa entrevista de hoje?

— Sim. Veio imediatamente para cá. Parecia zangado.

— Por que havia de ficar zangado?

— Parecia ofendido, como se eu tivesse duvidado da sua palavra.

— Propôs algum plano de ação?

— Não.

— O senhor não vê a possibilidade de ele ter em vista alguma outra coisa?

— Nenhuma, a não ser aquilo que declarou.

— O senhor contou-lhe sobre nossa conversa telefônica, marcando esta visita?

— Sim, falei.

Holmes pareceu ter ficado confuso.

— Tem objetos de grande valor na sua coleção?

— Não, pois não sou rico. Trata-se de uma boa coleção, mas não é muito valiosa.

— Não tem medo de ladrões?

— Não tenho medo algum.

— Há quanto tempo mora aqui?

— Há cerca de cinco anos.

⁽²⁾ *Sir Hans Sloane, médico e eminente naturalista inglês, de Killeagh (1660-1752), autor da Viagem à Ilha da Madeira, Barbados, Jamaica, com a história natural das plantas, mamíferos, peixes, etc. O Museu Britânico herdou as suas magníficas coleções. (N. do T.)*

O interrogatório de Holmes foi interrompido por uma pancada na porta. Mal o nosso cliente a abriu, o advogado americano invadiu a sala.

— Está aqui! — gritou, agitando um papel por cima da cabeça. — Pensei chegar a tempo de encontrá-los juntos. Mr. Nathan Garrideb, os meus parabéns! O senhor é um homem rico. Felizmente o nosso negócio foi bem-sucedido. Quanto ao senhor, Mr. Holmes, só podemos dizer que sentimos tê-lo incomodado inultimente.

Entregou o papel ao nosso cliente e este fixou os olhos no anúncio sublinhado. Holmes e eu debruçamo-nos por cima do ombro de Mr. Nathan Garrideb e lemos:

HOWARD GARRIDEB

Construtor de Máquinas para a Lavoura. Atadeiras, Ceifeiras, Arados manuais e a vapor, Semeadeiras, Grades, Carretas para trabalhos rurais e agrícolas em geral

Orçamentos para Poços Artesianos
Grosvenor Buildings, Aston.

— Esplêndido! — Exclamou o dono da casa. — Descobrimos o nosso terceiro homem.

— Eu tinha mandado fazer investigações em Birmingham — esclareceu o americano — e o meu agente naquela cidade mandou-me este anúncio de um jornal local. Temos de nos apressar se quisermos que tudo dê certo. Escrevi ao homem dizendo que o senhor irá procurá-lo, no escritório, amanhã às 16 h.

— O senhor quer que eu o procure?

— O que diz disso, Mr. Holmes? Não acha que seria mais prudente? Eu sou um americano errante, com uma história incrível... Como ele acreditaria no que digo? Já o senhor é inglês, com sólidas referências, e ele é obrigado a lhe dar ouvidos. Eu podia ir também, mas amanhã tenho um dia muito ocupado; contudo, caso haja algum contratempo, talvez consiga acompanhá-lo.

— Há muitos anos que eu não faço uma viagem dessas.

— Nada mais simples, Mr. Garrideb. Fiz um cálculo completo do seu horário. O senhor parte ao meio-dia e deve chegar lá, pouco depois das duas. Assim pode estar de volta à noite. A única coisa que tem de fazer é procurar o homem, expor-lhe o caso e obter uma certidão oficial de que ele existe. Que diabo! — acrescentou com calor — considerando que eu vim do coração da América, percorrer 160 quilômetros não é nada, para concluir esse negócio fabuloso.

— De acordo — apoiou Holmes. — Penso ser justo o que este cavalheiro propõe.

Mr. Nathan Garrideb encolheu os ombros, com ar desconsolado.

— Já que o senhor insiste, irei — decidiu. — Para mim é difícil recusar-lhe qualquer coisa, perante a esperança que trouxe à minha vida.

— Então está combinado — apoiou Holmes — e o senhor, logo que possa, me dirá como tudo correu.

— Eu me incumbirei disso — prontificou-se o americano e acrescentou, consultando o relógio. — Tenho de ir andando. Virei amanhã, Mr. Nathan, na hora do trem para Birmingham. Saímos juntos, Mr. Holmes? Então, adeus. É possível que, amanhã à noite, tenhamos notícias.

Reparei que o semblante do meu amigo se desanuviou, depois que o americano saiu da sala, e que a sua expressão de perplexidade se desvaneceu.

— Eu gostaria de dar uma olhada na sua coleção, Mr. Garrideb. Na minha profissão toda a espécie de conhecimentos, ainda que desordenados, é útil, e este seu trabalho é um exemplo deles.

O nosso cliente ficou radiante e seus olhos faiscaram por trás das enormes lentes.

— Sempre ouvi dizer que o senhor é um homem inteligente e se dispõe de tempo...

— Infelizmente não disponho de muito tempo... Mas estes espécimes estão tão bem rotulados e classificados que quase não necessitam da sua explicação pessoal. Se eu puder vir amanhã suponho que o senhor se não oponha a uma visita minha, não?

— De modo algum. Estão aqui ao seu dispor. Naturalmente a sala estará fechada, mas Mrs. Saunders fica no porão, até às 16 h, e o deixará entrar com a chave dela.

— Muito bem. Por acaso, amanhã à tarde estarei livre. Se o senhor avisar Mrs. Saunders, tudo estará em ordem. Por falar nisso, quem é o agente imobiliário deste prédio?

O nosso cliente admirou-se ao ouvir a inopinada pergunta.

— “Holloway & Steele”, na Edgware Road. Mas por quê?

— Eu também sou um pouco arqueólogo, quando se trata de casas — disse rindo, Holmes. — Eu gostaria de saber se esta construção é da época da Rainha Anne ou do período georgiano.

— Deste último, sem dúvida.

— Realmente. Eu devia ter refletido um pouco mais. Identifica-se logo. Até outra vez, Mr. Garrideb. Desejo-lhe sucesso em sua viagem de amanhã.

O escritório do agente imobiliário ficava próximo, mas já o encontramos fechado, de modo que voltamos para Baker Street. Holmes só voltou ao assunto depois do jantar.

— O nosso pequeno problema avizinha-se do final — anunciou. — Você, decerto, já anteviu a solução.

— Para mim, não tem pé nem cabeça.

— A cabeça já está à vista e os pés deverão aparecer, amanhã. Não notou nada de especial naquele anúncio, Watson?

— Notei que estava escrito *plow* em vez de *plough* ⁽³⁾.

— Oh, notou isso, realmente? Está melhorando, Watson! O tipógrafo compôs a palavra tal como estava. Também havia lá um *buckboard* ⁽²⁾ que é um termo puramente americano. Além disso, poços artesianos encontram-se mais lá do que aqui. Era um anúncio tipicamente americano, com a intenção de parecer proveniente de uma firma inglesa. Que conclui você daí?

— Só posso conjecturar que foi esse advogado quem o inseriu no jornal. Qual será o seu intuito?

— Há mais de uma explicação. Repare que ele quis que o cliente fosse a Birmingham. Eu quase o convenci a não ir, pois vai perder tempo e dinheiro, mas, pensando melhor, pareceu-me preferível deixá-lo ir, e ter caminho livre. O dia de amanhã, Watson, será esclarecedor.

⁽³⁾ *Plow é a grafia americana do termo inglês plough, arado. (N. do T.)*

⁽⁴⁾ *Carreta para trabalhos rurais. (N. do T.)*

Holmes levantou-se cedo e saiu. Quando voltou para o almoço, notei que estava preocupado.

— O assunto é mais sério do que eu pensava, Watson — considerou. — Prefiro ser franco com você, embora saiba que será mais uma razão para que queira se meter no perigo. Já o conheço bem, meu caro Watson.

— Não é a primeira vez que arriscamos a pele, juntos, Holmes, e espero que não seja a última. Que perigo especial há, desta vez?

— Estamos diante de um caso muito difícil. Identifiquei esse Mr. John Garrideb, advogado. Não é outro senão Evans, “o Matador”, de reputação sinistra; é um assassino.

— Nunca ouvi falar dele!

— Não faz parte da sua profissão ter na memória um rol de todos os criminosos de Londres. Estive na Yard com o meu amigo Lestrade. É possível que aquela gente não seja um poço de imaginação e intuição, mas não há no mundo quem os ultrapasse em exatidão e método. Lembrei-me de que podíamos procurar nos registros da polícia a pista do nosso amigo americano. Dito e feito: lá estava na “Galeria de Retratos Célebres”, sorrindo para mim, a sua cara gorducha, James Winter, também conhecido por Morecroft, também conhecido por Evans, “o Matador”, segundo a inscrição por baixo da fotografia. — Holmes tirou do bolso um envelope. — Recolhi algumas notas do seu processo. Idade 44 anos. Natural de Chicago. Consta ter assassinado a tiro três homens nos Estados Unidos. Escapou da penitenciária por influência política. Chegou a Londres, em 1893. Atirou em um homem com quem jogava cartas, num cabaré da Waterloo Road, em janeiro de 1895. O homem morreu, mas ficou provado que foi ele o agressor. O morto foi identificado como sendo Rodger Prescott, famoso em Chicago como moedeiro falso e batoteiro. Evans, “o Matador” foi posto em liberdade, em 1901. A partir daí tem estado sob vigilância da polícia, mas parece que, ultimamente, tem levado uma vida honesta. Homem muito perigoso, pronto a usar arma de fogo. É este o nosso adversário, Watson.

— Mas o que ele pretende?

— O caso começa a se definir. Estive no escritório dos agentes imobiliários do prédio. O nosso cliente, conforme ele mesmo nos disse, mora lá há cinco anos. Antes dele, a parte que ocupa agora esteve alugada, durante um ano, para um sujeito chamado Waldron. Desapareceu de

repente e não se teve mais notícias dele. Era um homem alto, usava barba e era bem moreno. Ora, Prescott, o homem a quem Evans, “o Matador”, assassinara era, de acordo com a Scotland Yard, um homem alto, moreno, barbado. Devemos considerar a hipótese de que Prescott, o criminoso americano, morou no mesmo quarto que o nosso inocente amigo agora consagra ao seu museu. Desta forma, obtemos um elo da cadeia.

— E o outro elo?

— Bem. Temos de ir procurá-lo, agora.

Tirou um revólver da gaveta e me entregou.

— Levo comigo a minha velha arma favorita. Caso nosso amigo do Wild West ⁽⁵⁾ não queria manchar sua reputação, devemos estar preparados para enfrentá-lo. Concedo-lhe uma hora, para a sesta, Watson. Depois disso, chegará o momento da nossa aventura na Ryder Street.

Eram 16 h quando chegamos ao apartamento de Nathan Garrideb. A criada, Mrs. Sounders, estava se preparando para sair, mas não hesitou em permitir nossa entrada, pois a porta era fechada com um trinco de mola, e Holmes prometeu que deixaria tudo em ordem, antes de sairmos. Pouco depois, a porta da rua foi fechada, o chapéu da criada passou diante da janela e verificamos que estávamos sós no andar térreo da casa. Holmes examinou rapidamente o interior. Num canto escuro estava um armário um pouco afastado da parede. Foi atrás dele que nos ocultamos, enquanto Holmes, num sussurro, me explicava o plano:

— Ele precisava afastar o nosso cliente daqui e, como o colecionador nunca saía, era necessário descobrir um meio de afastá-lo. A invenção dos “Garridebs” não teve outro fim. Mesmo admitindo-se que o estranho nome do inquilino tenha oferecido ao americano um ensejo que ele mal podia esperar, arquitetou seu plano com admirável astúcia.

— Mas que diabo ele quer?

— Meu caro Watson, é para isso que estamos aqui. O plano de Evans nada tem a ver com nosso cliente. É alguma coisa ligada ao indivíduo que ele matou, provavelmente seu cúmplice no crime. Deve existir aqui um segredo fundamental. De início, pensei que o nosso cliente tivesse, na sua coleção, sem o saber, algo de muito valor que chamasse a atenção de um grande criminoso. Mas o fato de esse estranho Rodger Prescott

⁽⁵⁾ *Oeste selvagem, nos Estados Unidos da América. (N. do T.)*

ter morado aqui, indica uma razão mais profunda. Bem, Watson, só nos resta ter paciência e ver o que nos reserva a próxima hora.

Essa hora não tardou a chegar. Ainda nos encolhemos mais na sombra, quando ouvimos a porta exterior abrir-se e fechar-se. Soou depois o ruído metálico de uma chave, e o americano estava no aposento. Depois de fechar a porta cuidadosamente, o homem tirou o casaco e caminhou para a mesa do centro com a desenvoltura de quem sabe perfeitamente o que vai fazer e como fazê-lo. Empurrou a mesa para um lado, rasgou o quadrilátero de tapete sobre o qual ela ficava, enrolou-o e, em seguida, tirando do bolso um pé-de-cabra curto, ajoelhou-se e pôs-se a trabalhar vigorosamente no chão. Daí a pouco, ouvimos o som de tábuas que eram arrastadas do seu lugar e surgiu uma abertura quadrada no assoalho. Evans, “o Matador”, riscou um fósforo, acendeu um toco de vela e desapareceu da nossa vista.

Evidentemente, o nosso momento chegara. Holmes deu-me um toque no pulso como sinal e, juntos, dirigimo-nos, silenciosamente, para o alçapão. Apesar de termos andado cuidadosamente, o assoalho antigo deve ter estalado sob nossos pés, porque a cabeça do americano apareceu subitamente do espaço aberto. Ele virou-se para nós e seu rosto estampava ódio e raiva; mas pouco a pouco sua expressão suavizou-se e dirigiu-nos um sorriso cínico, quando percebeu que duas pistolas estavam apontadas para sua cabeça.

— Bem! — disse, com frieza, ao subir com dificuldade à superfície. — Desconfio que o senhor foi mais esperto do que eu, Mr. Holmes. Percebeu o meu jogo e iludiu-me desde o princípio. Dou-me por vencido.

Num instante, sacou do peito um revólver e disparou dois tiros. Senti de súbito um calor como se um ferro em brasa tivesse raspado minha coxa. Ouviu-se uma pancada na cabeça do homem. Vi-o estatelar-se no chão, com o rosto banhado em sangue, enquanto Holmes o desarmava. Em seguida os vigorosos braços do meu amigo arrastaram-me para uma cadeira.

— Você não está ferido, Watson? Pelo amor de Deus, diga que não está ferido!

Valeriam bem até vários ferimentos, para ouvir aquela manifestação de lealdade e afeição que se escondiam por trás da máscara de frieza. Todos os meus anos de colaboração humilde, mas leal, culminaram naquele momento de prova de uma grande amizade.

— Não é nada, Holmes. É um simples arranhão.

Ele já rasgara as minhas calças com o seu canivete.

— Tem razão — verificou, com um suspiro de alívio. — É superficial.
— Seu rosto parecia de pedra quando olhou para nosso prisioneiro, que tentava sentar-se meio atordoado.

— O senhor teve mais sorte do que merece. Se tivesse matado Watson, não sairia vivo deste aposento. E agora, que tem a dizer em sua defesa?

“O Matador” deixou-se ficar onde estava. Apoiei-me no braço de Holmes e juntos olhamos para o pequeno porão, descoberto pelo alçapão secreto. Ainda estava iluminado pela vela que Evans levara ao descer. Vimos várias máquinas enferrujadas, grandes rolos de papel, uma porção de frascos em desordem e, muito bem arrumadas sobre uma mesinha, várias pilhas de pequenos pacotes.

— Uma tipografiazinha manual, com todos os apetrechos de um falsário — comentou Holmes.

— Sim, senhor — confirmou o preso, erguendo-se devagar. Cambaleante, deixou-se cair pesadamente na cadeira. — O maior moedeiro falso que já ouve em Londres. Aquilo é a “guitarra” de Prescott e aqueles pacotinhos em cima da mesa são duas mil notas de cem libras, prontas para circular em qualquer parte. Sirvam-se, cavalheiros. Façamos uma transação e deixem-me partir.

Holmes riu.

— Nós não fazemos negócio dessa natureza, Evans. Para você não há, neste país, esconderijo que valha. Foi você quem matou esse tal Prescott, não foi?

— Fui sim e, por causa disso, cumpri cinco anos de prisão, embora tivesse sido provocado por ele. Cinco anos... em vez de receber uma medalha. Não havia quem pudesse distinguir entre as notas de Prescott e as do Banco de Inglaterra e, se eu não o tivesse eliminado, ele inundaria Londres com dinheiro falso. Eu era a única pessoa no mundo que sabia onde ele as fabricava. Quando descobri esse maluco de nome esquisito instalado no próprio lugar e que, nem por um decreto, arredava pé daqui, fiz tudo para afastá-lo. Talvez tivesse sido mais prudente despachá-lo deste mundo. Nada seria mais fácil, mas não tenho coragem de dar um tiro, a não ser que o outro homem também esteja armado. Mas afinal, Mr. Holmes, que fiz de mal? Não utilizei as notas falsas. Não fiz um arranhão nesse colecionador imbecil. De que me acusa?

— Que eu saiba, há apenas uma tentativa de homicídio — disse Holmes. — Isto, porém, não é do nosso ofício, pertence a outra alçada. O que queríamos era, justamente, capturá-lo. Por favor, Watson, telefone para a Yard. Creio que já estão à espera de notícias nossas.

Foram estes os fatos referentes a Evans, “o Matador”, e à sua engenhosa invenção acerca dos três Garridebs. Mais tarde, viemos a saber que o nosso cliente não conseguiu refazer-se do choque, ao ver dissiparem-se todos os seus sonhos. Quando seu castelo de areia desmoronou, sepultou-o sob os escombros. A última notícia que tivemos a seu respeito foi que se recolhera em uma casa de saúde, em Brixton.

Na Scotland Yard houve muita euforia ao descobrirem todo o material de Prescott, pois, embora se soubesse da sua existência, após a morte do falsário, não fora possível localizar as máquinas de impressão e o dinheiro que ele emitiu com tanta habilidade.

Na realidade, Evans prestara um bom serviço, contribuindo para que os respeitáveis elementos do Departamento de Investigação Criminal pudessem dormir mais tranqüilos, visto que todo o moedeiro falso, na sua terrível especialidade, constitui um permanente perigo para a economia pública. Talvez até se sentissem dispostos a concederem-lhe a medalha de que ele se considera merecedor. Contudo, um tribunal que não soube dar o justo valor às coisas, foi de opinião menos favorável, e “o Matador” voltou para as trevas de onde, pouco tempo antes, tinha saído.



O CLIENTE ILUSTRE

— Agora isso já não pode causar prejuízos a ninguém — comentou Sherlock Holmes, quando, pela décima vez em outros tantos anos, lhe pedi para divulgar a seguinte narrativa. Foi assim que, finalmente, obtive permissão para pôr em letra de forma aquilo que, sob certos aspectos, foi o momento supremo da carreira do meu amigo.

Tanto Holmes como eu tínhamos um fraco pelo banho turco. Na aprazível languidez da sala de estar, sempre o encontrei menos reticente e mais humano do que em qualquer outro local. No piso superior do estabelecimento da Northumberland Avenue, há um recanto isolado onde estão duas camas, lado a lado, sobre as quais estávamos deitados no dia 3 de setembro de 1902, data que marca o início da presente investigação. Eu perguntara-lhe se havia alguma novidade e, em resposta, ele tirara do lençol o braço comprido e nervoso e extraíra um envelope do bolso interior do casaco, pendurado a seu lado.

— Talvez se trate de um tolo que pretende fazer-se importante, mas também pode ser um caso de vida ou de morte — considerou, estendendo-me o bilhete. — Só sei aquilo que está contido nestas linhas.

Fora expedido do Carlton Club, com a data da noite anterior.

“*Sir* James Damery apresenta os seus cumprimentos a Mr. Sherlock Holmes a quem fará uma visita amanhã às 16h30. O assunto que deseja expor a Mr. Holmes é muito delicado e importante. Espera que Mr. Holmes faça o possível por conceder-lhe esta entrevista e que a confirme, telefonando para o Carlton Club, esta manhã.”

— Não preciso dizer que a confirmei, Watson — disse Holmes, quando lhe devolvi o papel. — Você sabe alguma coisa a respeito desse Damery?

— Sei apenas que é muito conhecido na sociedade londrina.

— Então vou dar-lhe mais algumas informações. Damery tem fama de saber tratar de assuntos delicados que não devem ser transmitidos pela imprensa. Lembre-se das negociações dele com *Sir* George Lewis

sobre o caso Hammerford Will. É um homem que conhece o mundo e que tem queda para a diplomacia. Posso, portanto, esperar que não se trate de uma pista falsa e que ele precise, de fato, da nossa assistência.

— Da nossa?

— Se você quiser ter a bondade de colaborar, Watson.

— Com muita honra.

— Nesse caso, já sabe a hora: quatro e meia. Até lá podemos esquecer o assunto.

Naquela época ele morava na Queen Anne Street, mas eu já me encontrava na Baker Street, antes da hora marcada. Precisamente às quatro e meia o coronel *Sir* James Damery fez-se anunciar. É quase desnecessário descrevê-lo, pois muitos se lembrarão ainda daquele homem honrado, bonachão, alto, de cara larga e barbeada, e, sobretudo, da sua voz suave e agradável. A franqueza brilhava nos seus olhos cinzentos de irlandês e o bom humor patenteava-se no sorriso dos lábios em constante movimento. A sua cartola reluzente, o sobretudo preto, cada pormenor do seu traje, desde o alfinete de pérola da gravata de cetim preto, até às polainas azul-claras sobre os sapatos de verniz, denotava o meticuloso apuro com que se vestia e que o tornou famoso. A presença do imponente aristocrata dominava a nossa saleta.

— É claro que eu esperava encontrar aqui o Dr. Watson — comentou, com uma mesura. — A sua colaboração pode ser necessária, pois vamos tratar com um homem violento e que não se deterá diante de nada. Eu diria que não há, na Europa, indivíduo mais perigoso.

— Tenho tido vários adversários a quem tem sido aplicado esse epíteto lisonjeiro — lembrou Holmes, com um sorriso. — O senhor não fuma? Então não se incomoda que eu acenda o meu cachimbo. Se o seu homem é mais perigoso do que o falecido professor Moriarty ou do que o coronel Sebastian Moran, que ainda vive, é realmente um adversário de respeito. Pode dizer-me o nome dele?

— Já ouviu falar no barão Gruner?

— O senhor refere-se ao assassino austríaco?

O coronel Damery, dando uma risada, ergueu as suas mãos cobertas com as luvas de pelica. — O senhor é insuperável, Mr. Holmes! Maravilhoso! O senhor então já o classificou como assassino?

— O meu ofício é acompanhar os detalhes do crime, no continente. Quem quer que tenha lido o que aconteceu em Praga não pode ter dúvidas quanto à culpabilidade desse sujeito. Ele só se salvou por causa de um pormenor legal de natureza técnica e da morte suspeita de uma testemunha. Estou tão certo de que ele matou a esposa, quando se deu o suposto “acidente” no desfiladeiro de Splugen, como se tivesse presenciado o crime. Soube também que Gruner tinha vindo para a Inglaterra e tive um pressentimento de que, mais cedo ou mais tarde, me propiciaria algum serviço. Então qual foi a “última” do barão Gruner? Presumo que não se trate, ainda, da velha tragédia...

— Não. É um caso mais sério. Vingiar o crime é importante, mas preveni-lo é ainda mais. É uma coisa terrível, Mr. Holmes, ver uma situação atroz, em perspectiva iminente; compreender, claramente, que desfecho terá e, contudo, não poder dar um passo para impedi-la. É humano ver-se colocado em posição tão difícil?

— Talvez não.

— Então o senhor partilhará os sentimentos do meu cliente.

— Eu não tinha percebido que o senhor era apenas um intermediário. Quem é o interessado direto?

— Rogo-lhe, Mr. Holmes, que não insista nessa pergunta. Posso assegurar-lhe que o seu nome honrado não figurou, de maneira alguma, neste caso. As razões dessa pessoa são absolutamente honrosas e cavalheirescas, mas prefere permanecer incógnita. Os seus honorários, Mr. Holmes, estão garantidos e terá carta branca no assunto. Não é verdade que o verdadeiro nome do seu cliente não é essencial?

— Queira desculpar-me, *Sir James*, mas receio ter de recusar servi-lo.

O nosso visitante ficou visivelmente perturbado. Sua expressão era emoção e desapontamento.

— O senhor não pode avaliar, Mr. Holmes, o resultado da sua recusa. Vejo-me perante um dilema sério, pois tenho certeza de que o senhor se orgulharia de poder encarregar-se do caso se eu pudesse apresentar os fatos; contudo, há uma promessa que me impede de revelá-lo inteiramente. Posso ao menos expor-lhe o que me é permitido?

— Perfeitamente, com a ressalva de que não me comprometo a coisa alguma.

— De acordo. Em primeiro lugar, o senhor já ouviu falar no general De Merville?

— O que se tornou famoso no caso Khyber? Sim, ouvi falar nele.

— Ele tem uma filha, Violet de Merville, jovem, rica, formosa, uma criatura prendada em todos os sentidos. É essa jovem inocente que procuramos libertar das garras de um demônio.

— Terá o barão Gruner alguma influência sobre ela?

— A mais forte das influências que um homem pode exercer sobre a mulher: a do amor. Esse indivíduo é extraordinariamente atraente, possui maneiras fascinantes, voz agradável, e aquele ar romanesco e misterioso que tanto seduz uma mulher. Dizem que dispõe do sexo frágil a seu bel-prazer e que tira enorme partido dessa prerrogativa.

— Como conheceu uma mulher da posição de Miss Violet de Merville?

— Numa viagem de iate pelo Mediterrâneo. Os componentes do grupo, embora seletos, pagaram a sua respectiva passagem. É claro que os promotores da excursão só muito tarde vieram a conhecer que espécie de homem era o barão. O canalha insinuou-se para a jovem com tal arte que a conquistou inteiramente. Miss Violet apaixonou-se loucamente por ele, mais parecendo vítima de uma obsessão. Além dele, nada mais existe para ela no mundo. Não admite que se diga uma palavra contra Gruner. Tem se tentado de tudo para curá-la dessa loucura, mas em vão. Pretende casar-se com ele no próximo mês. Como Violet é maior de idade e tem uma vontade de ferro, é quase impossível detê-la.

— Será que ela ignora o episódio da Áustria?

— A astuta raposa contou-lhe os casos mais escabrosos da sua vida passada, mas, com tal jeito, que ficava sempre transformado em vítima. Ela acredita cegamente na versão que ele oferece dos fatos e não quer saber de nenhuma outra.

— Que absurdo! Deduzo que o senhor, por inadvertência, deixou escapar o nome do seu cliente, não é verdade? É evidentemente o general De Merville.

O nosso visitante agitou-se na cadeira.

— Eu poderia muito bem enganá-lo, concordando com o que sugere, Mr. Holmes, mas não seria verdade. De Merville é hoje um homem arrasado. O bravo militar ficou profundamente abatido com esse

incidente. Perdeu a energia que jamais lhe faltou no campo de batalha e tornou-se num velho fraco, receoso, completamente incapaz de lutar contra um pilantra tão esperto como o tal austríaco. Contudo, o meu cliente é um velho amigo, um homem que, durante muitos anos, conheceu na intimidade o general e acabou tendo um interesse paternal pela pequena, desde o tempo em que ela usava vestidinho curto. Não admite a idéia de ver consumir-se essa catástrofe sem fazer nada para impedi-la. A Scotland Yard não pode fazer nada a esse respeito. Foi meu próprio cliente quem sugeriu que se recorresse ao seu auxílio, mas com a condição expressa de que ele não fosse pessoalmente envolvido no assunto. Não duvido, Mr. Holmes, que, com sua grande perspicácia, o senhor poderia facilmente descobrir a identidade do meu cliente, mas peço-lhe que não faça isso. Por favor, deixe-o permanecer incógnito.

Holmes sorriu, enigmaticamente.

— Não me é difícil prometê-lo. Posso acrescentar que seu problema me interessa e que estou disposto a tratar dele. Como poderei me comunicar com o senhor?

— Posso ser encontrado no Carlton Club. Mas, em caso de urgência, pode ligar para meu número telefônico particular, XX. 31.

Holmes anotou-o e sentou-se, ainda a sorrir, com o bloco aberto sobre o joelho.

— Qual é o endereço atual do barão?

— Vernon Lodge, perto de Kingston. É uma casa grande. Ele foi feliz em certas especulações um tanto suspeitas e é hoje um homem rico, o que, como é natural, o torna um adversário ainda mais temível.

— Ele está em casa agora?

— Sim.

— Você pode me dar mais algumas informações sobre ele?

— Tem gostos de riqueza. Adora cavalos e jogava pólo em Hurlingham, mas depois, com a divulgação do escândalo de Praga, teve de desistir. Colecionava livros e quadros. Possui um considerável gosto artístico e creio que é uma autoridade em cerâmica chinesa, tendo escrito um livro sobre esse assunto.

— Um espírito complexo — comentou Holmes. — Todos os grandes criminosos são assim. O meu velho amigo Charlie Peace era um violinista

excepcional. Wainwright era um artista não menos dotado. Poderia citar outros. Bem, *Sir James*, o senhor pode dizer a seu cliente que me interesso pelo barão Gruner. Não posso dizer mais nada. Disponho de algumas fontes de informação próprias e ousou dizer que poderemos encontrar meios de solucionar o caso.

Depois que nosso visitante saiu, Holmes se embebeu em seus pensamentos de tal modo que supus que tivesse esquecido da minha presença. Mas finalmente voltou à Terra!

— Então, Watson, que lhe parece? — perguntou.

— Penso que você deveria conversar pessoalmente com a jovem.

— Meu caro Watson, se o pobre e velho pai não consegue demovê-la da idéia, como conseguirei eu que sou um estranho? Contudo, se nada der certo, sua sugestão ser-me-á útil. Acho, porém, que devemos começar por um setor diferente. Tenho a impressão de que Shinwell Johnson pode nos ajudar.

Ainda não tive oportunidade de mencionar Shinwell Johnson, nestas memórias, porque raramente as minhas histórias são extraídas da fase mais recente da carreira do meu amigo. Durante os primeiros anos do século, Johnson tornou-se um valioso auxiliar, embora tenha estado na prisão de Parkhurst. Finalmente, arrependeu-se e tornou-se aliado de Holmes, trabalhando como seu agente nas piores camadas do crime, em Londres, e colhendo informações, que às vezes foram de importância vital. Se Johnson fosse um informador da Polícia, seria logo descoberto e evitado; mas como tratava de casos que não chegavam diretamente aos tribunais, suas atividades nunca eram percebidas pelos companheiros. Com o prestígio das duas sentenças cumpridas, tinha entrada livre em qualquer antro, em qualquer bordel, em todas as casas de jogos da cidade, e a sua observação rápida e o seu cérebro ativo tornavam-no um agente ideal para obter informações. Era a esse homem que Sherlock Holmes agora pretendia recorrer.

Não me foi possível acompanhar de perto os passos imediatos do meu amigo, porque meus deveres profissionais me chamaram para outros lados, mas, por combinação prévia, encontrei-me naquela noite com ele no Simpson's onde, sentado a uma mesinha perto da janela da frente e olhando o movimento intenso que ia pela Strand, contou-me o que se tinha passado.

— Johnson está em ação — explicou Holmes. — É muito possível que ouça alguma coisa nos antros que freqüenta, porque é ali, entre as raízes negras do crime, que poderemos descobrir os segredos do barão.

— Mas, se a jovem não acredita no que já todos sabem, como poderá movê-la qualquer outra descoberta que você venha a fazer?

— Quem sabe, Watson? O coração e a mente de uma mulher são um enigma para nós, homens. Um homicídio pode ser perdoado ou explicado. Contudo, às vezes, um crime menor é como ferida que fica sangrando. Disse-me o barão Gruner...

— Ele disse isso ao Senhor?

— Oh, Watson, eu ainda não tinha falado dos meus planos para você! Mas, como sabe, eu gosto de ter contato com meu adversário e de verificar, por mim mesmo, a matéria de que é feito. Depois de ter dado instruções a Johnson, tomei um carro de aluguel, que me levou a Kingston e encontrei o barão de muito bom humor.

— Ele o reconheceu?

— Quanto a isso não teve dificuldade, porque lhe mandei o meu cartão de visita. É um excelente adversário, frio como o gelo, de voz aveludada e suave como a de certas elegantes pacientes suas, e venenoso como uma cobra. Tem linhagem, é um verdadeiro aristocrata do crime, com requintes de burguês e toda a crueldade de um homem sem escrúpulos. Sim, estou feliz por terem chamado a minha atenção para o barão Adelbert Gruner.

— E achou-o afável?

— Com a afabilidade enganosa do gato que tem na mira ratinhos apetitosos. Há cortesias mais mortíferas do que a violência dos assassinos. A sua saudação foi característica: “Eu esperava pela sua visita, mais cedo ou mais tarde, Mr. Holmes. Sem dúvida, foi contratado pelo general De Merville, para tentar frustrar o meu casamento com a sua filha Violet. Não é verdade?”

Confirmei e ele prosseguiu:

— O senhor, meu caro amigo, vai arriscar sua merecida reputação. Este não é um caso em que tenha possibilidade de êxito. Estará perdendo seu tempo e correndo perigo. Permita-me aconselhá-lo a levantar o cerco o quanto antes.

— É curioso — respondi —, mas era exatamente esse o conselho que eu pretendia dar a você. Sua inteligência mereceu meu respeito, barão. Falemos de homem para homem. Ninguém pretende molestá-lo revolvendo as cinzas do seu passado. O que passou passou, e o senhor obteve o que desejou, mas, se insistir nesse casamento, terá de enfrentar inimigos poderosos que não o deixarão em paz até o obrigarem a abandonar este país. Acha que vale a pena? Era certamente mais prudente deixar a jovem em paz. Não seria agradável para o senhor que ela se inteirasse do seu passado.

O barão usa um fino bigode de pontinhas enceradas que parecem as antenas de um inseto. Estas vibraram de prazer, enquanto escutava, e soltou uma risada irônica.

— Desculpe-me por rir, Mr. Holmes, mas é divertido vê-lo querer começar o jogo sem cartas na mão. Creio que ninguém o faria melhor do que o senhor, mas, em tais condições, deve desistir, pois não tem a mínima probabilidade de êxito.”

— É o que lhe parece?”

— É o que eu sei. Deixe-me explicar-lhe bem o assunto, pois os meus trunfos são tão fortes que não me custa mostrá-los. Tive a felicidade de conquistar o afeto de Miss Violet, apesar de todos os infelizes incidentes da minha vida passada. Disse-lhe também que certas pessoas mal intencionadas e intrigantes (creio que o senhor não terá dificuldade em reconhecer-se) iriam contar-lhe certas coisas para me caluniar e a preveni sobre como deveria tratar tais pessoas. Já ouviu falar em sugestão pós-hipnótica, Mr. Holmes? Pois poderá verificar que um homem com personalidade pode usar o hipnotismo sem se servir de passes especiais. Dessa forma, Miss Violet estará pronta para enfrentá-lo.”

Bem, Watson, despedi-me com a mais fria dignidade de que fui capaz. Porém, quando estava com a mão na maçaneta da porta, o barão deteve-me, sondando:

— A propósito, Mr. Holmes, conheceu Lê Brun, o agente francês?”

— Sim, conheci.”

— Sabe o que lhe aconteceu?”

— Ouvi dizer que foi agredido por uns facínoras, no bairro de Montmartre, e ficou aleijado para toda a vida.”

— Exato, Mr. Holmes. Por uma curiosa coincidência, Lê Brun resolvera intrometer-se nos meus negócios, apenas uma semana antes. Não faça o mesmo, Mr. Holmes, pois pode se arrepender. A minha última recomendação é esta: siga o seu caminho e deixe-me seguir o meu. Até a vista.”

— Agora, Watson, você tem todos os dados.

— O tipo parece perigoso.

— Perigosíssimo. Dos fanfarrões não faço caso, mas o barão é daqueles homens que fazem mais do que ameaçam.

— Você vai realmente intervir no caso? Que interessa se ele case ou não com a jovem?

— Considerando que Gruner assassinou a sua última mulher acho que não deve desgraçar Miss Violet. Além disso, aceitei um cliente. Quando acabar de beber o seu café, seria bom que viesse comigo até minha casa, pois o risinho Shinwell Johnson já deve estar lá com informações.

Johnson era um homem enorme, rude, corado, com um par de olhos negros e vivos, único sinal exterior do seu espírito arguto. A seu lado, no sofá, estava uma mulher nova, esbelta e ardente, de rosto pálido, nervoso e juvenil, mas tão estragada pelo vício e pela desventura que era visível a marca que os anos de boemia lhe haviam deixado.

— Esta é Miss Witty Winter — apresentou Shinwell Johnson, fazendo um vago gesto de apresentação com a mão gorda. — O que ela não souber... bem, deixe-a falar por si. Contratei-a, Mr. Holmes, uma hora depois de ter recebido o seu recado.

— É fácil me encontrar — disse a mulher. — O inferno de Londres tem-me à porta. *Porky*⁽¹⁾ Shinwell tem o meu endereço. *Porky* e eu somos velhos parceiros. Há um canalha que devia estar num inferno pior que o nosso, se houvesse justiça no mundo. É aquele com quem o senhor quer ajustar contas, Mr. Holmes.

Sherlock sorriu.

— Pelo que vejo, podemos contar com a sua boa vontade, Miss Winter.

— Se eu puder ajudar a mandá-lo para o lugar que ele merece, conte comigo enquanto me restar um sopro de vida. — Notava-se um ódio

⁽¹⁾ *Alcunha: Porquinho. (N. do T.)*

intenso no seu rosto pálido e nos seus olhos em chamas. — O que sou, devo-o a Adelbert Gruner. Pudessemos eu atirá-lo ao abismo para o qual arrastou tanta gente!

— A senhora sabe de que assunto se trata?

— *Porky* Shinwell falou-me a esse respeito. O patife anda atrás de outra pobre tola e desta vez pretende casar com ela. O senhor quer ver se evita que uma moça decente una o seu destino ao desse demônio.

— A jovem está loucamente apaixonada. Apesar de lhe terem contado toda crônica do barão, nada lhe importa.

— Falaram-lhe do assassinato?

— Falaram.

— Meu Deus! Deve ter nervos de aço!

— Julga ser tudo calúnia.

— O senhor não podia pôr-lhe as provas diante dos olhos?

— Quer ajudar-nos a fazer isso?

— Certamente.

— Valia a pena tentar. Mas o barão fez-lhe uma confissão quase completa, a jovem perdoou-lhe e não quer que se toque novamente no assunto.

— Decerto, Gruner não lhe contou tudo — considerou Miss Winter. Eu soube de mais dois assassinatos, além daquele que teve tanta repercussão. Falava-me de alguém, brandamente e, depois, fitava-me com firmeza, informando: “O sujeito morreu em menos de um mês”. E não era bravata. Mas eu não dava importância ao fato, porque, naquela época, amava-o, absolvendo-o de tudo, tal qual esta tonta que ele tem agora. Apenas uma coisa me afligiu: um livro de couro marrom, com um fecho e as armas dele em ouro no frontispício. Creio que naquela noite estava um pouco bêbado, de contrário não me mostraria.

— De que trata esse livro?

— Esse homem coleciona mulheres e vangloria-se da sua coleção, como alguns homens colecionam borboletas. Está lá tudo no tal livro. Instantâneos fotográficos, nomes, pormenores, tudo que se refere a elas. Trata-se de um livro imundo que nenhum homem, nem o mais depravado, seria capaz de escrever. No entanto, Adelbert Gruner gabava-se: “Tudo gente que arruinei”. Mas isto pouco adianta,

porque o livro não lhe serviria e, ainda que servisse, o senhor não poderia obtê-lo.

— Onde está esse livro?

— Como poderei dizer-lhe onde está agora? Há mais de um ano deixei Adelbert. Sei onde ele o guardava naquela época. Como Adelbert é um indivíduo muito metódico e cuidadoso, é possível que o livro ainda esteja no escaninho da velha escrivaninha, no escritório interno. O senhor conhece a casa de Gruner?

— Só estive no escritório.

— Sério? Se a coisa só começou hoje de manhã, devo reconhecer que o senhor não perde tempo. Talvez, dessa vez, Adelbert encontre um homem pela frente. O escritório externo é o da louça chinesa... um enorme armário de vidro, entre as janelas. E atrás da escrivaninha fica a porta de acesso ao escritório interno onde ele guarda papéis e objetos.

— Ele não tem medo de ladrões?

— Adelbert não é covarde, além de que, à noite, há um alarme. De resto, ali, nada há que possa tentar um gatuno. Só se for a louça chinesa.

— Então Miss Winter, se a senhora puder vir aqui, amanhã às 17 h, dir-lhe-ei se é viável sua sugestão de se fazer uma visita à jovem. Fico-lhe gratíssimo pela sua cooperação e os meus clientes não deixarão de recompensá-la.

— Não é o dinheiro que me move, Mr. Holmes. Se eu vir esse homem na lama, darei por bem pago o meu trabalho. Gostaria de pisar a sua maldita cara. Eis o meu preço. Estarei com o senhor, amanhã, ou em qualquer outro dia, enquanto o senhor andar no seu encalço. Aqui o *Porky* pode sempre dizer-lhe onde me encontro.

Só tornei a ver Holmes no dia seguinte à noite, quando uma vez mais jantamos no nosso restaurante da Strand. Perguntei-lhe como tinha sido a entrevista. Ele encolheu os ombros e, depois, contou a história que reproduzirei a seguir.

— Não houve qualquer dificuldade no encontro — disse Holmes —, pois a jovem obedece ao pai em todas as coisas secundárias, como que tentando compensar a sua flagrante desobediência, na questão do noivado. O general telefonou me dizendo que estava tudo preparado e a exuberante Miss Winter apareceu, conforme a nossa combinação. Às cinco e meia, um carro de aluguel deixou-nos em frente ao número

104 da Berkeley Square, um desses casarões londrinos horrendamente cinzentos que, em matéria de imponência, ofuscam qualquer igreja. Um laçao nos introduziu numa vasta sala de visitas, de cortinas amarelas, e lá estava Miss Violet à nossa espera, pálida, reservada, inflexível e tão alheia a tudo, como uma imagem de neve sobre uma montanha. Não sei como descrevê-la a você, Watson. Talvez você venha a conhecê-la antes de terminarmos este caso e poderá então avaliá-la. É formosa, mas de uma beleza etérea, mística, como a de certas fanáticas cujos pensamentos estão fixos nas alturas. Tenho visto esses semblantes angelicais nos quadros dos velhos mestres da Idade Média. Como é que um canalha pode deitar as garras a um ser tão ultraterreno é coisa que não posso conceber. Como você pode ver, os extremos se atraem, o espiritual chama o animal, o homem da caverna atrai o anjo. Decerto, sabia o motivo da nossa visita. O patife envenenara-lhe contra nós. A vinda de Miss Winter não deixou de causar-lhe espanto, mas, com um gesto, indicou-nos as respectivas cadeiras, como uma reverenda abadessa recebendo dois mendigos. Se você, meu caro Watson, deseja receber umas lições de presunção, procure Miss Violet de Merville.

— Bem, cavalheiro — disse ela, numa voz como a do vento que vem de um *iceberg* —, o seu nome me é familiar. O senhor veio aqui, segundo creio, para difamar o meu noivo, barão Gruner. Foi somente por deferência para com meu pai que concordei em recebê-lo, mas aviso-o, desde já, que nada que o senhor disser mudará minha posição.

Tive pena dela, Watson. Naquele momento, pensei nela como pensaria numa filha minha. Em geral não sou eloquente. Valho-me da cabeça, não do coração. Mas usei com ela todos os argumentos que pude encontrar. Descrevi-lhe a situação terrível da mulher que só vem a conhecer o caráter de um homem depois de ser sua esposa, de uma mulher que tem de submeter-se a ser acariciada pelas mãos de um sanguinário e pelos lábios de um libertino. Falei-lhe da vergonha, do desespero de tal estado. As minhas palavras não produziram-lhe o mais leve rubor, nem um vislumbre de emoção. Lembrei-me do que o canalha tinha dito acerca de uma influência pós-hipnótica. Parecia viver, longe da terra, como num sonho estático.

— Escutei-o com toda a paciência, Mr. Holmes — replicou. — Não ignoro que Adelbert teve existência tempestuosa, durante a qual sofreu as mais injustas calúnias. O senhor é apenas o último de uma série de

peessoas que vêm aqui falar mal dele. É possível que a sua intenção seja boa, embora eu saiba que o senhor é um agente pago e que estaria disposto a agir tanto a favor do barão como contra ele. Mas, seja como for, fique sabendo que amo Adelbert e sou correspondida. A opinião do resto do mundo não me interessa. Não sei — e olhou para a minha companheira — quem é esta jovem senhora.

Eu ia responder quando a jovem explodiu:

— Vou dizer-lhe quem sou. Sou a última amante de Adelbert Gruner. Sou uma entre cem que ele seduziu, de quem usou e abusou, que arruinou e jogou na valeta, como fará com você. E a valeta que lhe está reservada pode ser um túmulo... e talvez isso seja melhor. Digo a você, mulher tola, que se casar com esse homem, ele será a sua morte. Pode partir-lhe o coração ou o pescoço, mas, de um modo ou de outro, irá liquidá-la. Se assim lhe falo, não é por amor a você. Pouco me importa que viva ou morra. É pelo ódio que tenho por ele, é para devolver-lhe o que ele me fez. E não precisa me olhar dessa maneira, minha fina dama, pois, talvez, antes que o pesadelo acabe, você esteja pior do que eu.

— Eu preferiria não discutir tais assuntos — retorquiu Miss Violet de Merville, com frieza. — Deixe-me dizer, de uma vez por todas, que estou inteirada de três episódios da vida de meu noivo, em que se viu enredado por mulheres intrigantes, e que estou certa do seu sincero arrependimento por qualquer mal que possa ter praticado.

— Três episódios? — gritou a minha companheira. — Que idiota! Que perfeita idiota!

— Mr. Holmes, rogo-lhe que dê por encerrada esta entrevista — proferiu a voz de gelo. — Ao recebê-lo, obedeci ao desejo de meu pai, mas não sou obrigada a escutar as inconveniências desta mulher.

Rogando uma praga, Miss Winter lançou-se para a frente e, se eu não a tivesse agarrado pelo pulso, cravaria as unhas no cabelo da jovem obcecada. Arrastei-a para a porta e consegui colocá-la na carruagem, sem escândalo, embora a raiva a tivesse feito sair fora de si. De minha parte também me sentia irritadíssimo, Watson, com a indiferença e o ar de superioridade da mulher que estávamos tentando salvar. É óbvio que tenho de tentar outro meio, porque este primeiro falhou. Encontrei com você, Watson, porque é provável que você tenha o seu papel a desempenhar, embora suspeite que a próxima jogada pertença a eles e não a nós.

E foi o que sucedeu. O golpe deles falhou, ou antes, o golpe dele, pois jamais pude acreditar que a jovem tivesse qualquer interferência no caso. Entre o Grand Hotel e a estação de Charing Cross, onde um jornaleiro, que só tinha uma perna, expunha os seus jornais da tarde, li em letras garrafais:

“ATENTADO CONTRA A VIDA DE SHERLOCK HOLMES”

Creio que fiquei atordoado durante alguns minutos. Depois, tenho uma vaga lembrança de, bruscamente, ter tirado um jornal, de ter sido repreendido pelo homem a quem eu não pagara, e por fim, ter me encostado à porta de uma farmácia enquanto lia, avidamente, a notícia:

Penalizados, acabamos de saber que Mr. Sherlock Holmes, o conhecido detetive particular, foi vítima, esta manhã, de uma agressão que o deixou em estado grave. Não dispomos de pormenores exatos, mas parece que o fato se deu por volta do meio-dia, na Regent Street, perto do Royal Café. O ataque foi perpetrado por dois homens armados com pedaços de pau, tendo Mr. Holmes recebido golpes na cabeça e no corpo que pro-duziram ferimentos considerados muito graves. Foi transportado para o hospital de Charing Cross e, depois, por insistência sua, levado para sua residência na Baker Street. Os bandidos que o agrediram estavam, ao que parece, decentemente trajados e escaparam, atravessando o café e desembocando na Glasshouse Street. Não há dúvida de que pertencem a essa sociedade criminosa que tantas vezes tem sido combatida pela atividade e inteligência do ferido.

É desnecessário dizer que mal acabara de passar os olhos pela notícia saltei para um carro de aluguel a caminho da Baker Street. Encontrei *Sir* Leslie Oakshott, o famoso cirurgião, no vestíbulo e sua carruagem parada, junto ao passeio.

— Perigo imediato não há — informou. — Dois ferimentos profundos no crânio e algumas contusões de certa gravidade. Foi preciso dar vários pontos. Injetou-se morfina e o repouso é essencial, mas nada impede uma entrevista de alguns minutos.

Valendo-me dessa concessão, entrei no quarto quase sem luz. Holmes estava acordado e ouvi-o murmurar o meu nome. A veneziana estava descida, mas um raio de sol, penetrando por uma fresta, incidiu na cabeça enfaixada do ferido. Sob a compressa de linho branco notava-se um pedaço de tafetá embebido em sangue. Sentei-me ao lado dele e baixei a cabeça.

— Tudo bem, Watson. Não fique preocupado — animou-me, em voz muito débil. — A coisa não é tão feia como parece.

— Graças a Deus!

— Como sabe, manejo bem a bengala e pude aparar a maior parte dos golpes. O segundo homem é que me deu trabalho.

— Que posso fazer, Holmes? Com toda certeza foi aquele canalha que contratou os dois agressores. É só você dizer e vou daqui esfolar vivo esse patife.

— Meu bom Watson! Nada podemos fazer, a menos que a Polícia prenda os agressores. Mas a fuga deles deve ter sido bem preparada. Portanto, calma! A primeira coisa é exagerar meus ferimentos. Irão atrás de você à procura de notícias. Exagere, Watson. Diga que, só por sorte, poderei sobreviver uma semana; fale em traumatismo, em delírio, no que quiser!! Nunca exagerará demasiado.

— Mas quanto a *Sir* Leslie Oakshott?

— Oh, não se preocupe. Também fará prognósticos sombrios. Deixe-o por minha conta.

— Mais alguma coisa?

— Sim. Diga a Shinwell Johnson que trate de esconder Miss Winter. Aqueles bandidos não deixarão de persegui-la. Sabem que ela também se envolveu no caso. Procure-o, hoje mesmo.

— Vou já. Mais alguma coisa?

— Ponha o meu cachimbo em cima da mesa. Muito bem. Apareça aqui, todas as manhãs, e iremos fazendo os nossos planos de batalha.

Naquela noite, disse a Johnson que levasse Miss Winter para um bairro sossegado e lhe recomendasse mostrar-se o menos possível, até que o perigo passasse.

Durante seis dias, o público esteve convencido de que Holmes se encontrava às portas da morte. As notícias nos jornais eram alarmantes.

Minhas freqüentes visitas asseguravam-me de que seu estado não era grave. A sua constituição de ferro e sua força de vontade estavam operando maravilhas. Holmes restabelecia-se rapidamente e, às vezes, cheguei a suspeitar de que ele realmente melhorava mais depressa do que fingia, até mesmo diante de mim. Prezava, de tal maneira, o sigilo dos seus planos, que até mesmo o seu amigo mais íntimo nada sabia. Levava ao extremo o axioma, segundo o qual o único conspirador seguro é aquele que conspira sozinho. Eu encontrava-me mais perto dele do que qualquer outra pessoa e, no entanto, notava o abismo que nos separava.

No sétimo dia, foram tirados os pontos. Apesar disso, os jornais da tarde noticiaram o aparecimento de infecção. Veio um recado para ser-lhe transmitido, estivesse ele são ou doente. Informava que, entre os passageiros do navio Ruritania, da Cunard, que largaria de Liverpool, na sexta-feira, contava-se o barão Adelbert Gruner, que ia aos Estados Unidos regularizar importantes negócios financeiros, antes do seu próximo casamento com Miss Violet de Merville, filha única do, etc..., etc. Holmes escutou a notícia com um ar de frieza e concentração que denunciava a inquietação que tudo aquilo lhe causava.

— Sexta-feira! — exclamou. — Apenas três dias de intervalo. Creio que o canalha quer livrar-se do perigo. Mas não há de consegui-lo, Watson. E agora preciso que me preste um serviço.

— Estou ao seu inteiro dispor.

— Vai passar as próximas vinte e quatro horas num intenso estudo de porcelana chinesa.

Não me deu explicações e não as pedi. A experiência ensinara-me a sabedoria da obediência. Mas, depois de deixar Baker Street, pensei em como executar uma ordem tão estranha. Dirigi-me à Biblioteca de Londres, na St. James Square, expus as minhas dificuldades ao meu amigo Lomax, vice-bibliotecário, e fui para casa carregando um volumoso tratado.

Dizem que um advogado que estude uma causa a fundo, numa segunda-feira, é capaz de interrogar uma testemunha sagaz e, no sábado seguinte, esquecer toda a sabedoria forçada. Toda aquela tarde e toda a noite, exceto um curto intervalo, dedicado ao sono, e toda a manhã seguinte, passei estudando o tratado e decorando termos específicos. Assim fiquei conhecendo marcas de contraste dos grandes artistas decoradores, o mistério das datas cíclicas, as marcas do Hung-wu e as

belezas dos Yung-lo, os escritos de Tang-ying e as glórias do período primitivo dos Sung e dos Yuan. Estava atulhado de conhecimentos, quando apareci diante de Holmes, no dia seguinte à tarde. Ele já não estava de cama, embora pelas notícias da imprensa ninguém pudesse supor tal coisa. Apoiando na mão a cabeça ainda toda enfaixada, sentou-se na sua poltrona preferida.

— Ouça, Holmes, quem acredita nos jornais pensa que você se encontra moribundo.

— É justamente essa a impressão que desejo causar. Então, Watson, aprendeu a sua lição?

— Pelo menos, fiz por aprender.

— Bom. Seria capaz de sustentar uma conversa interessante acerca desse assunto?

— Creio que sim.

— Então, dê-me aí essa caixinha que está em cima da lareira.

Levantou a tampa e tirou um pequeno objeto, envolvido numa fina seda oriental. Desembrulhou-o e surgiu um pequeno pires de delicado trabalho e do mais lindo azul-escuro.

— Todo o cuidado é pouco, Watson. Isto é a genuína porcelana “casca de ovo”, trabalho verdadeiramente artístico da dinastia Ming. Jamais uma peça tão fina passou pelas mãos do especialista Cristie. Um “serviço” completo daria para resgatar um rei. É até duvidoso que haja uma coleção intacta, fora do palácio imperial de Pequim. Um verdadeiro entendido no assunto, se visse isto, ficaria transtornado.

— Que vou fazer com essa preciosidade?

Holmes entregou-me um cartão em que estava impresso o seguinte: “Dr. Hill Barton, Half Moon Street, 369”.

— É o seu nome para esta noite, Watson. Você vai fazer uma visita ao barão Gruner. Conheço um pouco os hábitos do patife e às oito e meia provavelmente estará livre. Um bilhete irá avisá-lo, com antecedência, de que você vai visitá-lo, e então dirá que pretendia levar-lhe um aparelho absolutamente ímpar de porcelana Ming. Também poderá anunciar-se como médico, que é um papel que pode representar sem fingir. Você é um colecionador, esta peça veio casualmente parar nas suas mãos. Ouviu falar no interesse do barão pelas porcelanas orientais e não se nega a vendê-la, por um certo preço.

— Que preço?

— Fez bem em perguntar, Watson. Certamente daria um fora, se ignorasse o valor da sua mercadoria. Obtive este pires, por intermédio de *Sir James*, e pertence à coleção do seu cliente. Não exagerará se disser que se trata de uma peça única no mundo.

— Eu podia talvez sugerir que fosse avaliada por um especialista.

— Excelente, Watson! Hoje você está brilhante. Consulte Cristie ou Sotheby. A sua delicadeza evita que seja você a fazer o preço.

— E se o canalha não quiser me receber?

— Sem dúvida vai recebê-lo, Gruner tem loucura pela coleção e, em especial, de porcelana oriental, em que é considerado uma autoridade. Sente-se, Watson, que vou ditar-lhe a carta. Não precisa de resposta. Dirá simplesmente o motivo da sua visita.

Foi um admirável documento, conciso, cortês e estimulante para a curiosidade do perito. Expediu-se por mão própria ao destinatário. Na mesma tarde, com o precioso pires, na mão, e o cartão do dr. Hill Barton, no bolso, parti rumo à aventura.

A bela casa e o terreno indicavam que o barão Gruner era, como *Sir James* mencionara, um homem consideravelmente rico. Um longo caminho sinuoso, ladeado de arbustos, dava acesso a um espaçoso local coberto de cascalho, adornado com estátuas. A residência tinha sido construída por um “rei do ouro” sul-africano, em dias de grande prosperidade, e a casa, comprida e baixa, com pequenas torres nas extremidades, embora de acentuado mau gosto arquitetônico, era imponente em tamanho e solidez. Um mordomo, que mais parecia um bispo, me fez entrar e me confiou logo aos cuidados de um laçao, com roupas de pelúcia, que me levou à presença do barão.

Este estava de pé, diante de um grande armário, entre as janelas, que continha parte da sua coleção chinesa. Quando entrei, virou-se, segurando na mão um pequeno vaso marrom.

— Queira sentar-se, doutor — convidou. — Estava olhando minhas preciosidades para ver se, realmente, me achava em condições de aumentá-las. Este pequeno exemplar dos Tang, que data do século sétimo, talvez lhe interessasse. Tenho certeza de que o senhor nunca viu um acabamento mais fino, nem um esmalte mais rico. Traz aí o pires dos Ming a que se referiu?

Desembrulhei-o cuidadosamente e o entreguei a ele. O barão sentou-se à sua escrivaninha, puxou para perto dele a lâmpada, pois começava a escurecer, e pôs-se a examinar a peça. Enquanto o fazia, a luz amarela caiu-lhe sobre o rosto e eu pude estudá-lo à vontade.

Era realmente um belo homem. Justiça seja feita à sua fama européia. Tinha estatura mediana, mas era elegante. O rosto, moreno, tinha grandes olhos negros e lânguidos que, como facilmente se compreende, exerciam irresistível fascinação sobre as mulheres. O cabelo e bigode eram pretos como asa de corvo; o bigode era fino, terminando em ponta e cuidadosamente encerado. Tinha traços regulares e agradáveis, exceto a boca em linha reta, de lábios finos. Aquilo sim era uma boca de assassino. A voz era suave e as maneiras perfeitas. Não mais de trinta anos, embora, mais tarde, o registro indicasse quarenta e dois.

— É realmente muito belo! — apreciou, por fim. — E o senhor possui um jogo de seis, completo? O que me admira é o fato de eu não ter ouvido falar em exemplares tão magníficos. Só sei da existência de um, na Inglaterra, para comparar com este... e não é nada provável que esteja no mercado. Seria indiscrição minha perguntar-lhe, Dr. Hill Barton, como obteve este?

— Interessa-lhe realmente saber? — indaguei, com a maior indiferença de que fui capaz. — O senhor vê que a peça é legítima e, quanto ao seu valor, contento-me em acatar a avaliação de um especialista.

— Muito misterioso — comentou, com um brilho de dúvida nos olhos negros. — Negociando com objetos de tal valor, é muito natural que se queiram dados completos sobre a transação. Que a peça é genuína não há a menor dúvida. Suponhamos, porém (sou obrigado a tomar em consideração todas as possibilidades), que, mais tarde, venha a provar-se que o senhor não tinha o direito de vendê-la?

— Ofereço-lhe garantias contra qualquer reivindicação desse gênero.

— Mas a questão continuaria de pé, por eu ignorar qual o valor das suas garantias.

— Os meus banqueiros lhe dissiparão quaisquer dúvidas.

— Perfeitamente. Contudo, a transação ainda parece estranha.

— Podemos ou não fazer o negócio — repliquei, com indiferença. — Fiz-lhe a primeira oferta por saber que o senhor é um perito no assunto, mas não terei dificuldade em ir bater em outras portas.

- Quem lhe disse que eu sou um perito?
- Sei que escreveu um livro sobre o assunto.
- Leu esse livro?
- Não.

— A situação torna-se cada vez mais difícil de compreender! O senhor é um especialista e um colecionador que possui uma peça de grande valor e, no entanto, nunca se deu ao trabalho de consultar o único livro que o informaria sobre o verdadeiro valor e significado daquilo que possui. Como explica isso?

— Sou um homem muito ocupado. Exerço ativamente a medicina.

— A resposta não satisfaz. O homem que tem uma mania jamais a sacrifica, sejam quais forem as outras preocupações. No seu bilhete, o senhor anuncia ser um entendido no assunto.

— E sou.

— Posso fazer-lhe algumas perguntas para experimentá-lo? Vejo-me obrigado a dizer-lhe, doutor... se é que o senhor é realmente médico... que o episódio se torna cada vez mais suspeito. Pergunto-lhe o que sabe sobre o Imperador Shomu e qual a relação entre ele e o Shosoin, perto de Nara? Isto o confunde? Fale-me um pouco da dinastia setentrional dos Wei e do seu lugar na história da porcelana.

Ergui-me da cadeira, simulando melindre.

— Cavalheiro, isto é intolerável — protestei. — Vim aqui para fazer-lhe uma oferta e não para ser examinado, como um aluno. Os meus conhecimentos neste assunto serão naturalmente inferiores aos seus, mas é claro que não vou responder a perguntas formuladas de uma maneira tão ofensiva.

O barão olhou para mim com firmeza. A languidez desapareceu de seus olhos. Subitamente, eles cintilaram. Vi um brilho nos dentes, por entre os lábios cruéis.

— O que pretende? O senhor veio aqui como espião. É um emissário de Holmes. Quer pregar-me uma peça. O sujeito está moribundo, segundo ouço dizer, e então envia os seus representantes para me vigiarem. O senhor conseguiu entrar aqui, sem permissão, mas juro-lhe que vai achar mais difícil sair do que entrar.

Ergueu-se e dei um passo para trás, preparando-me para um possível ataque, pois o homem estava furioso. Devia ter desconfiado de mim,

desde o princípio; decerto, aquele interrogatório revelara-lhe a verdade; era evidente que eu não podia ter esperanças de enganá-lo. Enfiou a mão numa gaveta lateral e revolveu-a com fúria. Então alguma coisa lhe feriu os tímpanos, pois começou a escutar atentamente.

— Ah! — gritou. E correu para o quarto atrás dele.

Dando dois passos, encontrei-me junto da porta aberta, e jamais esquecerei a cena que ali presenciei. A janela que dava para o jardim estava completamente aberta. De pé, ao lado dela, com a terrível aparência de um fantasma, a cabeça envolvida em panos manchados de sangue, o rosto desfeito e pálido, estava Sherlock Holmes. No instante seguinte ele já passara pela abertura, e ouvi o baque do seu corpo lá fora, entre os loureiros. Com um uivo de raiva o barão correu para a janela aberta.

Por poucos segundos, mas eu vi, nitidamente, um braço de mulher, no meio da folhagem exterior. Repentinamente o barão soltou um grito horrível que sempre me ecoará nos ouvidos. Levou as mãos ao rosto e rodopiou, desnorteadado, pelo aposento, embatendo com a cabeça nas paredes. Depois caiu sobre o tapete, rolando e contorcendo-se, enquanto ressoavam por toda a casa os seus clamores.

— Água! Água pelo amor de Deus! — bradava.

Peguei uma garrafa que estava sobre uma mesinha e corri para ajudá-lo. No mesmo instante o mordomo e vários lacaios entravam. Recordo-me de que um deles desmaiou quando me viu de joelhos, junto ao ferido, virando aquele rosto horrendo para a luz da lâmpada. O ácido estava corroendo vários pontos e gotejava das orelhas e do queixo. Um olho já se achava branco e vidrado. O outro estava vermelho e inflamado. As feições que, alguns minutos antes, eu admirara, apresentavam agora o aspecto de uma tela sobre a qual o artista teria passado uma esponja úmida e suja. Estavam borradas, descoloridas, irreconhecíveis, nem pareciam humanas.

Em poucas palavras, expliquei o que acontecera em relação ao ataque com ácido. Alguns saltaram pela janela e outros saíram, mas estava escuro e começava a chover. No meio dos seus berros o barão acusava: — Foi Kitty Winter, aquela bruxa infernal! Oh! Demônio de saias! Mas há de pagar por isto! Meu Deus, esta dor é insuportável.

Banhei-lhe o rosto com azeite, pus chumaços de algodão sobre as superfícies em carne viva e dei-lhe uma injeção hipodérmica de morfina. Diante de tal golpe, toda a suspeita que tinha a meu respeito

desapareceu e ele segurou minhas mãos, como se eu tivesse o poder de desanuviar aqueles olhos de peixe morto que me fitavam angustiados. Eu teria me comovido com aquela ruína, se não me lembrasse da vil existência que terminava numa mudança tão horrenda. Era repugnante, sentir o contato daquelas mãos ardentes, e senti grande alívio quando o seu médico particular, seguido por um especialista, me livrou do doente. Chegara também um inspetor da Polícia e a esse apresentei o meu cartão verdadeiro. Seria inútil proceder de outro modo, já que eu era quase tão conhecido na Scotland Yard como o próprio Holmes. Em seguida, saí daquela casa de tristeza e terror. Dentro de uma hora achava-me na Baker Street.

Holmes estava na sua cadeira familiar, muito pálido e denotando grande cansaço. Sem falar nos ferimentos, até mesmo os seus nervos de aço tinham sido afetados pelos acontecimentos daquela noite e ouviu, horrorizado, a narrativa que lhe fiz da transformação de Gruner.

— É a paga do pecado, Watson! — sentenciou. — É o que sempre acontece, mais cedo ou mais tarde. Deus sabe que pecara demasiado — acrescentou, pegando num volume marrom que estava sobre a mesa. Está aqui o livro de que Kitty Winter falou. Se isto não desmanchar o casamento, nada poderá consegui-lo. Nenhuma mulher que se respeite poderia tolerar este diário.

— É um diário amoroso?

— Eu diria um diário luxurioso, mas você pode dar o nome que quiser. No momento em que Kitty nos falou do livro, percebi que seria uma arma tremenda, se conseguíssemos nos apoderar dele. Na hora, não disse nada para que aquela mulher não desse com a língua nos dentes. Mas fiquei pensando no caso. Depois, com a agressão de que fui vítima me veio a idéia de fazer com que o barão acreditasse que não precisava tomar precauções contra mim. Tudo corria bem, mas a viagem dele à América precipitou os acontecimentos. Não iria deixar em casa um documento tão comprometedor. Só nos restava agir imediatamente. Arrombar-lhe a casa, à noite, era impossível, mas, ao cair da noite, surgia uma pequena oportunidade, desde que a sua atenção estivesse realmente presa. Foi quando entraram em cena você e o seu pires azul. Entretanto, era necessário que eu soubesse o lugar exato onde se encontrava o livro, e eu só disporia de alguns minutos para trabalhar, porque o meu tempo, Watson, estaria limitado pelos seus conhecimentos sobre a porcelana

chinesa. Por isso, no último momento, chamei em meu auxílio aquela rapariga. Como poderia eu adivinhar o que continha o pequeno embrulho que ela trazia, com tanto cuidado, debaixo da capa? Pensei que tivesse vindo apenas para me ajudar a localizar o livro, mas aproveitou a oportunidade para consumir sua vingança pessoal.

— Apesar dos meus esforços — confessei —, o barão acabou por adivinhar que eu fora lá a seu mandado, Holmes.

— Bem... eu já receava isso. Contudo, você entreteve-o o tempo suficiente para eu me apoderar do livro... embora esses minutos já não bastassem para fugir sem ser notado. Kitty Winter esperava-me do lado de fora da janela... Ah, *Sir James*! Ainda bem que conseguiu vir!

O coronel *Sir James Damery* aparecera, em virtude de uma prévia chamada do meu amigo. Escutou, atentamente, o relatório que Holmes lhe fez da ocorrência.

— O senhor foi maravilhoso — exultou, no fim da narrativa. — Se os ferimentos de Gruner são tão medonhos como Dr. Watson os descreveu, o nosso intuito de malograrmos o casamento foi conseguido sem termos de recorrer a este diário abjeto.

Holmes abanou a cabeça.

— Mulheres do tipo de Miss Violet de Merville são diferentes das outras. Ela o amaria, ainda mais como mártir desfigurado. Não, *Sir James*! É a faceta moral do barão e não a física que nos compete destruir. Este livro deve levá-la a reconsiderar sua paixão. Não é possível que essa jovem resista a tal leitura. O diário está escrito pelo próprio punho do canalha.

Sir James levou o livro e o precioso pires chinês. Como já estava atrasado para ir para casa, saí com ele para a rua onde o aguardava uma carruagem. Subiu, deu uma rápida ordem ao cocheiro e partiu apressadamente. Antes disso, tivera o cuidado de pôr a ponta da capa, do lado de fora da porta, para encobrir o brasão que identificava o proprietário da viatura. Contudo, eu vira o escudo de armas, de relance, devido à claridade projetada pela bandeira da porta de casa, e fiquei boquiaberto de surpresa.

Voltei para trás, subi a escada e, sem poder me conter, gritei para Holmes:

— Descobri a identidade do nosso cliente. Imagine que é...

— ... um amigo leal e um cavalheiro, em toda a acepção da palavra — cortou o meu amigo, erguendo a mão, como para impor silêncio. — Que isto seja sempre o suficiente para nós.

Ignoro de que modo foi utilizado o livro acusador. Talvez *Sir James* tenha se encarregado de tomar as providências necessárias... ou, talvez, uma missão, tão delicada como essa, tenha ficado a cargo do pai da jovem. De qualquer modo, teve o efeito que se esperava.

Três dias depois o *Morning Post* anunciava já não se realizar o casamento de Miss Violet de Merville com o barão Adelbert Gruner. O mesmo jornal noticiou também a primeira audiência, no tribunal, do processo-crime movido contra Miss Kitty Winter, sob a grave acusação de ataque com ácido. Durante o julgamento, surgiram tantas circunstâncias atenuantes que a sentença, como todos se lembram, foi a mais branda possível, para um crime tão condenável.

Sherlock Holmes viu-se ameaçado de uma ação judicial, por invasão de domicílio, por arrombamento, mas, quando os fins se justificam, em nome da Justiça, e o cliente é altamente ilustre, até a rígida lei britânica se torna humana e maleável. E a verdade é que o meu amigo jamais se sentou no banco dos réus.



Embora limitadas, as idéias do meu amigo Watson são extremamente persistentes. Há muito tempo insiste para que eu escreva a respeito de uma aventura exclusivamente minha. Talvez eu mesmo tenha provocado essa sua insistência, visto que, freqüentemente, aponto-lhe quão superficiais são suas narrativas e o acusei de condescender com o gosto do público, em vez de restringir-se rigorosamente aos fatos e às personagens.

— Tente-o, você mesmo, Holmes! — retorquiu. E, agora com a caneta na mão, começo a compreender que um relato tem de ser apresentado de modo que o leitor se interesse. A investigação a seguir não deixa de ser sugestiva e figura entre os casos mais estranhos da minha atividade, embora Watson não a tenha registrado nas suas notas. Por falar no meu velho amigo e biógrafo, aproveito a oportunidade para observar que, se nas minhas pequenas averiguações me faço acompanhar de Watson, não procedo assim por algum sentimento ou capricho, mas porque ele possui certas características notáveis que, por modéstia, omite seus exagerados relatos das minhas façanhas. Um colaborador que prevê as nossas conclusões e o curso das nossas ações é sempre perigoso, mas aquele para quem cada fase surge como uma eterna surpresa, e para quem o futuro é sempre um livro fechado, é, na realidade, um auxiliar ideal.

Leio no meu livro de apontamentos que, em janeiro de 1903, logo após o termo da Guerra dos Boers, recebi a visita de Mr. James M. Dodd, um inglês enorme, robusto, queimado de sol e muito empertigado. Naquela ocasião meu amigo Watson tinha me abandonado por uma esposa, a sua única ação egoísta de que me recordo.

Costumo sentar-me com as costas viradas para a janela e colocar os meus visitantes na cadeira em frente, onde a luz incide sobre eles. Mr. James M. Dodd parecia um tanto embaraçado para iniciar a entrevista. Não fiz nada para ajudá-lo, porque o seu silêncio me proporcionou mais tempo para observá-lo. Considero uma boa tática impressionar meus clientes com um ar de poder e, por isso, lhe transmiti algumas das minhas conclusões.

— O senhor vem, segundo depreendo, da África do Sul.

— Sim, senhor — respondeu, bastante surpreso.

— Da guarda imperial, creio eu.

— Exato.

— Do corpo de Middlesex.

— Isso mesmo, Mr. Holmes, o senhor é um adivinho.

Sorri perante o ar espantado do meu visitante.

— Quando um cavalheiro de aparência viril se apresenta a mim com a pele bronzeada por um sol que não é o da Inglaterra e com o lenço na manga, em vez de usá-lo no bolso, não é difícil conjecturar a sua procedência. O senhor usa barba curta, o que prova que não foi um soldado regular. Tem o porte de um cavalheiro. Quanto a Middlesex, o seu cartão já me prevenira de que é corretor na Throgmorton Street. Em que espécie de outro regimento poderia o senhor ter estado?

— O senhor vê tudo.

— Não vejo mais do que o senhor. O que fiz foi treinar em analisar bem o que vejo. Todavia, Mr. Dodd, não foi para discutir a ciência da observação que veio visitar-me. O que está acontecendo no Tuxbury Old Park?

— Mr. Holmes...!

— Meu caro senhor, não há mistério. Esse nome veio no cabeçalho da sua carta, e como marcou esta entrevista, de modo muito insistente, é claro que algo ocorreu repentinamente.

— Sim, é verdade. Mas a carta foi escrita depois do meio-dia e muita coisa aconteceu até então. Se o coronel Emsworth não tivesse me chutado...

— Será possível?

— Bom, foi praticamente isso. Esse coronel Emsworth é duro de roer. No seu tempo, não havia no Exército um militar mais inflexível. Discutimos bastante nesse dia e, se eu o aturei, foi por consideração a Godfrey.

Acendi o cachimbo e recostei-me na cadeira.

— Espero que se explique.

O meu cliente riu maliciosamente.

— Já estava me habituando à idéia de que o senhor sabe tudo, sem que lhe digam — ironizou. — Mas vou-lhe expor os fatos e espero que o senhor consiga dizer-me o que me significam. Passei a noite em claro, quebrando a cabeça, e quanto mais penso, mais incrível me parece a coisa. Quando me alistei em janeiro de 1901, exatamente há dois

anos, o jovem Godfrey Emsworth alistara-se no mesmo esquadrão. Era o filho único do coronel Emsworth. Este último foi condecorado durante a Guerra da Criméia. Godfrey tem nas veias o sangue do combatente, não era de admirar que se apresentasse como voluntário. Não havia no regimento um rapaz mais atraente. Tornamo-nos amigos, com aquela espécie de amizade que só pode existir quando se vive a mesma vida e se partilham as mesmas alegrias e as mesmas tristezas. Ele era meu camarada, o que no Exército significa alguma coisa. Durante todo um ano de luta árdua, experimentamos juntos as mesmas asperezas e os mesmos gostos. Depois, ele foi ferido durante o combate travado na Colina do Diamante, próximo de Pretória. Recebi uma carta procedente do hospital da Cidade do Cabo e outra de Southampton De lá para cá, nem mais uma palavra, Mr. Holmes. Já vão seis meses, e sendo ele o meu maior amigo... Terminada a guerra e depois de todos termos regressado, escrevi ao pai de Godfrey, para saber do seu paradeiro. Não recebi resposta. Esperei mais algum tempo e tornei a escrever. Dessa vez obtive resposta lacônica. Godfrey tinha empreendido uma viagem à volta do mundo, sendo pouco provável que regressasse, antes de decorrido um ano. E foi tudo.

Não fiquei satisfeito, Mr. Holmes, visto que aquilo me pareceu pouco natural. Não era possível que Godfrey tivesse cortado relações comigo, daquela maneira, pois isso seria contrário ao seu jeito afetuoso.

Vim ainda a saber que herdara, de um tio, uma considerável fortuna e também, que ele e o pai não se entendiam bem... Por vezes, o velho mostrava-se violento, e Godfrey era genioso demais para suportar tal tratamento. Portanto, não fiquei satisfeito e resolvi averiguar melhor o assunto.

Entretanto, tive necessidade de regularizar meus negócios que, após dois anos de ausência, na guerra, se encontravam bastante bagunçados. Por isso, só esta semana consegui me ocupar novamente do caso de Godfrey e é minha intenção abandonar tudo o mais, até que esteja esclarecido.

Mr. James Dodd parecia ser daquelas pessoas que é melhor termos por amigas do que por inimigas. Tinha olhos azuis, com uma expressão severa e, enquanto falava, cerrava o maxilar quadrado.

— Que mais fez o senhor?

— A primeira providência que tomei foi dirigir-me à casa dele, em Tuxbury Old Park, perto de Belford, para tentar ver com os meus próprios olhos o que estaria acontecendo.

Escrevi para sua mãe (já não me interessava o egoísta do pai) e disse-lhe que Godfrey era meu amigo, que tínhamos vivido na guerra, muito em comum e que queria muito saber sobre ele. Perguntei-lhe se não haveria inconveniente em ir visitá-la, pois achava-me perto da residência, e Mrs. Emsworth respondeu-me muito amavelmente, oferecendo-me hospedagem naquela noite de segunda-feira... passada.

Tuxbury Old Park fica a oito quilômetros da aldeia mais próxima. Como na estação não havia transporte, tive de ir a pé, carregando a mala e cheguei quando já estava escuro. A casa é enorme, de construção irregular, e fica no meio de um parque imenso. Pode-se dizer que pertence a todas as épocas e estilos, desde o madeiramento isabelino até o pórtico vitoriano. O interior estava cheio de peças de artesanato e tapeçarias e de quadros antigos, meio esmaecidos pelo tempo; uma mansão de sombras e mistério. Um mordomo, o velho Ralph, parecia ter a mesma idade da casa, e sua mulher parecia ainda mais velha. Ela fora ama-de-leite de Godfrey, e ele se referia a ela com o maior carinho, colocando-a, afetivamente, logo depois de sua mãe. Foi o que me fez gostar dela, apesar de sua aparência antipática. Gostei também da mãe, uma mulher delicada e muito branca. Mas detestei o coronel.

Logo de início discutimos, e só não voltei imediatamente para a estação por ter desconfiado que isso fazia parte do seu jogo. Fui diretamente levado ao escritório, onde deparei com um homem alto, meio curvo, de pele crestada e de barba grisalha e rala, sentado atrás de uma escrivaninha em desordem. Um nariz de veias vermelhas sobressaía, como o bico de um abutre, e dois olhos cinzentos, austeros, fitavam-me sob sobancelhas espessas. Naquele instante compreendi por que razão Godfrey quase não falava do pai.

— Então cavalheiro — preambulou com voz rouca. — Gostaria de saber os verdadeiros motivos desta visita.

Respondi que já os tinha declarado na minha carta a sua esposa.

— Sim, o senhor declarou ter conhecido Godfrey, na África. Como pode prová-lo?

— Tenho cartas dele.

— Deixe-me vê-las, por favor.

Passou os olhos pelas duas que lhe entreguei e logo atirou-as de volta.

— E o que pretende?

— Eu estimava o seu filho Godfrey. Estávamos unidos por muitos laços e recordações. Não é natural que estranhe o seu repentino silêncio e deseje saber como está?

— Creio que já troquei correspondência com o senhor e lhe disse que Godfrey está fazendo uma viagem à volta do mundo. A sua saúde ficou combalida depois da sua ação em África, e tanto eu como sua mãe fomos de opinião que um repouso completo e uma mudança de ares lhe eram necessários. Faça o favor de transmitir essa explicação a quaisquer outros amigos que se interessem por Godfrey.

— Sem dúvida — concordei. — Mas talvez o senhor me faça a fineza de dizer em que navio e data partiu. Tenho certeza de que, dessa maneira, poderei fazer-lhe chegar às mãos uma carta minha.

Tive a impressão de que o meu pedido causou um certo embaraço ao dono da casa. Franziu as espessas sobrancelhas e tamborilou impientemente com os dedos na mesa. Ergueu por fim os olhos com ar de quem viu o adversário fazer um lance perigoso no tabuleiro de xadrez e decidiu inutilizá-lo.

— Outra pessoa, Mr. Dodd, no meu lugar, se ofenderia com a sua insistência e a consideraria impertinente.

— O senhor deve atribuí-la à grande amizade que dedico ao seu filho.

— É certo. Tendo isso em vista, já dei o devido desconto. Devo, contudo, pedir-lhe que desista dessas investigações. Todas as famílias têm os seus casos íntimos e motivos particulares que não devem ser revelados a estranhos, ainda que bem-intencionados. Minha mulher está ansiosa por ouvir alguma coisa do passado de Godfrey e o senhor está em condições de falar-lhe a esse respeito, mas rogo-lhe que se alheie ao presente e do futuro. São indagações ociosas e que nos colocam numa posição delicada.

Perante isto, tive de calar-me, Mr. Holmes. Apenas pude fingir que aceitava a situação e, intimamente, jurei não descansar enquanto não descobrisse o que estava acontecendo com meu amigo. Jantamos tranqüilamente os três, numa sala sombria e velha. Mrs. Godfrey mostrou-se muito interessada e fez-me várias perguntas acerca do filho, mas o

velho parecia irritado e deprimido. O ambiente tornou-se tão pesado que, logo que pude, retirei-me para o meu quarto. Era um cômodo muito amplo, no térreo, tão sombrio como o resto da casa, mas, depois de viver um ano no veldt ⁽¹⁾, uma pessoa já não é muito exigente em relação a alojamentos. Abri as cortinas e fiquei contemplando o jardim, verificando que fazia uma bela noite de lua crescente. Em seguida sentei-me à lareira, com o candeeiro colocado sobre uma mesa, a meu lado, e procurei distrair-me lendo um romance. Contudo, fui interrompido por Ralph, o velho mordomo, que veio renovar a provisão de carvão e lenha.

— Reccei que a lareira se apagasse, durante a noite. O tempo está terrível e estes quartos são frios.

Hesitou antes de sair e, quando olhei, vi-o diante de mim, com uma expressão de curiosidade no rosto cheio de rugas.

— Desculpe, *sir*, mas não pude deixar de ouvir o que contou, durante o jantar, sobre nosso jovem patrão Godfrey. Como sabe, *sir*, minha mulher foi a sua ama-de-leite, por isso me sinto quase seu segundo pai. É natural que nos interessemos por ele. Disse, *sir*, que ele se portou bem, não é verdade?

— Não havia homem mais valente, no regimento. Certa vez, veio salvar-me debaixo do fogo dos Boers e, se não fosse a sua coragem, talvez hoje eu não estivesse aqui.

O velho mordomo esfregou as mãos descarnadas.

— Sim, *sir*, dá gosto ouvir isso. O nosso patrão Godfrey foi sempre corajoso... e não há, neste parque, uma árvore em que não tenha trepado até ao topo. Nada o detinha. Fora um belo mocinho... e era um belo homem.

Pus-me de pé, num salto.

— Que disse? — exclamei. — Você disse era? Fala como se Godfrey tivesse morrido. Que mistério é esse? Que lhe aconteceu?

Agarrei o velho pelo ombro, mas ele esquivou-se.

— Não sei de que está falando, *sir*. É melhor perguntar ao patrão, pois ele sabe o que aconteceu. A mim, não me compete intervir na questão.

Ralph ia sair, mas ainda o detive por um braço.

⁽¹⁾ Estepe sul-africana. (N. do T.)

— Ouça — insisti. — Antes de retirar-se, vai responder a uma pergunta, nem que eu tenha de mantê-lo aqui, a noite inteira: Godfrey morreu?

— Antes tivesse morrido! — exclamou o mordomo, saindo precipitadamente do quarto.

Deve calcular, Mr. Holmes, em que estado de espírito fiquei. As palavras do velho apenas induziam a uma explicação. Era evidente que o meu pobre amigo se envolvera em alguma situação criminosa, ou, pelo menos, equívoca que atingia a honra da família. O pai tinha enviado o filho para longe, escondendo-o do mundo, para evitar um escândalo. Godfrey era bastante imprudente e facilmente se deixava influenciar pelos que o rodeavam. Metera-se, decerto, com gente ruim que o desencaminhara arrastando-o para a ruína. Tratava-se de um caso lamentável, se era certa a minha suposição, mas, assim, sentia-me na obrigação de descobri-lo e de ver se podia ajudá-lo. Achava-me completamente embrenhado nesses pensamentos, quando, erguendo os olhos, vejo Godfrey Emsworth diante de mim.

O meu cliente deteve-se, como que preso de viva emoção.

— Continue — incitei. — O seu problema apresenta alguns aspectos inéditos.

— Vi-o do lado de fora da janela, Mr. Holmes, com o rosto colado ao vidro. O seu vulto ficou como que emoldurado na entreabertura das cortinas da porta-janela e pude vê-lo, de corpo inteiro, mas foi o seu rosto que me espantou, pela lividez cadavérica. Nunca vi uma pessoa tão pálida. Suponho que os fantasmas devem ter a mesma aparência; mas seus olhos eram os de um homem vivo. Godfrey deu um salto para trás, quando viu que eu o olhava, e sumiu no escuro.

Havia qualquer coisa de horroroso naquele rosto espectral, brilhando na escuridão, com uma expressão esquiva, culposa, muito diferente da que eu conheci: franca e viril. Aquilo me deixou apavorado.

Quando, porém, um homem viveu a vida de soldado, durante um ano ou dois, tendo por adversários os nossos irmãos Boers, sabe dominar os nervos e age com rapidez. Mal Godfrey tinha desaparecido, já eu estava junto da janela. O trinco estava empenado e levei algum tempo a abri-lo. Então saltei para fora e corri pelo jardim, na direção em que julguei que ele tivesse ido.

O caminho era longo e a luz escassa, mas tive a impressão de ver qualquer coisa se mexer na minha frente. Corri mais e chamei-o pelo nome, mas foi em vão. Chegando ao fim do caminho, vi outros que se ramificavam em diferentes sentidos, por vários anexos da casa. Parei hesitante e nesse instante ouvi distintamente a pancada de uma porta que se fechava. O som vinha da frente, de algum lugar, no escuro. Isto foi o suficiente, Mr. Holmes, para garantir-me que eu não tivera uma alucinação. Godfrey fugira de mim e fechara a porta.

Não havia mais nada que eu pudesse fazer, e passei uma noite inquieta, tentando encontrar uma explicação para os fatos. No dia seguinte, achei o coronel um pouco mais conciliatório, e como a mãe de Godfrey me falou de alguns lugares interessantes nas vizinhanças, perguntei se a minha presença ali, mais uma noite, os incomodaria. O coronel concordou, com certa relutância, e dispus de um dia livre para fazer as minhas pesquisas. Já então estava perfeitamente convencido de que Godfrey se escondia ali, embora não soubesse precisamente onde.

A casa era tão grande e de construção tão irregular que se poderia ocultar nela um regimento, sem que ninguém o notasse. Mas a porta que eu tinha ouvido fechar não fazia parte da casa. Precisava examinar bem o jardim e não seria difícil fazê-lo, porque os velhos estavam entregues às tarefas domésticas, deixando-me livre para agir.

No extremo do jardim existia uma construção separada, suficientemente espaçosa para servir de habitação a um jardineiro ou caseiro. Seria ali que a porta se fechara? Aproximei-me fingindo indiferença, como se estivesse passando. Neste instante um homem barbado, de estatura baixa, muito vivo, de casaco preto e chapéu coco, portanto, sem aspecto de jardineiro, abriu a porta e saiu, fechando a porta depressa e pondo a chave no bolso. Depois olhou-me, admirado.

— Está aqui de visita? — indagou.

Respondi afirmativamente e acrescentei que era amigo de Godfrey.

— É uma pena estar viajando, pois, decerto, gostaria de me ver.

— Pois é — confirmou, com um ar de quem não está muito certo do que diz. — O senhor terá de esperar por uma ocasião mais propícia.

O homem seguiu o seu caminho, mas, ao virar-me, percebi que ele me observava, meio escondido pelos loureiros do extremo do jardim.

Olhei para a casa ao passar por ela, mas tinha espessas cortinas nas janelas e parecia inabitada. Qualquer indiscrição minha poderia me levar a expulsão, pois sabia que continuava sendo vigiado. Por isso voltei à casa principal e esperei pela noite a fim de prosseguir as pesquisas. Quando tudo estava em silêncio e em total escuridão, saí pela janela e me dirigi silenciosamente para a misteriosa casa.

Verifiquei que além das cortinas as janelas também tinham persianas e por uma delas passava um pouco de claridade. Tive sorte porque pude espreitar para o interior do quarto. Era alegre, com bom fogo e luz forte. Defronte de mim estava sentado o homenzinho que eu encontrara de manhã. Fumava cachimbo e lia um jornal...

— Que jornal era? — perguntei.

Pareceu-me que o meu cliente se aborreceu um pouco com a minha interrupção.

— Isso tem importância?

— É essencial.

— Para falar verdade, nem reparei.

— Talvez o senhor tenha observado se era um jornal de grande formato ou de outro tipo menor, como o que é usado nas publicações semanais.

— Agora me lembro, já que o senhor me chamou a atenção para esse detalhe, que não era de formato grande. Provavelmente seria o *Spectator*. Contudo, não tive tempo de pensar nessas particularidades, porque um outro homem estava sentado de costas para a janela e eu seria capaz de jurar que esse outro homem era Godfrey. Não pude ver seu rosto, mas reconheci a inclinação dos ombros. Estava apoiado sobre o cotovelo, numa atitude melancólica, com o corpo virado para a lareira. Hesitava sobre o que deveria fazer, quando senti uma rude pancada no ombro. Era o coronel Emsworth!

— Por aqui, cavalheiro! — indicou-me, em voz baixa. Foi andando. Eu o segui em silêncio, até entrar no meu quarto. Ao passar pela sala de entrada ele pegara uma tabela com os horários dos trens.

— Há um trem para Londres às 8h30 — informou. — A carruagem estará à porta, às 8 h.

O homem estava fulo de raiva e, na verdade, eu me encontrava numa posição tão desconcertante, que apenas pude balbuciar umas

desculpas incoerentes, justificando minha ansiedade por ter notícias do meu amigo.

— O assunto não tem discussão — declarou secamente. — O senhor intrometeu-se abusivamente na intimidade da nossa família. Entrou aqui como hóspede e sai como espião. Não tenho mais nada a acrescentar a não ser que não desejo tornar a vê-lo.

Ao ouvir isto, perdi a calma, Mr. Holmes, e falei com certa veemência.

— Eu vi o seu filho e estou convencido de que, por alguma razão particular, o senhor o esconde do mundo. Ignoro quais são os motivos de tal procedimento, mas tenho certeza de que ele já não é mais senhor de si. Previno-o, coronel Emsworth, que, enquanto eu não estiver certo da segurança e do bem-estar do meu amigo, não pouparei esforços para esclarecer o enigma, e não me intimidarei com o que o senhor possa dizer ou fazer.

O coronel mostrou-se irritadíssimo e pensei que fosse me agredir. Como disse, é um gigante e, embora eu não seja nenhum fracalhão, teria de fazer muito esforço para enfrentar o homem. Depois de me olhar com ódio, deu meia-volta e saiu do quarto.

Voltei para Londres na manhã seguinte e vim aqui direto, Mr. Holmes, solicitar a sua ajuda.

Tal foi o problema que o meu visitante acabara de me expor. Apesar de parecer elementar, apresentava alguns pontos de interesse, suficiente para justificar a minha decisão de divulgá-lo por escrito. Portanto, usando o meu método de análise lógica das circunstâncias, procurei delimitar as possíveis soluções.

— E os criados — perguntei —, quantos trabalham para essa família?

— Segundo suponho, só o velho mordomo e sua mulher. Os Emsworth parecem viver, além de muito isolados, na maior simplicidade.

— Mas não disse que o seu amigo Godfrey herdou uma fortuna?

— Sim, de um tio, irmão da mãe, mas não se nota o menor luxo na casa em que os pais vivem, nem no anexo que ele ocupa.

— Nesse anexo, não viu nenhum criado?

— Nenhum, a não ser o homenzinho da barbicha que me pareceu de categoria mais elevada.

— Isso parece muito sugestivo. Não reparou se alguém levava comida de uma casa para a outra?

— Lembro-me de ter visto o velho Ralph com um cesto, pelo caminho do jardim, em direção ao anexo.

— E não procurou obter informações na aldeia?

— Bem... falei com o chefe da estação ferroviária e com o estalajadeiro... Perguntei-lhes se tinham notícias do meu amigo e antigo camarada do Exército, Godfrey Emsworth, e ambos me garantiram que ele tinha partido para uma longa viagem à volta do mundo. Especificaram que, logo após ter voltado para casa, depois da Guerra dos Boers, pouco se demorara junto dos pais e tornara a partir. Parece ser essa a versão aceita por todos.

— Por acaso, Mr. Dodd, não se referiu às suas desconfianças?

— Não.

— Fez bem. Convém não “levantar a lebre”, mas este assunto tem de ser esclarecido, e por isso estou disposto a ir com você a Tuxbury Old Park.

— Hoje mesmo?

Naquela altura, eu investigava um caso que o meu amigo Dr. Watson designou por “O Caso da Escola da Abadia” ⁽²⁾, no qual o duque de Greyminster se envolvera gravemente. Também recebera uma incumbência do sultão da Turquia, que exigia solução imediata, pois podia dar origem a sérias consequências políticas. Portanto, só no início da semana seguinte, conforme registra o meu diário, me foi possível partir para o Bedfordshire, na companhia de Mr. James Dodd.

Quando a nossa carruagem passou por Euston, juntou-se a nós um cavaleiro taciturno, de tez acinzentada, cor de ferro, com quem eu antecipadamente entrara em contato.

⁽²⁾ *No original* The Case of the Abbey School, *que nunca chegou a ser escrito. Provavelmente, o autor confundiu este título com os de outras duas novelas, numa estranha simbiose: The Priory School (A Escola do Priorado), publicada em fevereiro de 1904 e cuja ação decorre em maio de 1900, apresentada, neste volume, sob o título de O Pequeno Lord; ou com The Abbey Grange (A Granja da Abadia), publicada em setembro do mesmo ano e cuja ação decorre no inverno de 1897, apresentada, neste volume, sob o título O Crime da Abadia. Na primeira, faz-se referência ao duque de Holderness (não de Greyminster) e, na segunda, não figura nenhum titular. Ambas novelas são cronologicamente muito anteriores à presente, The Banned Soldier (O Soldado Lívido), publicada, vinte e dois anos depois, em outubro de 1926, cuja ação decorre em janeiro de 1903. (N. do T.)*

— Este é um velho amigo — apresentei-o a Dodd, sem mais esclarecimentos, a não ser que talvez a presença do nosso companheiro viesse a ser necessária.

As narrativas de Watson decerto deixaram o leitor habituado a formular, a meu respeito, a idéia de que não desperdiço palavras, nem revelo minha teoria enquanto o caso se encontra numa fase evolutiva. Dodd mostrou-se surpreso com o laconismo daquela apresentação e, durante a viagem, apenas lhe fiz algumas perguntas, para que o nosso companheiro ouvisse as respectivas respostas:

— Você disse ter certeza de que o rosto que viu era de seu amigo?

— Absoluta — confirmou Dodd. — Ele encostou o nariz e a testa ao vidro da janela. A claridade do candeeiro incidiu-lhe no rosto.

— Não poderia ser de alguém parecido com ele?

— De maneira alguma. Era mesmo Godfrey.

— Mas disse que o achou mudado, não é verdade?

— Apenas na cor da pele. Estava lívida, de uma brancura como a de uma barriga de peixe.

— Todo o seu rosto se achava completamente lívido?

— Pelo menos a testa... de um branco quase esverdeado.

— Não chamou por ele, Mr. Dodd?

— Naquele instante, confesso que fiquei demasiado perturbado... horrorizado. Depois, persegui-o, mas sem resultado.

O caso estava, para mim, suficientemente esclarecido, só faltando um pequeno incidente para ultimá-lo. Quando, após uma longa viagem, chegamos ao estranho casarão, foi Ralph quem nos abriu a porta. Pedi ao meu amigo que permanecesse na carruagem até que o chamássemos. Ralph trajava, convencionalmente, casaco preto e calças cor de sal e pimenta, mas com uma curiosa variante: usava luvas cor de couro e, assim que nos viu, descalçou-as instantaneamente, deixando-as em cima da mesa do vestíbulo.

Possuo (como o meu amigo Watson já deve ter dito) um jogo de sentidos anormalmente agudo; o meu olfato, nesse momento, acusava um cheiro débil mas incisivo que parecia emanar da mesa do vestíbulo. Ao colocar sobre ela o meu chapéu, derrubei-o, baixei-me para apanhá-lo e fiz o possível para aproximar o nariz, uns vinte ou trinta centímetros

das luvas. Era delas que provinha aquele estranho cheiro a alcatrão. Quando penetrei no escritório, o caso já tinha reunida a última prova. (Será possível que, quando eu sou o narrador da minha história, tenha de revelar o meu jogo? Ocultando cuidadosamente esses elos da cadeia é que Watson conseguia produzir aqueles efeitos finais tão maravilhosos.)

O coronel Emsworth não estava na sala, mas, após o recado de Ralph, veio imediatamente. Entrou com a barbicha a vibrar e as feições transtornadas. Não me recordo de ter visto um velho tão colérico. Trazia na mão os nossos cartões de visita. Rasgou-os em pedacinhos e pisou-os.

— Eu já não lhe disse para não se intrometer na minha vida? Se o senhor volta a entrar nesta casa, sem a minha permissão, estou no meu direito de utilizar a violência. Dou-lhe um tiro! Quanto ao senhor — acrescentou, dirigindo-se a mim —, torno-lhe extensiva a minha advertência. Conheço a sua ignóbil profissão e aconselho-o a dirigir para outro lado o seu gabado talento. Aqui não há lugar para ele.

— Não sairei daqui — retorquiu o meu cliente — enquanto não ouvir da boca do próprio Godfrey que não se encontra seqüestrado.

O dono da casa tocou a campainha.

— Ralph — ordenou —, telefone para a Polícia e peça ao inspetor que mande dois guardas. Diga-lhe que há ladrões na casa.

— Um momento — intervi. — O senhor deve compreender, Mr. Dodd, que o coronel Emsworth está no seu direito e que a nossa situação dentro desta casa não é legal. Por outro lado, ele devia reconhecer que o seu gesto é inteiramente ditado pela sua amizade por Mr. Godfrey. Se me fossem concedidos cinco minutos para conversar com o coronel Emsworth, certamente conseguiria modificar o seu ponto de vista.

— Não é com essa facilidade que modifico o meu ponto de vista — retrucou o velho soldado. — Ralph, faça o que eu disse. Telefone para a Polícia!

— Nada disso — contrariei, encostando-me na porta. — Qualquer intervenção da Polícia provocaria exatamente a catástrofe que o senhor tanto receia. — Peguei no meu bloco, escrevi uma palavra e entreguei-o ao coronel.

Ele cravou os olhos no que estava escrito e ficou espantado.

— Como é que sabe? — balbuciou, atônito, sentando-se pesadamente na cadeira.

— O meu ofício é saber as coisas.

Ficou absorvido em meditação, roçando a barba rala com a mão descarnada. Depois fez um gesto de resignação.

— Bem, se desejam ver Godfrey, podem vê-lo. Não haverá interferência da minha parte. Os senhores forçaram-me a isto. Ralph, vá dizer a Mr. Godfrey e a Mr. Kent que, dentro de cinco minutos, estaremos lá.

Decorrido esse tempo, fomos andando pelo caminho do jardim, até nos determos em frente da casa misteriosa. Um homem barbado, de baixa estatura, estava junto à porta com um ar assombrado.

— Que reviravolta foi essa tão súbita, coronel Emsworth? — indagou.
— Isto altera todos os nossos planos.

— Não há outro remédio, Mr. Kent. Fomos forçados a isso. Mr. Godfrey pode ver-nos?

— Pode. Está à espera, lá dentro. — Voltou-se e nos conduziu para um espaçoso aposento da frente, mobiliado com simplicidade. Vimos um homem de pé, de costas para a lareira e, ao vê-lo, o meu cliente avançou apressadamente, estendendo-lhe a mão.

— Então, Godfrey, meu caro amigo, como vai isso?

O outro porém, fez um gesto como que para detê-lo.

— Não me toque, Jimmie. Conserve-se a distância. Sim, olhe bem para mim! Já não sou o garboso militar do Esquadrão B, não é verdade?

O seu aspecto era de fato extraordinário. Podia ver-se que realmente fora um belo homem de feições delicadas, tostado pelo sol de África, mas nas superfícies mais escuras viam-se manchas esbranquiçadas que davam à pele uma estranha alvura.

— É por isso que não quero receber visitas — acrescentou. — Se fosse só você, Jimmie... mas dispensava bem a presença do seu amigo. Suponho que julgou dever trazê-lo com você, mas, como vê, estou em péssimas condições.

— Queria certificar-me de que estava bem, Godfrey. Vi-o naquela noite em que encostou o rosto na minha janela e não podia descansar enquanto não esclarecesse tudo.

— O velho Ralph disse-me que você estava aqui e não pude deixar de tentar vê-lo. Esperava que você não me visse, e tive de correr para a minha toca, quando ouvi a janela abrir.

— Mas, por amor de Deus, diga-me o que significa tudo isto!

— A história não é longa — disse Godfrey, acendendo um cigarro.

— Recorda-se daquele combate matinal, em Buffelspruit, fora de Pretória, na estrada de ferro do leste? Soube que fui ferido?

— Sim, soube, mas sem detalhes.

— Três de nós perdermo-nos do restante. Era um terreno muito irregular, como você deve se lembrar. Éramos Simpson, Anderson e eu. Fomos atacados por um bôer que se fingia de morto. Os meus parceiros foram mortos e eu levei uma pancada no ombro, mas segurei-me em meu cavalo e galopei vários quilômetros, antes de desfalecer e cair da sela.

Quando voltei a mim, já era noite. Levantei-me, sentindo-me muito fraco e doente. Fiquei surpreso ao ver um casarão com uma grande varanda e muitas janelas. Fazia um frio de rachar. Você deve se lembrar daquele frio de entorpecer, abominável. Eu estava congelado até os ossos e a minha única esperança parecia ser aquela casa. Fui me arrastando, quase sem consciência do que fazia. Lembro-me vagamente de ter subido os degraus, transposto uma porta aberta, entrado num enorme salão com várias camas e de ter me atirado para cima de uma delas. A cama estava por fazer, mas isso não me perturbou. Puxei as cobertas sobre o corpo congelado e logo adormeci profundamente.

Quando acordei, era de manhã, pareceu-me ter entrado num extraordinário pesadelo. O sol africano penetrava pelas amplas janelas, sem cortinas, e cada pormenor do imenso dormitório, caiado de branco e vazio, se destacava com toda a clareza. De pé, diante de mim, estava um homem de baixa estatura, que parecia anão, com uma cabeça volumosa, falando nervosamente em holandês e meneando duas mãos horrendas que me pareceram duas esponjas marrons. Atrás dele estava um grupo de pessoas que pareciam se divertir com a situação, mas eu senti um arrepio de terror ao olhar para elas. Nenhuma daquelas criaturas era um ser humano normal. Todas eram ou tortas ou inchadas ou disformes de qualquer maneira estranha. O riso daqueles monstregos era uma coisa medonha de se ouvir.

Parecia que nenhum deles sabia falar inglês, mas a situação ficava cada vez mais clara, porque o tal cabeça grande ia ficando mais furioso e dava berros selvagens, pondo as mãos disformes em cima de mim e puxando-me para fora da cama, sem dar importância para o sangue que brotava da minha ferida. O monstrinho era forte como um touro, e não

sei o que seria de mim, se um velho, que dispunha de mais autoridade do que os demais, não tivesse chegado ao local atraído pela algazarra. Ele proferiu severamente algumas palavras, em holandês, e o meu perseguidor deteve-se. Então o outro voltou-se para mim, olhando-me com verdadeiro assombro.

— Como foi possível que o senhor viesse parar aqui? — perguntou-me. — Espere um pouco. Vejo que está cansado e o seu ombro ferido precisa de ser tratado. Sou médico e lhe farei o curativo necessário. Mas, homem de Deus, o senhor aqui corre um perigo muito maior do que no campo de batalha! O senhor está num hospital de leprosos e dormiu na cama de um deles.

Será preciso acrescentar mais alguma coisa, Jimmie? Parece que, com a batalha iminente, aqueles infelizes tinham sido evacuados na véspera. Depois, enquanto os britânicos avançavam, os leprosos tinham sido reconduzidos para aquele lugar por aquele homem, superintendente-médico do hospital, que me garantiu que, embora se acreditasse imunizado contra a lepra, jamais ousaria fazer o que eu tinha feito. Pôs-me num quarto particular, tratou-me com bondade e ao cabo de uma semana fui enviado para o hospital central de Pretória.

Aqui tem a minha tragédia. Esperei, cheio de esperança, não ter sido contagiado, mas, ao chegar em casa, os terríveis sinais que vê no meu rosto, provaram-me que não tinha escapado. Que havia de fazer? Encontrava-me nesta casa solitária. Tínhamos dois criados de absoluta confiança. Havia um pavilhão onde eu podia viver. Sob juramento de segredo total, Mr. Kent, que é médico, dispôs-se a ficar comigo. Posta nestes termos, a situação pareceu resolvida. A alternativa era terrível: isolamento perpétuo, entre estranhos, sem nenhuma esperança de libertação. Mas era necessário absoluto sigilo. Do contrário, mesmo nesta sossegada zona rural, se ergueria um clamor público e eu teria de ser atirado para um horroroso destino. Até você, Jimmie, teve de ficar alheio ao caso. Não posso imaginar por que motivo meu pai quebrou o meu isolamento.

O coronel Emsworth apontou para mim.

— Foi este cavalheiro que me obrigou. — O velho militar desdobrou o pedaço de papel no qual eu escrevera a palavra “lepra”. — Já que ele sabia tanto, era preferível que soubesse o resto.

— Assim é — confirmei. — E talvez seja um bem? Segundo me consta, só Mr. Kent examinou o doente. Permite-me indagar, doutor, se é uma autoridade nestas doenças que são de natureza tropical?

— Possuo os conhecimentos correntes de todos os homens formados em medicina — respondeu o médico, levemente melindrado.

— Não tenho a menor dúvida, doutor, quanto à sua inteira competência, mas, num caso destes, uma segunda opinião é valiosa. Creio que apenas a evitou, para que não insistissem em isolar o paciente.

— É exato — confirmou o coronel Emsworth.

— Prevendo tal situação — expliquei — trouxe um amigo, com cuja absoluta discrição se pode contar. Prestei-lhe, uma vez, um serviço profissional e ele se prontificou a dar sua opinião, mais como amigo do que como especialista. O seu nome é James Saunders.

A expectativa de uma entrevista com o célebre especialista causou a maior satisfação a Mr. Kent, que murmurou:

— Será para mim uma honra conhecê-lo.

— Vou então pedir a *Sir* James que entre, pois está na carruagem que ficou lá fora. Entretanto, coronel Emsworth, talvez possamos nos reunir no seu escritório, onde darei as necessárias explicações.

Sublinho aqui a falta que me faz o meu Watson. Mediante perguntas astutas e exclamações de pasmo, ele saberia enaltecer a minha arte (que não é mais do que bom senso sistematizado) e elevá-la às alturas de prodígio. Quando sou eu que conto a história, fico sem essa ajuda. Contudo, vou transmitir ao leitor o meu processo mental da mesma forma que o fiz ao meu reduzido auditório, que incluía também a mãe de Godfrey, no gabinete do coronel Emsworth.

— Este meu processo — expus — parte da suposição de que, tendo eliminado todas as soluções impossíveis, a restante, por muito improvável que pareça, deve ser a verdadeira. Pode também acontecer de depararmos com várias hipóteses, cumprindo-nos solucionar uma delas. Portanto, apliquemos este princípio ao presente caso.

Tal como de início me foi apresentado, sugeria três explicações possíveis quanto a reclusão ou encarceramento de Mr. Godfrey Emsworth, num anexo da casa paterna: por ter praticado um crime; por estar louco, pretendendo-se evitar o seu internamento num manicômio; ou sofrer de alguma doença que impusesse o seu isolamento.

A hipótese de crime era incongruente, visto que, em todo o distrito, as autoridades não tinham notícia dele e, se se tratasse de qualquer crime ainda não descoberto, a família teria preferido mandar o delinqüente para longe, em vez de conservá-lo, escondido, em casa.

A hipótese de loucura era a mais plausível, tanto mais que a presença de outra pessoa, no anexo, sugeria um guarda que tomava o cuidado de fechar a porta à chave, sempre que saía. Por outro lado, a detenção do louco não era severa, visto que lhe fora permitido sair do anexo, para ir espiar a janela do quarto de Mr. Dodd.

Deve recordar-se, Mr. Dodd, que eu lhe perguntei qual o jornal que Mr. Kent estava lendo. Se fosse o *Lancet* ou o *British Medical Journal*, isso teria me ajudado, pois indicaria que se tratava de um médico.

Sob o aspecto jurídico, não é interdito conservar um louco numa casa particular, desde que se encontre sob cuidado de um médico competente e as autoridades tenham sido devidamente notificadas. Ora, isto não sucedera. Por que tanto mistério? A teoria formulada ainda não se ajustava aos fatos.

Restava a terceira hipótese, apesar de insólita e pouco verossímil. Lembrei-me de que a lepra surge freqüentemente na África do Sul. Por qualquer casualidade extraordinária, o jovem podia tê-la contraído. As pessoas da família se veriam numa situação angustiosa, visto desejarem salvá-lo do internamento numa leprosaria. Seria necessário manter o segredo, para evitar que a notícia vazasse e provocasse a interferência das autoridades. Facilmente se encontraria um médico devotado que, sendo bem pago, se encarregaria do enfermo. Não havia motivos para impedir que Godfrey sáísse, depois do escurecer, podendo passear ao ar livre.

O embranquecimento da pele é um resultado sintomático da lepra. Tratava-se de um caso tão admissível que decidi agir como se estivesse realmente provado.

Quando, ao chegar aqui, notei que Ralph, ao levar-lhe as refeições, usava luvas impregnadas de um desinfetante qualquer, as minhas últimas dúvidas dissiparam-se. Com uma única palavra, Coronel, dei-lhe a entender que o seu segredo estava descoberto, e se preferi escrevê-la a proferi-la, foi para provar-lhe que podia confiar na minha discrição.

Estava terminando esta breve análise do caso, quando a porta se abriu e apareceu a figura austera do eminente dermatologista. Desta vez, a sua expressão, normalmente rígida, estava suavizada por um olhar afável. Dirigiu-se ao coronel Emsworth e apertou-lhe a mão, preambulando, sem outras palavras de saudação:

— Acontece-me, freqüentemente, ser portador de más notícias, mas, no presente caso, creio que mereço um prêmio. Não se trata de lepra.

— Como?

— O caso de seu filho é evidente, logo à primeira vista. Trata-se de falsa lepra ou ictiose; uma afecção de descamação da pele, desagradável à vista, obstinada, mas curável e, certamente, de maneira alguma infecciosa. Curável, entendeu, coronel?... Sim, Mr. Holmes, a coincidência é notável... Mas será realmente coincidência? Não terão intervindo forças sutis que ignoramos? Quem nos assegura que o terror que sofreu, desde que esteve exposto ao contágio, não lhe produziu o efeito físico daquilo que temia, provocando os sintomas? Seja como for, empenho a minha reputação profissional... Mas vejo que Mrs. Emsworth desmaiou! Creio, Dr. Kent, que é melhor cuidar dela, até que se restabeleça de um choque tão feliz.



Mr. Sherlock Holmes manifestou sempre a opinião de que eu deveria publicar os estranhos fatos relacionados com o professor Presbury, com o objetivo de destruir, definitivamente, os boatos que, havia uns vinte anos, tinham perturbado a Universidade, repercutindo-se nos círculos científicos de Londres. Contudo, a história autêntica dessa curiosa ocorrência permaneceu trancada na caixa de metal que contém tantos relatos das investigações do meu amigo e só agora obtivemos permissão para divulgar os fatos que constituíram um dos últimos casos de que Holmes se incumbiu antes de abandonar as suas atividades. Apesar de tudo, ainda terá de se observar uma certa discrição ao apresentar-se o caso ao público.

Numa tarde de domingo, no princípio de 1903, recebi uma das mais lacônicas mensagens de Holmes:

Venha imediatamente, se for conveniente, se não for, venha da mesma maneira. S. H.

Nossas relações, naqueles últimos tempos, eram muito especiais. Meu amigo era um homem de hábitos restritos e concentrados e eu fazia parte desses seus hábitos. Na qualidade de instituição, eu emparelhava com o seu violino, o simonte ⁽¹⁾ acre, o velho cachimbo negro, os livros de índices nominais e outras tantas coisas, talvez menos desculpáveis. Quando se tratava de trabalho ativo, exigindo um parceiro sangue-frio de confiança, eu entrava inevitavelmente em cena. Mas, mesmo prescindindo da ação, Holmes reconhecia-me outros préstimos. Era o estímulo para seu intelecto. Instigava o detetive que se comprazia em pensar alto, na minha presença. Em rigor, não se podia dizer que as suas observações me fossem dirigidas (dir-se-ia que muitas delas eram endereçadas à cabeceira da sua cama), mas, uma vez adquirido o hábito, tornara-se útil para ele que eu fizesse meus comentários. Se o irritava com uma certa morosidade sistemática do meu raciocínio, essa irritação até servia para fazer com que as suas próprias intuições e impressões, por

⁽¹⁾ *Folha de tabaco puro e escuro. (N. do T.)*

si só tão brilhantes, cintilassem ainda com mais vivacidade e rapidez. Era esse o meu modesto papel, na nossa simbiose.

Ao chegar a Baker Street, encontrei-o encolhido na poltrona, com os joelhos para cima, o cachimbo na boca e com a testa enrugada. Era evidente que algum problema lhe preocupava a mente. Com um aceno de mão indicou a minha velha poltrona, mas, exceto isso, durante meia hora não deu nenhum indício de ter notado a minha presença. Por fim, com um estremecimento do corpo, pareceu despertar do seu devaneio e, com o seu habitual sorriso, deu-me as boas-vindas por ver-me de volta àquela casa que já tinha sido o meu lar.

— Desculpe-me a distração, meu caro Watson — justificou. — Eu pensava em alguns fatos curiosos que, nas últimas vinte e quatro horas, deram origem a algumas especulações de caráter mais geral. Tenho pensado seriamente em escrever uma pequena monografia a respeito da utilidade dos cães no trabalho do detetive.

— Mas isso, Holmes, já é assunto explorado — observei. — Cães policiais...

— Não, Watson. Esse aspecto é naturalmente conhecido. Mas existe outro, muito mais sutil. Deve recordar-se de que, no caso que você, com o seu estilo sensacional, designou por “As Faías Cor de Cobre” ⁽²⁾, eu consegui, observando o espírito da criança, formular uma dedução relativa aos hábitos criminosos do pai, respeitável burguês.

— Lembro-me perfeitamente.

— O curso das minhas idéias em relação aos cães é análogo. O cão reflete a vida da família. Onde se viu um cão espetado numa família triste ou um cão tristonho numa família feliz? Gente rabugenta tem cães rosnadores, gente perigosa tem cães que atacam. E as disposições de espírito passageiras dos animais talvez reflitam as disposições passageiras dos seus donos.

Acenei com a cabeça:

— Há de convir, Holmes, que isso é um pouco forçado.

Ele tornara a encher o cachimbo e sentou-se direito, sem ligar para o meu comentário.

— A aplicação prática do que acabo de expor, ajusta-se ao caso que estou investigando. A meada tem muitas voltas e eu ando à procura da

⁽²⁾ *Novela da página 64 e seguintes da obra O detetive agonizante e outras histórias.*

ponta do fio que, provavelmente, está na seguinte pergunta: por que motivo Roy, o fiel cão do professor Presbury, tem tentado mordê-lo?

Enterrei-me na cadeira, um pouco desapontado. Então, fora por uma questão tão trivial que tinha me tirado de meu trabalho? Holmes olhou-me de soslaio.

— Sempre o mesmo Watson! Você não se convence de que as mais graves questões podem depender das mais ínfimas premissas. Diga-me: é ou não é estranho que o cão de um sisudo filósofo, homem de certa idade (você decerto já conhece Presbury de nome, o famoso fisiologista de Camford), sempre seu dedicado amigo, tenha atacado seu dono por duas vezes? O que você diz sobre isso?

— O animal está doente.

— Bem, isso tem de ser levado em conta. Mas o cão não ataca mais ninguém, nem consta que incomode o dono, a não ser em ocasiões muito especiais. Curioso, Watson, muito curioso. Mas o jovem Mr. Bennett antecipou-se, se é ele quem está tocando a campainha. E eu que esperava poder conversar com você antes que chegasse...

Ouviram-se passos rápidos na escada, uma forte pancada na porta e logo o novo cliente surgia diante de nós. Era um homem alto e simpático, dos seus trinta anos, elegantemente vestido, mas com qualquer coisa nas atitudes, que mais fazia pensar no acanhamento de um estudante do que na calma de um homem de sociedade. Apertou a mão de Holmes e, depois, olhou para mim, constrangido.

— O assunto é bastante delicado, Mr. Holmes — declarou. — Basta considerar as minhas relações com o professor Presbury, tanto em particular como em público. Na verdade, não posso falar diante de uma terceira pessoa.

— Não tenha receio, Mr. Bennett. O Dr. Watson é a discrição em pessoa, e posso assegurar-lhe que é provável que eu venha a precisar de um auxiliar.

— Como quiser, Mr. Holmes. Estou certo de que compreenderá o motivo desta minha reserva.

— Você, Watson, irá levá-la em consideração quando souber que Mr. Trevor Bennett é assistente do grande cientista, reside em sua casa, e é noivo de sua filha única. O professor tem todo o direito à sua lealdade e dedicação, mas cumpre-nos entrarmos na matéria, a fim de esclarecer o mistério.

— Assim espero, Mr. Holmes. O Dr. Watson já conhece a situação?

— Não tive tempo de explicá-la.

— Então talvez seja melhor eu recapitular os fatos, antes de acrescentar algum pormenor mais recente.

— Eu me incumbirei disso — propôs-se Holmes —, a fim de provar que tenho os acontecimentos na devida ordem. O professor, Watson, é homem famoso na Europa. A sua vida tem sido acadêmica. Jamais pairou perto dele a sombra de um escândalo. É viúvo e tem uma filha, Edith. É considerado um homem de caráter viril e positivo... quase combativo. Esta era a situação até há alguns meses. Entretanto a sua vida sofreu uma alteração. Apesar dos seus 61 anos, ficou noivo da filha do professor Morphy, seu colega na cadeira de Anatomia Comparada. Não se tratou de um devaneio ponderado próprio de um homem de idade, mas de um delírio apaixonado mais natural num jovem, pois ninguém seria capaz de mostrar-se amante mais devotado. A noiva, Miss Alice Morphy, era uma jovem de muitos atributos, tanto física como moralmente, circunstância que justifica perfeitamente o entusiasmo que inspirou, mas esse namoro não recebeu plena aprovação da família do professor Presbury.

— Consideramos essa paixão um tanto excessiva — comentou o nosso visitante.

— Excessiva e um pouco violenta e forçada. Contudo, o professor Presbury é rico e não houve objeção por parte do pai da jovem. Mas esta tinha outros planos, e pretendentes não lhe faltavam. Embora menos cotados, do ponto de vista das conveniências sociais, não tinham contra si a diferença de idade. A jovem parecia gostar do professor, apesar das suas excentricidades. O único obstáculo era a idade. Por essa época, um ligeiro mistério veio sombrear a pacata existência do professor. Saiu de casa, sem deixar qualquer indicação do seu destino. Esteve ausente durante duas semanas e, ao voltar, apresentava sinais de cansaço. Não disse uma palavra sobre o lugar onde estivera, embora fosse um homem muito expansivo. Entretanto, o nosso cliente, Mr. Bennett, recebeu uma carta de um condiscípulo de Praga, na qual dizia ter visto o professor naquela cidade, embora não tivesse podido falar com ele. Só dessa maneira se soube onde Presbury tinha estado. Daí em diante, operou-se no professor uma curiosa mudança. Tornou-se esquivo e sonso. As pessoas das suas relações tinham sempre a impressão de que ele já não

era o homem que tinham conhecido e que havia qualquer coisa a obstruir-lhe as altas qualidades. A inteligência não fora afetada. As suas preleções eram brilhantes, como sempre. Mas havia algo de novo, de sinistro, de inesperado. A filha, que lhe dedicava grande afeição, redobrou os esforços para fazê-lo voltar ao que era. O nosso cliente tentou o mesmo, mas tudo em vão. E agora, Mr. Bennett, relate-nos o episódio das cartas.

— Devo informá-lo, Dr. Watson, que o professor não tinha segredo para mim. Se eu fosse seu filho ou seu irmão mais novo, não poderia gozar de maior confiança do que a que sempre me testemunhara. Na qualidade de seu secretário, passavam pelas minhas mãos todas as missivas que lhe eram destinadas. Pouco depois do seu regresso, tudo mudou. Avisou-me ser possível que viessem de Londres certas cartas que trariam uma cruz marcada por baixo do selo. Estas deveriam ser separadas, pois só ele as queria ler. Várias dessas cartas passaram pelas minhas mãos, com o carimbo E. C. ⁽³⁾ e estavam escritas com uma letra horrível. Se o professor respondia a essas cartas, as respostas não passaram pelas minhas mãos nem foram depositadas no cesto de cartas onde se reunia toda a nossa correspondência, antes de ser posta no correio.

— E a caixa? — lembrou Holmes.

— Ah, é verdade. Ao voltar das suas viagens, o professor trouxe uma pequena caixa de madeira. Foi a única coisa que sugeria a idéia de que tivesse viajado pelo continente, porque é um desses objetos curiosamente lavrados que logo nos trazem à recordação a Alemanha. Colocou-a no armário onde estão os seus instrumentos. Um dia, procurando uma cânula, peguei na caixa. Para minha surpresa, o professor ficou furioso e, com palavras ferozes, censurou a minha curiosidade. Era a primeira vez que isso acontecia e fiquei profundamente magoado. Esforcei-me por explicar que pegara na caixa por mero acaso, mas durante toda a tarde reparei que não esquecera o incidente.

Mr. Bennett tirou do bolso uma pequena agenda e acrescentou:

— Isso se deu em 2 de julho.

— O senhor é uma testemunha ideal — elogiou Holmes. — Posso vir a precisar de algumas dessas datas que o senhor tão cuidadosamente registrou no seu diário.

⁽³⁾ *Abreviatura de Eastern Central (Central Oriental), uma das circunscrições postais de Londres. (N. do T.)*

— Entre outras coisas aprendi, com o meu mestre, a ter método, em tudo. Desde a época em que notei certo desequilíbrio no seu procedimento, senti que era meu dever estudar o caso. Assim, anotei precisamente nesse mesmo dia, 2 de julho, que Roy atacou o professor, quando ele saía do gabinete em direção ao *hall*. Novamente, em 11 de julho, deu-se uma cena semelhante e o mesmo ataque ainda se repetiu no dia 20. Depois disso, tivemos que mandar o cão para o estábulo. Roy era um animal muito afeiçoado a todos nós... Estou a fatigá-lo, Mr. Holmes?

Mr. Bennett disse estas últimas palavras em tom de censura, porque era evidente que o meu amigo não lhe prestava atenção. O seu rosto estava rígido e os olhos fitavam distraidamente o teto. Com um esforço, conseguiu concentrar novamente a atenção.

— Estranho! Muito estranho! — murmurou. — Esses detalhes são novos para mim, Mr. Bennett. Dispomos, agora, de dados inéditos, mas o senhor anunciou episódios mais recentes.

A fisionomia agradável e aberta do nosso visitante anuviou-se, ao relatar:

— Há duas noites, eu estava deitado por volta das duas horas da madrugada, quando ouvi um som abafado vindo do corredor. Abri a porta do meu quarto e espiei. Devo explicar que o professor dorme no fim desse corredor.

— Em que data?... — indagou Holmes.

O nosso visitante aborreceu-se com esta interrupção impertinente.

— Se o fato ocorreu há duas noites, era 4 de setembro.

Holmes aprovou com a cabeça e sorriu.

— Queira continuar — convidou.

— Ele dorme no fim do corredor e tinha de passar diante da minha porta para chegar à escada. Foi um espetáculo verdadeiramente constrangedor, Mr. Holmes. Creio que tenho nervos normais, mas fiquei abalado com o que vi. O corredor estava escuro, apenas uma janela no meio projetava uma fresta de luz. Pude ver, avançando pelo corredor, um vulto preto e encolhido. De repente, penetrou na claridade e vi que era ele, rastejando pelo chão. Não se arrastava sobre as mãos e os joelhos. Caminhava sobre as mãos e os pés, tendo o rosto entre os braços. No entanto, parecia mover-se com desembaraço. Eu estava tão abalado que

só quando ele passou pela minha porta, consegui dar um passo à frente e perguntar-lhe se podia ajudá-lo. A sua resposta foi espantosa. Pôs-se de pé num pulo, pronunciou uma obscenidade e passou por mim, como um raio, em direção à escada, que desceu correndo. Esperei mais ou menos uma hora, mas não voltou. Deve ter voltado para o quarto, já ao raiar do dia.

— Então, Watson, o que você me diz sobre isso? — perguntou Holmes, com o ar do patologista que apresenta um espécime raro.

— Lumbago, provavelmente. Sei de um caso grave que obrigou um homem a caminhar exatamente desse modo, e não há nada que deixe uma pessoa mais nervosa.

— Bravo, Watson! Tem resposta para tudo. Mas dificilmente poderemos acreditar em lumbago, uma vez que Presbury pôde por-se de pé num instante.

— Agora, está são “como um pero” — informou Bennett. — Conheço-o há anos, e nunca o vi tão bem disposto. Mas os fatos aí estão, Mr. Holmes. Não se trata de um caso em que possamos consultar a Polícia e não temos a mínima idéia do que nos cumpre fazer. Aflige-nos o pressentimento de que uma catástrofe está iminente. Edith, quer dizer Miss Presbury, é também da opinião de que não devemos aguardar passivamente.

— Não há dúvida de que estamos perante um caso muito curioso. O que você pensa a este respeito, Watson?

— Falando como médico — considere —, parece ser um caso para um psiquiatra. Os processos cerebrais desse homem idoso sofreram um distúrbio, causado pela aventura amorosa em que se meteu. O professor viajou, na esperança de libertar-se da paixão. As cartas e a caixa podem estar relacionadas com qualquer outra transação privada: um empréstimo ou certificados de títulos.

— E acha que o cão reprovou a transação financeira! Não, Watson! O negócio é mais complexo do que isso. Apenas posso sugerir...

O que Sherlock Holmes ia sugerir jamais será conhecido, porque, naquele momento, a porta abriu-se e uma jovem entrou na sala. Quando ela surgiu, Mr. Bennett levantou-se com espanto e correu ao seu encontro com as mãos estendidas, como as delas.

— Edith, querida! Espero que não haja nenhuma novidade...

— Tive de vir à sua procura. Oh, Jack, fiquei com tanto medo! É horrível estar lá sozinha.

— Mr. Holmes, esta é a jovem de que falei, a minha noiva, Miss Presbury.

— Já tínhamos chegado a essa conclusão, não é verdade, Watson? — ironizou Holmes, com um sorriso. — Suponho, Miss Presbury, ter surgido um novo aspecto do caso que achou conveniente trazer ao nosso conhecimento. Não é assim?

A jovem simpática, de um tipo inglês convencional, retribuiu o sorriso de Holmes, enquanto se sentava ao lado de Mr. Bennett.

— Quando verifiquei que Mr. Bennett não estava no hotel, calculei que poderia encontrá-lo aqui, pois ele me disse que viria consultá-lo. Mas, Mr. Holmes, poderá fazer alguma coisa pelo meu pobre pai?

— Tenho certas esperanças, Miss Presbury, mas o caso ainda está um pouco obscuro. Talvez o que veio dizer-nos lance uma nova luz sobre o assunto.

— Foi a noite passada, Mr. Holmes. Meu pai tinha estado muito esquisito todo o dia. Estou certa de que, em algumas ocasiões, ele não se recorda do que faz. Vive num estranho sonho. Ontem, foi um desses dias. Não era o meu pai a pessoa com quem eu estava vivendo. O invólucro exterior estava ali, mas não era ele, realmente.

— Conte-me o que aconteceu.

— Acordei de noite, com o cão ladrando furiosamente. O infeliz Roy agora está amarrado à corrente, perto do estábulo. Durmo sempre com a porta do meu quarto fechada à chave, porque todos nós temos um pressentimento de desgraça iminente. O meu quarto fica no segundo andar. Aconteceu que a persiana da minha janela estava suspensa e havia luar. Enquanto eu, deitada, tinha os olhos fixos no feixe de luz, escutando o ladrar frenético do cão, fiquei assombrada ao ver o rosto do meu pai olhando para mim. Quase morri de susto. Tinha a cara colada à vidraça, e uma das mãos parecia erguer-se como que para abrir a janela. Se esta se tivesse aberto, creio que enlouqueceria de terror. Não era ilusão, Mr. Holmes. Não vá pensar que eu acredito em fantasmas. Durante uns vinte segundos fiquei paralisada, olhando para aquele rosto. Então, desapareceu, mas faltou-me coragem para saltar da cama e seguir meu pai. Continuei deitada, gelada e a tremer, até de manhã. Quando nos

encontramos, no café da manhã, mostrou-se irritado, sem fazer nenhuma alusão ao que se passara de noite. Eu também não falei no assunto, mas, dando uma desculpa, vim para cá.

Holmes mostrou-se surpreso com a narrativa de Miss Presbury.

— Disse, minha senhora, que o seu quarto fica no segundo andar. Existe no jardim alguma escada de mão?

— Não, Mr. Holmes. Não há possibilidade de se alcançar a janela, e contudo o meu pai chegou lá.

— E a data é 5 de setembro — precisou Holmes. — Isso complica a questão.

Agora quem se surpreendeu foi Bennett.

— É a segunda vez que o senhor alude à data, Mr. Holmes. Será possível que isso tenha alguma relação com o caso?

— É muito possível e, no entanto, presentemente, não disponho de todos os dados de que preciso.

— Quem sabe se o senhor está pensando na relação entre a loucura e as fases da Lua?

— Pode estar certo de que não é isso. O curso das minhas idéias vai mais além. Creio que não porá objeção em confiar-me a sua agenda, para que eu possa orientar-me quanto às datas. Agora, Watson, o nosso rumo já está bastante claro. Esta jovem acaba de informar-nos (e eu tenho a maior confiança na sua intuição) de que seu pai pouco ou nada se lembra do que acontece em certos dias. Portanto, podemos ir à sua casa, como se ele nos tivesse marcado uma entrevista. Não deixará de considerar uma falta de memória da sua parte e teremos oportunidade de observá-lo de perto.

— Excelente idéia — apoiou Bennett. — Previno-o, contudo, de que o professor, às vezes, é irascível e violento.

— Há razões prementes para irmos imediatamente, se é que as minhas teorias têm uma boa base. Amanhã, Mr. Bennett, estaremos em Camford. Existe lá uma estalagem chamada “Ao Tabuleiro de Xadrez” onde o vinho era ótimo e o asseio irrepreensível. Estou desconfiado, Watson, de que, nos próximos dias, a nossa sorte irá levar-nos a locais menos aprazíveis.

Na manhã de segunda-feira já estávamos a caminho da famosa cidade universitária — para Holmes, que não tinha nada que o prendesse, era

fácil viajar mas para mim que, naquela época, estava com uma clientela que não era de desprezar, era necessário perder menos tempo possível. Holmes não fez nenhuma referência ao caso até arrumarmos as nossas malas na velha hospedaria de que tinha falado.

— Creio, Watson, que podemos falar com o professor pouco antes do almoço. Ele dá aula às onze horas, e iremos à sua casa no intervalo que se segue.

— Que pretexto temos para visitá-lo?

Holmes passou os olhos pelo seu bloco de notas.

— Verificou-se um período de agitação, em 26 de agosto. Vamos supor que ele tenha a memória um tanto nebulosa, em relação ao que faz nesses períodos. Se insistirmos em que fomos visitá-lo de acordo com uma combinação prévia, julgo que dificilmente se arriscará a contradizer-nos. Você tem o descaramento necessário para fazer isso?

— Podemos experimentar.

— Excelente, Watson! Vamos experimentar. Não faltará um amável indígena que nos sirva de guia.

Um deles, empoleirado no alto de uma carruagem, transportou-nos velozmente ao longo de uma série de colégios tradicionais e, finalmente, entrando num caminho ladeado de árvores, parou à porta de uma casa encantadora, cercada de relva e coberta de glicínias roxas. O professor Presbury sabia rodear-se não só de conforto, mas também de luxo. No exato momento em que parávamos à porta, uma cabeça grisalha assomou à janela da frente e vimos dois olhos penetrantes que, sob umas sobrancelhas espessas, nos examinaram através de grandes óculos de tartaruga. Daí a pouco entrávamos na casa e o misterioso cientista, cujos devaneios nos tinham trazido de Londres, estava diante de nós. Não se notava o mínimo indício de excentricidade nas suas maneiras, nem na aparência, pois era um homem imponente, de feições largas, sisudo, alto, usando sobrecasaca, com aquele porte cheio de dignidade que assenta bem num catedrático. O traço dominante eram os olhos, perscrutantes e argutos.

Leu os nossos cartões e convidou:

— Queiram sentar-se, cavalheiros. Em que posso ser-lhes útil?

Holmes sorriu delicadamente.

— E essa é a pergunta que vim lhe fazer, professor.

— A mim, cavalheiro?

— É possível que haja algum equívoco. Soube, por uma pessoa, que o professor Presbury, de Camford, precisava dos meus serviços.

— Oh, realmente? — Tive a impressão de ver um brilho malicioso nos seus olhos cinzentos. — Posso perguntar o nome do seu informante?

— Sinto muito, professor, mas o assunto foi confidencial. Se houve equívoco da minha parte, apresento-lhe as minhas desculpas.

— De maneira alguma. Desejo esclarecer o caso. O senhor não teria algo por escrito, uma carta ou telegrama que confirme o que diz?

— Não, não tenho.

— Presumo que não ousará dizer que o mandei chamar.

— Prefiro não responder a perguntas — replicou Holmes.

— Compreendo, compreendo... Contudo, a pergunta que lhe faço tem resposta fácil, sem precisar da sua ajuda.

Atravessou o aposento para tocar a campainha. O nosso amigo, Mr. Bennett, atendeu ao chamado.

— Entre, Mr. Bennett. Estes dois cavalheiros vieram de Londres com a impressão de que foram chamados a esta casa. O senhor, que trata de toda a minha correspondência, tem algum bilhete dirigido a uma pessoa de nome Holmes?

— Não, senhor — respondeu Bennett, corando.

— Isto é bastante concludente — disse o professor, encarando enfurecido o meu companheiro. — Agora, Mr. Holmes — acrescentou, curvando-se para a frente com as duas mãos sobre a mesa —, parece-me que a sua posição é um tanto duvidosa.

Holmes encolheu os ombros.

— Só posso reiterar as minhas desculpas por ter vindo incomodá-lo sem necessidade.

— É inútil, Mr. Holmes — gritou o velho, interpondo-se entre nós e a porta e gesticulando furiosamente. — O senhor não escapa assim tão facilmente.

Tinha as feições alteradas e, na sua raiva, mostrava-nos os dentes, proferindo palavras sem nexo. Estou convencido de que, se não fosse a intervenção de Mr. Bennett, só teríamos podido sair dali usando a violência.

— Meu prezado mestre — interveio —, pense na sua posição! Considere o escândalo na universidade! Mr. Holmes é um homem bastante conhecido e não é prudente que o senhor o trate com tanta grosseria.

Com má vontade, o dono da casa saiu da frente, liberando-nos a porta. Ficamos aliviados ao ver que estávamos fora daquela casa e no sossego do caminho arborizado. Holmes parecia comprazer-se grandemente com o episódio.

— Os nervos do nosso douto amigo estão um pouco alterados — comentou. — Talvez a nossa intrusão tenha sido intempestiva, mas lucramos com este contato pessoal. Com os diabos, Watson! Não é ele quem vem aí?

Ouviam-se sons de passos de alguém que corria atrás de nós, mas, com alívio, notamos que não era o professor e sim Bennett que surgiu na curva do caminho, ofegante.

— Sinto muito o que se passou, Mr. Holmes. Desejava apresentar desculpas.

— Não se preocupe, meu caro Mr. Bennett. São ossos do ofício.

— Nunca o vi tão insuportável. Está cada vez mais sinistro. Já pode, Mr. Holmes, compreender por que motivo sua filha e eu andamos tão alarmados, embora ele nos pareça absolutamente lúcido.

— Sim e foi isso que me fez errar os cálculos, pois pensei que o professor não pudesse confiar na memória. Já que aqui estamos, seria possível mostrar-me a janela do quarto de Miss Presbury?

Bennett guiou-nos por entre os arbustos, até uma parte lateral da casa.

— É ali — apontou. — A segunda, à esquerda...

— Parece quase inacessível... mas tem uma trepadeira, por baixo, e um cano de água que também pode oferecer algum apoio.

— Eu não conseguiria subir por ali... — reconheceu Bennett.

— Acredito. Seria difícil para qualquer homem normal.

— Há uma outra coisa, Mr. Holmes, que tenho para dizer-lhe. O professor escreveu, hoje de manhã, ao tal indivíduo e consegui ler o endereço que ficou impresso, invertido, no mata-borrão.

Estendeu um papel com o nome e o endereço e Holmes enfiou-o na no bolso, comentando:

— Dorak... É um nome estranho, de origem eslava. Não vejo vantagem em permanecer aqui, de maneira que volto para Londres. Não podemos prender o professor, visto que ele não cometeu crime algum, e não é possível interná-lo num manicômio, já que é impossível provar que ele esteja louco.

— Então, que fazemos?

— Por enquanto, só nos resta ter paciência, mas, em breve, tudo se solucionará. Se não me engano, na próxima terça-feira, o professor sofrerá uma nova crise e, nesse dia, estaremos aqui. Entretanto, se Miss Presbury pudesse ausentar-se de Camford...

— Isso é fácil.

— Perfeito, mantenha-a aqui, até que o perigo tenha passado. Entretanto, convém que ninguém contrarie o professor. Enquanto estiver de bom humor, tudo correrá bem.

— Lá está ele — indicou Bennett.

Olhando por entre os ramos, vimos o professor na porta da entrada, olhando ao redor. Inclina-se para a frente, com as mãos a balançar diante de si, lentamente, e a cabeça rodando de um lado para o outro. Com um aceno de mão, o secretário desapareceu entre os arbustos e foi falar com o mestre. Eles entraram em casa conversando.

— Receio que o velho, após o que se passou, tenha tirado as suas conclusões — admitiu Holmes, quando voltávamos ao hotel. — Fiquei com a impressão de que possui um cérebro notavelmente lúcido e lógico. O seu temperamento é violento, mas, do seu ponto de vista, tem razão para mostrar-se furioso, ao perceber que já há médicos e detetives no seu encalço; naturalmente desconfia de que quem os chamou foram pessoas da sua própria casa. É bem provável que Bennett esteja passando péssimos momentos.

Holmes parou num posto do correio e expediu um telegrama. A resposta chegou nessa mesma tarde e ele deu-a para que eu pudesse lê-la:

Visitei Commercial Road. Vi Dorak. Boa pessoa idosa da Boêmia. Dono de grande armazém.

Mercer.

— O signatário já é do seu tempo na Baker Street, Watson — lembrou Holmes. — Colaborou várias vezes comigo. Convinha saber alguma coisa sobre o homem com quem o professor se corresponde, em segredo. A nacionalidade de Dorak coincide com a viagem do professor a Praga.

— Ainda bem que alguma coisa coincide com outra — comentei. — Ultimamente, encontramos-nos perante uma série de incidentes inexplicáveis que não têm nenhuma relação lógica entre si. Por exemplo, que analogia pode existir entre um cão furioso e essa viagem a Boêmia... e com um homem que se arrasta, de noite, pelo chão, ao longo de um corredor? Mas o que mais espanta é o interesse que você manifesta pelas datas.

Holmes sorriu e esfregou as mãos. Estávamos na velha sala de visitas da hospedaria, na frente de uma garrafa do famoso vinho a que Holmes se referira.

— Bem, vamos falar nas datas — propôs, com as pontas dos dedos juntas e com o jeito de quem está falando para os alunos, numa aula. — O diário de Bennett indica uma perturbação em 2 de julho, e daí por diante parece que a coisa se reproduziu com intervalos de nove dias, com uma única exceção. A última manifestação violenta verificou-se no dia 3 de setembro, que também se enquadra na série, tal como ocorreu em 26 de agosto, que foi a data precedente. Não se pode dizer que isto seja mera coincidência.

Tive de concordar.

— Consideremos a teoria de que, de nove em nove dias, o professor toma uma droga forte que lhe produz um efeito passageiro, mas altamente prejudicial. A sua índole, já naturalmente violenta, intensifica-se com essa droga. Conheceu-a quando estive em Praga e quem agora lhe fornece é um sujeito natural da Boêmia, residente em Londres. Há aqui alguma falta de lógica, Watson?

— Mas e o cão, e a cara na janela, e o homem de rastos pelo corredor?

— Ainda agora começamos. Não posso dispor de novos dados antes da próxima terça-feira. Cumpre-nos não perder o contato com Bennett e ir aproveitando os encantos desta amena cidadezinha.

Pela manhã, Bennett apareceu para relatar-nos as últimas novidades. Sem propriamente responsabilizar o assistente pela nossa visita, o professor mostrara-se bastante áspero e, evidentemente, sentia-se vítima

de uma perseguição. Naquela manhã, contudo, encontrava-se no seu estado normal, tendo feito, de maneira brilhante, a sua preleção habitual a uma classe repleta de alunos.

— Sem falar naqueles seus esquisitos acessos — informou Bennett —, possui mais energia e mais vitalidade do que antes e nunca o vi com tanta lucidez. Mas já não é o mesmo; não é de forma nenhuma o professor que conhecíamos.

— Creio que o senhor nada terá a recear, pelo menos durante uma semana — respondeu Holmes. — Sou um homem atarefado e o Dr. Watson tem os seus clientes para atender. Fica combinado que nos encontraremos aqui, a esta mesma hora, na próxima terça-feira, Mr. Bennett, e talvez possamos pôr fim às suas apreensões. Entretanto, queira escrever-nos, se houver qualquer fato importante.

Nos dias seguintes não vi o meu amigo, mas na segunda-feira, à tardinha, recebi um seu bilhete pedindo-me que nos encontrássemos, na terça-feira, no trem. Pelo que me disse durante a viagem a Camford, tudo corria bem, mantendo-se inalterável a paz na casa do professor e sendo o seu comportamento perfeitamente normal. Foi essa também a informação que nos deu o próprio Bennett quando nos procurou, à tarde, no nosso aposento do “Tabuleiro de Xadrez”:

— Teve hoje notícias do seu correspondente, em Londres. Chegou uma carta e também um pacotinho, ambos com a tal cruz debaixo do selo, para advertir-me de que não deveria tocar-lhes.

— Creio, Mr. Bennett, que esta noite teremos oportunidade de concluir o caso. Para conseguirmos isso é necessário observar de perto o professor. Eu proporia que o senhor ficasse acordado, de vigília. Se o ouvir passar pela sua porta, não o interrompa, mas acompanhe-o, o mais discretamente que puder. O dr. Watson e eu não estaremos longe. A propósito, onde está a chave da pequena caixa de que falou?

— Ele a usa na corrente do relógio.

— Parece-me que as nossas pesquisas devem se voltar nessa direção. A fechadura não deve ser muito resistente. Há por acaso qualquer outro homem na casa?

— Há o cocheiro, Macphail.

— Onde é que ele dorme?

— Por cima do estábulo.

— É possível que venhamos a precisar dele. Por ora, nada mais podemos fazer. Até logo... mas espero que nos vejamos antes do amanhecer.

Era quase meia-noite, quando nos instalamos no nosso posto de observação, entre uns arbustos, bem defronte da porta de entrada do professor. A noite estava linda, mas fria, e tínhamos roupa suficiente para nos agasalhar. Soprava uma brisa e as nuvens galopavam, através do céu, tapando, de vez em quando, o crescente. Seria uma vigília tristonha, se não fosse a expectativa e o nervosismo que nos impeliam e a afirmação do meu amigo de que, provavelmente, estávamos quase atingindo o fim da estranha seqüência de acontecimentos.

— Se o ciclo de nove dias se mantiver, teremos, hoje à noite, o professor no seu pior estado — disse Holmes. — O fato de esses estranhos sintomas terem começado, depois da sua ida a Praga; de manter a correspondência secreta com um negociante da Boêmia, estabelecido em Londres, que, presumivelmente, representa alguém de Praga; e de ter recebido, hoje, um pacote, tudo isto aponta para um só rumo. O que ele ingere e para que, são respostas que ainda se encontram fora do nosso alcance. Toma a droga, seguindo instruções definidas que regulam esse sistema de nove dias. Mas os sintomas que o professor apresenta são notáveis. Você observou suas articulações?

Tive de confessar que não reparara nelas.

— Grossas e com calosidades, de uma forma inteiramente nova para mim. Olhe sempre primeiro para as mãos, Watson. Depois, para os punhos da camisa, as joelheiras e o calçado. Articulações muito esquisitas só podem ser explicadas pelo modo de progressão explicado por... — Holmes fez uma pausa e de repente bateu com a mão na testa. — Oh, Watson! Que idiota tenho sido! Parece incrível, mas como foi possível que me escapasse uma tal conexão de idéias? Aquelas articulações... como foi possível que elas não me sugerissem... E o cão! E a hera!... Atenção, Watson! Lá está ele! Vamos ter ensejo de vê-lo, com os nossos próprios olhos.

A porta da entrada tinha sido aberta vagarosamente e, iluminada por um candeeiro, vimos a figura alta do professor, Presbury. Vestia um roupão. Estando em pé, de perfil, à entrada, apresentava-se ereto, mas curvado para a frente, com os braços a bambolear, como quando o vimos da última vez. No momento em que pôs os pés no caminho, operou-se

nele uma estranha mutação. Tomou a postura de quem se agacha e foi se movendo sobre as mãos e os pés, saltitando a espaços, como que transbordando de energia e vitalidade. Caminhou assim, em frente da casa e, depois, dobrou a esquina. Quando desapareceu, Bennett passou pela porta da entrada e seguiu-o com cuidado.

— Venha, Watson, venha! — indicou Holmes. Entramos, o mais brandamente possível, entre os arbustos, até alcançarmos um lugar de onde podíamos ver o outro lado da casa, banhado pela claridade da lua. Via-se nitidamente o professor de cócoras, no sopé da parede coberta de hera. Enquanto o observávamos, o homem começou a subir por ela, com incrível agilidade. Pulava, de galho em galho, sem errar o piso e com mão firme, trepando aparentemente por mera alegria de possuir tais poderes, sem qualquer objetivo definido em vista. Com o roupão esvoaçando de cada lado do corpo, parecia um descomunal morcego, grudado à casa, formando uma grande mancha negra sobre a parede iluminada pela Lua. Não tardou a cansar-se da brincadeira e, deixando-se cair de galho em galho, tomou a estranha postura anterior, de cócoras, e assim se foi encaminhando para o estábulo, sempre engatinhando, como antes. O cão já se encontrava do lado de fora, ladrando furiosamente e mais raivoso, ainda, quando avistou o dono. Violentava a corrente que o prendia e tremia com a ânsia de mordê-lo. O professor, propositadamente, conservava-se quase ao alcance do cão e provocava-o de todas as maneiras possíveis. Atirava seixos ao focinho no animal, cutucava-o com uma vara que apanhara do chão, agitava as mãos, apenas a alguns centímetros da boca escancarada do cão, esforçando-se por enfurecer o animal. Em todas as nossas aventuras não me lembro de ter assistido a uma cena mais grotesca do que aquela figura impassível e mesmo assim imponente numa postura de sapo, no chão, a estimular a cólera do cão que se enfurecia e saltava diante dele.

Subitamente, o desastre ocorreu! Não foi a corrente que se partiu, mas a coleira que escorregou, pois tinha sido feita para um terra-nova de pescoço grosso. Ouvimos o barulho do metal que caía e, no mesmo instante, homem e cão engalfinharam-se, rolando pelo chão, um rugindo de raiva, o outro soltando gritos estridentes de pavor. A vida do professor esteve por um triz. O feroz cão de guarda ferrara-lhe os dentes na garganta, e o professor já tinha perdido os sentidos, antes que os alcançássemos e pudéssemos apartá-los. Para nós, era uma missão perigosa. Porém, a voz

e a presença de Bennett fizeram o cão se acalmar instantaneamente. A algazarra fez o cocheiro sair do seu quarto, sonolento e atônito.

— Isto não me surpreendeu — explicou, sacudindo a cabeça. — Vi-o, mais de uma vez, provocando o animal. Sabia que este, mais cedo ou mais tarde, acabaria por agarrá-lo.

O cão foi amarrado e, juntos, carregamos o professor até ao seu quarto, onde Bennett, que era também formado em medicina, me ajudou a tratar da sua ferida. Por pouco os dentes agudos não tinham atingido a carótida, mas a hemorragia era grave. Em meia hora, o perigo tinha passado e ministrei ao enfermo uma injeção de morfina que o fez cair em sono profundo. Só então pudemos olhar uns para os outros e avaliar a situação.

— Penso que deve ser examinado por um bom cirurgião — eu disse.

— Não, de maneira alguma! — opôs-se Bennett. — O escândalo não saiu desta casa e, entre nós, poderá ser mantido em sigilo, mas, se transpuser estas paredes, nada mais o deterá. É preciso levar em consideração a posição do professor na universidade, a sua fama por toda a Europa... e os sentimentos da filha.

— Tem razão — concordou Holmes. — Podemos guardar segredo sobre o caso, mas também nos cumpre evitar a sua repetição... Queira dar-me, Mr. Bennett, a chave que está presa na corrente do relógio do professor... Macphail ficará tomando conta dele e nos avisará, se houver qualquer novidade. Vamos ver o que contém a misteriosa caixa.

Não continha muita coisa, mas o que encontramos foi suficiente: um frasco vazio e outro quase cheio; uma seringa hipodérmica e várias cartas, redigidas numa letra de traços rudimentares, e em língua estrangeira.

Os selos nos envelopes provinham, todos eles, da Commercial Road e traziam, no endereço, como assinatura, “A Dorak”. Eram simples faturas comerciais, dirigidas ao professor Presbury, anunciando a remessa de um novo frasco ou acusando o recebimento do respectivo pagamento. Contudo, encontramos outro envelope, com uma caligrafia mais cuidada, ostentando um selo austríaco e o carimbo postal da cidade de Praga.

— Aqui está o nosso material — exultou Holmes, rasgando o invólucro e lendo a carta, em voz alta:

“Meu muito ilustre colega,

Desde a sua estimada visita tenho pensado muito no seu caso e, embora lhe tivesse fornecido indicações especiais, em referência

ao tratamento, recomendo-lhe as maiores cautelas, visto que os resultados por mim obtidos indicam que a utilização do soro não exclui certo perigo.

Creio que o soro de um antropóide superior, como o gorila, seria muito mais recomendável, mas, como lhe expliquei, só disponho de um exemplar de Landur, lémur de focinho preto. Ora, enquanto este engatinha e trepa pela ramaria, o gorila já caminha ereto e, zoológicamente, encontra-se muito mais perto de nós, humanos.

Portanto, peço-lhe que tome as maiores precauções, para que não sobrevenha qualquer anomalia prematura do processo experimental. Acontece que tenho outro cliente, na Inglaterra, sendo Dorak o meu agente para ambos.

Agradeço-lhe, meu caro colega, que não deixe de me dar informações semanais.

Com elevada consideração e estima.

E. Lowenstein.”

Lowenstein! O nome trouxe-me à memória um artigo de jornal, referente a um obscuro cientista que andava empenhado em obter um soro para rejuvenescimento dos tecidos celulares: o “elixir da vida”. Lowenstein de Praga! O descobridor do soro maravilhoso que dava robustez, energia e virilidade, fora repudiado pelos seus colegas, por ter se recusado a revelar o seu segredo.

Em poucas palavras, mencionei o teor do artigo e Bennett logo procurou na estante um manual de zoologia.

— Aqui está!... “Langur, Lemur catta, da ordem dos primatas, subordem dos prossimios ou lemuróides, família dos lemurídeos; lémur de focinho negro, com hábitat na vertente dos Himalaias, o maior proxímio trepador e o mais parecido com o homem.” Seguem-se vários pormenores científicos... Bem, graças ao senhor, Mr. Holmes, descobrimos a origem do mal que afeta o professor.

— A verdadeira origem — concluiu o meu amigo — reside no caso de amor descabido que lhe inspirou a idéia de que só poderia satisfazer o seu desejo, se conseguisse transformar-se num jovem. Quem procura erguer-se acima da sua própria natureza, arrisca-se a cair abaixo dela. O

mais perfeito exemplar humano pode voltar à condição de animal, se se desviar do rumo traçado pelo seu destino.

Sentou-se, com o frasco na mão, e ficou pensativo, olhando para o líquido claro que aquele continha.

— Quando escrever a esse homem e o declarar criminalmente responsável pelo veneno que anda espalhando, cessarão os atuais transtornos... Mas outros poderão imitá-lo, tornando-se um perigo para a humanidade... E muitos homens, mesmo espiritualistas, talvez não resistam à tentação de prolongar a vida, para não falarmos nos mundanos, materialistas, com outras ambições menos morais. Em que espécie de cloaca se transformaria este nosso pobre mundo?

Holmes, interrompendo a divagação, concluiu:

— Creio que não há mais nada a acrescentar, Mr. Bennett. Os vários incidentes se enquadrarão facilmente no esquema geral. É claro que o cão, devido ao faro, notou a mudança muito mais rapidamente do que o senhor. Não era o professor mas o lémur quem atormentava Roy. Tregar pelas paredes e árvores era um prazer para o pobre “mutante”, e, só por mero acaso, a brincadeira o levou até à janela de Miss Presbury. Watson, há um trem que sai cedo para a cidade, mas creio que ainda teremos tempo de beber uma xícara de chá, no “Tabuleiro de Xadrez” antes de irmos para a estação.



A JUBA DO LEÃO

É verdadeiramente singular que um problema complexo e insólito, como nenhum outro com que me depararei ao longo da minha extensa carreira profissional, me tenha vindo, por assim dizer, bater à porta, depois que eu decidi, definitivamente, me aposentar.

O fato ocorreu pouco depois de eu ter me retirado para a minha pequena casa, no Sussex, onde me entregava à *dolce vita*, na natureza, pela qual tantas vezes suspirara, nos longos anos de melancolia londrina.

Nesse período, o bom Watson era para mim quase completamente inacessível. Só uma vez ou outra o via, num rápido fim de semana. Por isso, terei de ser o meu próprio biógrafo. Se ele estivesse comigo, saberia muito bem relatar um acontecimento tão estranho e realçar o meu triunfo final sobre todas as dificuldades!

Mas já que isto não é possível, tenho necessariamente de narrar a história, à minha maneira, descrevendo cada passo que tive de dar, enquanto esclarecia o mistério da juba do leão.

A minha casa fica na vertente sul dos Downs, descortinando-se daí uma ampla vista do canal da Mancha. Nesse ponto, a linha do litoral é toda de penhascos de calcário, de onde só é possível descer por uma única trilha longa e tortuosa, íngreme e escorregadia. No fim da trilha há uns cem metros de terreno de seixos, mesmo na maré alta.

Aqui e ali, vêem-se minúsculas baías, formando maravilhosas piscinas naturais, cuja água é renovada pelos fluxos das marés. Essa praia admirável estende-se por alguns quilômetros para leste e oeste, com exceção do local onde a linha costeira é quebrada pela angra e aldeia de Fulworth.

A minha pequena casa é isolada, e tanto eu como a minha velha governanta, juntamente com as abelhas, somos os donos absolutos daquelas terras solitárias.

Contudo, a oitocentos metros do nosso abrigo, está instalada a escola preparatória de Harold Stackhurst, denominada As Empenas ⁽¹⁾, vasta construção de pedra que abriga dezenas de jovens que se preparam para várias profissões, dispondo de um numeroso corpo docente.

⁽¹⁾ Não confundir com “As Três Empenas”, edifício mencionado na novela do mesmo nome, publicada na página 97 e seguintes da obra *O arpoador maldito e outras histórias desta coleção*, e cuja ação decorre em setembro de 1893. (N. do T.)

Na juventude, Stackhurst fora campeão de remo... e tornou-se um ilustre erudito. Estabelecemos amizade, desde o dia em que cheguei à região, e era o único homem cujas relações mútuas nos permitiam visitarmos-nos, sem convite prévio.

No final de julho de 1907, um furacão violento fustigou o canal da Mancha, acumulando água no sopé dos rochedos e formando uma pequena lagoa, na maré baixa.

Na madrugada em que o vento amainou, toda a natureza se apresentava fresca e lavada. Sendo impossível concentrar-se no trabalho numa manhã tão convidativa, fui espairar e respirar o ar puro. Seguiu pela íngreme vertente de acesso à praia quando, subitamente, ouvi um grito atrás de mim e avistei Harold Stackhurst acenando-me alegremente.

— Que manhã, Mr. Holmes! Já esperava encontrá-lo fora de casa.

— Vejo que pretende ir nadar.

— Sempre com as suas habituais brincadeiras! — replicou rindo e levando a mão ao ventre proeminente. — MacPherson saiu mais cedo, e espero encontrá-lo na lagoa.

Fitzroy MacPherson era o professor de ciências, belo jovem, muito direito, cuja vida fora prejudicada por uma doença cardíaca que se seguiu a uma febre reumática. Apesar disso, era um atleta nato e distinguia-se em qualquer desporto que não exigia muito esforço. Nadava tanto no verão como no inverno e, como também gosto de nadar, saíamos juntos, muitas vezes.

Naquele momento, avistamos o homem. A sua cabeça surgiu acima da borda do penhasco onde termina a trilha. Depois, todo o seu vulto apareceu, cambaleando como um bêbado. Quase instantaneamente ergueu as mãos e, com um berro terrível, caiu com o rosto no chão. Eu e Stackhurst corremos para socorrê-lo (separavam-nos dele uns quarenta e poucos metros) e o viramos de costas. Era evidente que estava morrendo, com os olhos vidrados e a face de uma palidez extrema. Por um instante, veio-lhe ao rosto um clarão de vida e pronunciou duas ou três palavras, com um ar ansioso de advertência. Foram “a juba do leão”. Pareceu-nos uma frase sem propósito e ininteligível, mas não me foi possível alterar o som para formar qualquer outro sentido. Ergueu-se ainda do chão, lançou os braços para o ar e caiu para o lado. Estava morto.

O meu companheiro ficou paralisado de terror, mas conservei os sentidos completamente despertos, pois logo se tornou patente que estávamos diante

de um caso extraordinário. O homem vestia apenas um sobretudo, calças e um par de sapatos de lona, desamarrados. Ao tombar, o sobretudo deslizou, deixando-lhe o tronco exposto. Nós o olhamos com assombro. As costas estavam cobertas de linhas vermelho-escuras como se MacPherson tivesse sido terrivelmente açoitado com um chicote de arame fino, visivelmente flexível, pois os longos vergões se curvavam contornando seus ombros e suas costelas. Escorria-lhe sangue pelo queixo, porque no auge da agonia, mordera o lábio inferior. O rosto disforme mostrava quão terrível fora esse derradeiro combate com a morte.

Eu estava ajoelhado e Stackhurst de pé, junto do corpo, quando uma sombra atravessou entre nós, e vimos Ian Murdoch ao nosso lado. Esse homem era o professor de matemática. Alto, magro, moreno, era tão taciturno e introvertido que não tinha um amigo. Parecia viver numa região superior e abstrata que pouca relação tinha com a vida comum. Todos o consideravam esquisito e escapou de ser o bobo dos estudantes rapazes só por ter no sangue qualquer coisa de estranho, porque seus olhos, negros como carvão, e os seus acessos de fúria, aliás pouco frequentes, os atemorizavam. Em certa ocasião, como um cãozinho de MacPherson o incomodara, agarrou o animal e atirou-o através da vidraça. Stackhurst decerto o teria demitido por esse gesto, se ele não fosse um professor de incontestável valor. Tal era o homem singular e complexo que surgia agora ao nosso lado. Pareceu sinceramente abalado com a ocorrência, embora o episódio do cão indicasse que não havia grande cordialidade, entre ele e o morto.

— Coitado! Em que posso ser útil?

— O senhor estava com ele? É capaz de dizer-nos o que houve?

— Não. Hoje me atrasei. Não estive na praia. Vim diretamente das Empenas. Que posso fazer?

— Pode ir à esquadra da Polícia de Fulworth relatar o que aconteceu.

Sem dizer uma palavra, partiu apressadamente, e eu me incumbi do caso, enquanto Stackhurst, atormentado com a tragédia, permaneceu junto do corpo. A minha primeira tarefa foi observar quem estava na praia. Do alto da vereda podia enxergar a praia em toda a extensão. Estava completamente deserta. Viam-se apenas, muito longe, dois ou três vultos escuros, dirigindo-se para a aldeia de Fulworth.

Desci vagorosamente a trilha e vi barro ou limo mole, misturado com calcário, e as mesmas pegadas, tanto subindo como descendo. Nenhuma

outra pessoa tinha descido à praia por aquele caminho durante a manhã. Num sítio observei a marca de uma mão aberta com os dedos esticados para baixo. Isto só podia significar que o pobre MacPherson caíra enquanto subia. Notei também depressões arredondadas que sugeriam que ele tinha caído de joelhos mais de uma vez. No fim da trilha, cheguei à lagoa que a maré formara ao retirar-se. MacPherson tinha se despido, pois lá estava sua toalha sobre a rocha. Estava dobrada e enxuta, de modo que, segundo as aparências, nem chegara a entrar na água. Enquanto eu andava nas minhas pesquisas, entre os seixos, notei pequenas áreas cobertas de areia onde estava impressa a marca do seu sapato de lona e até o seu pé descalço, o que provava que ele estivera pronto para o banho, embora a toalha indicasse que ele não chegou a entrar na água.

Aí o problema avolumava-se estranhamente. O homem não estivera na praia mais que um quarto de hora, no máximo. Stackhurst saíra das Empenas, pouco depois dele. Ia tomar banho e chegou a tirar a roupa, como o provavam os sinais dos seus pés descalços. E eis que, de súbito, tornou a colocar apressadamente as roupas (em desordem e desamarradas) e voltara, sem tomar banho, ou pelo menos, sem se enxugar. E a razão dessa mudança de propósito devia-se a ter sido flagelado de uma maneira selvagem, tendo-lhe apenas restado forças para se arrastar um pouco e morrer. Quem praticara essa bárbara ação? Havia pequenas grutas na base dos penhascos, mas o sol incidia diretamente sobre elas, não havendo lugar para esconderijo. E os vultos distantes da praia? Pareciam estar muito longe para terem qualquer relação com o crime. Além disso, a larga lagoa, na qual MacPherson pretendia banhar-se, ficava entre ele e os vultos, até os rochedos. Viam-se, no mar, não muito distantes, dois ou três barcos de pesca cujos ocupantes podiam ser perfeitamente observados.

Quando voltei para junto do corpo, rodeava-o já um pequeno grupo de pessoas que por ali passavam. Lá estava, ainda Stackhurst e Ian Murdoch acabara de chegar com Anderson, subdelegado da aldeia, um homem enorme, de bigode ruivo, da sólida estirpe do Sussex, raça que, sob um exterior silencioso e pesadão, abriga muito bom-senso.

Anderson ouviu o relato, anotou tudo o que dissemos e, finalmente, puxou-me para um lado.

— Gostaria de ouvir a sua opinião, Mr. Holmes. Isso é assunto sério demais para mim e se eu me sair mal, Lewes vai me dizer coisas que não desejo ouvir.

Aconselhei-o a mandar chamar o seu superior imediato e um médico, a não permitir que se mexesse em coisa alguma e a evitar que se imprimissem, no chão, pegadas frescas, enquanto eles não chegassem. Entretanto, revistei os bolsos do morto. Foi encontrado um canivete grande, um lenço e uma pequena caixa de cartas de baralho dobrada. Desta saía um pedaço de papel que desdobrei e entreguei ao subdelegado.

A caligrafia era feminina e lia-se:

“Lá estarei, sem falta, Maudie.”

O bilhete sugeria um encontro amoroso, embora não indicasse o lugar nem a data ou hora. O subdelegado tornou a enfiar o papel na carteira e repôs esta e os outros objetos nos bolsos do sobretudo do morto. Depois de aconselhá-lo a examinar toda a costa dos rochedos, voltei para casa, para o meu café da manhã.

Passadas duas horas, Stackhurst procurou-me para informar de que o cadáver fora removido para as “Empenas” onde se procederia ao inquérito oficial.

Conforme eu esperava, nada fora encontrado nas cavidades dos rochedos. A escrivanhinha de MacPherson tinha sido revistada e alguns dos seus papéis provavam existir uma correspondência íntima, com uma certa Miss Maud Bellamy, de Fulworth. Tinha-se, pois, descoberto a identidade da autora do bilhete.

— As cartas já estão em poder da Polícia, por isso não pude trazê-las — explicou Stackhurst —, mas não há dúvida de que se trata de uma verdadeira correspondência amorosa. Contudo, não vejo motivo para relacionar esse enredo efetivo com a horrível ocorrência, a não ser que a jovem tivesse marcado um encontro com MacPherson.

— Dificilmente poderiam encontrar-se, discretamente, numa lagoa onde todos passaram a ir tomar banho — observei, incrédulo.

— Realmente, foi por mero acaso que vários estudantes não se encontravam ali, juntamente com MacPherson.

— Seria realmente por mero acaso?

Stackhurst franziu as sobrancelhas, refletindo.

— Ian Murdoch reteve-os para uma revisão de álgebra. O pobre homem está completamente arrasado com o que aconteceu.

— E contudo não eram amigos.

— Houve uma época em que estiveram brigados, mas de um ano ou mais para cá Murdoch aproximou-se de MacPherson, mais do que de qualquer outra pessoa. Ele não é dotado de simpatia por natureza.

— Foi o que me disseram. Lembro-me vagamente de que você me falou numa briga por causa de um cão.

— Isso são águas passadas.

— Mas talvez tenha ficado algum ressentimento.

— Não. Tenho certeza de que já eram amigos.

— Então, devemos considerar a hipótese da garota. Você a conhece?

— Todo mundo a conhece. É a beldade destas redondezas. É realmente formosa, Holmes, e MacPherson sentia-se atraído por ela. Contudo, eu não fazia idéia de que a coisa tivesse chegado ao ponto que essas cartas parecem indicar.

— Mas quem é ela?

— É filha do velho Tom Bellamy, o dono de todos os botes e cabinas de banho de Fulworth. Começou como simples pescador, mas agora tem muito dinheiro. Ele e o filho William dirigem o negócio.

— Valerá a pena irmos a Fulworth visitá-los?

— Com que pretexto?

— É fácil arranjar um. O rapaz não teria podido flagelar-se a si próprio, de uma maneira tão bárbara. Qualquer mão estranha segurou o cabo do chicote, se é que foi um chicote o causador daqueles vergões. O círculo das suas relações, neste lugar ermo, não podia deixar de ser limitado. Sigamos esse círculo e daremos com o motivo que, por sua vez, nos conduzirá ao criminoso.

Aquele teria sido um agradável percurso, atrás dos Downs perfumados com o cheiro de tomilho se não tivéssemos a mente perturbada pela tragédia que presenciáramos. A aldeia de Fulworth fica na curva oca de um semicírculo em torno da baía. Por trás da povoação de aspecto antiquado foram construídas várias casas modernas sobre o solo em elevação. Stackhurst conduziu-me a uma delas.

— É aqui o Remanso, nome que Bellamy deu à sua vila. É aquela de torre angular e telhado de ardósia. Nada má para um homem que não tinha um tostão, mas... ora esta, olhe para lá!

A cancela do jardim do Remanso fora aberta e um homem vinha saindo. Não havia equívoco possível quanto àquela figura alta e angulosa. Era Ian Murdoch, o matemático. Daí a pouco estávamos na rua, diante dele.

— Olá! — disse Stackhurst. O homem fez um sinal com a cabeça, olhou-nos de soslaio com os estranhos olhos negros, e continuaria o caminho se o seu diretor não o detivesse.

— O que o senhor estava fazendo aí? — perguntou-lhe Stackhurst. Murdoch enrubesceu.

— Sou seu subordinado apenas quando me encontro no colégio. Não tenho que lhe dar satisfação dos meus atos particulares.

Depois da tragédia a que assistira aquela manhã, Stackhurst não tinha os nervos em ordem. De contrário, talvez fosse menos precipitado. Perdeu inteiramente a calma.

— Nas atuais circunstâncias a sua resposta é uma impertinência, Mr. Murdoch.

— A sua pergunta talvez mereça a mesma qualificação.

— Não é a primeira vez que faço vistas grossas às suas maneiras insubordinadas. Mas será a última. É melhor pensar em dar outro rumo à sua vida, e sem perda de tempo.

— Já pretendia fazê-lo. Perdi hoje a única pessoa que tornava o seu estabelecimento habitável.

Dizendo isso, afastou-se a passos rápidos, enquanto Stackhurst, enfurecido, seguia-o com os olhos arregalados.

— É um homem intolerável! — gritou.

O que mais me chamou a atenção foi Mr. Murdoch ter aproveitado a primeira oportunidade para escapar da cena do crime. Uma suspeita vaga começava a delinear-se na minha mente. Talvez a ida à casa dos Bellamys pudesse lançar alguma luz sobre o assunto. Stackhurst acalmou-se e dirigimo-nos para a alegre vivenda.

Mr. Bellamy era homem de meia-idade, com uma barba vermelha flamejante. Parecia estar muito irritado e o seu rosto ficou logo tão vermelho como o cabelo e a barba.

— Não, senhor, não desejo entrar em pormenores. Meu filho aqui — disse, indicando um robusto jovem, com cara de poucos amigos, que estava num canto da sala de visitas — concorda comigo em que as atenções

de Mr. MacPherson para com Maud eram ofensivas. A palavra “casamento” jamais foi mencionada e, contudo, havia cartas e encontros e muitas outras coisas que nenhum de nós podia aprovar. Ela não tem mãe e nós somos os seus únicos guardas. Estamos resolvidos...

Nesse momento o homem foi interrompido pela chegada da própria jovem. Quem seria capaz de imaginar que uma flor tão rara brotasse de tal raiz e em tal atmosfera? As mulheres raramente constituíram um atrativo para mim, porque o meu cérebro sempre governou o coração, mas não pude olhar para aqueles traços tão perfeitos, com toda a suave frescura daquela região refletida no seu fino colorido, sem pensar que nenhum rapaz passaria por ela indiferente. Abriu a porta e ficou com os olhos atentos, diante de Harold Stackhurst.

— Já sei que Fitzroy morreu — disse ela. — Não tenha medo de me contar todos os detalhes.

— O outro cavalheiro que aqui esteve contou-nos tudo — explicou o pai.

— Não há motivo para envolver a minha irmã no assunto — resmungou o rapaz.

A jovem dirigiu-lhe um olhar furioso.

— Isso é comigo, William. Deixe-me tratar do assunto a meu modo. Tudo faz crer que foi cometido um crime. Se eu puder contribuir para provar quem o cometeu...

A jovem escutou a breve narrativa do meu companheiro, com uma atenção concentrada. Sempre recordarei Maud Bellamy como a imagem de uma mulher de muitos títulos notáveis; já me conhecia de vista e, no fim, dirigiu-me a palavra:

— Entregue-os à justiça, Mr. Holmes. O senhor tem a minha simpatia e a minha ajuda, sejam eles quem forem.

Pareceu-me que, enquanto falava, lançava um olhar para o pai e para o irmão, num ar de desafio.

— Obrigado — respondi. — Aprecio muito a intuição feminina nestes assuntos. A senhora diz “eles”, no plural. Pensa que há mais de um envolvido no caso?

— Eu conhecia Mr. MacPherson muito bem e sei que ele era um homem valente e forte. Jamais uma pessoa sozinha seria capaz de infligir-lhe um castigo tão cruel e ultrajante.

— Eu poderia dizer-lhe algumas palavras em particular?

— Estou lhe dizendo, Maud, que não se meta nesse assunto — gritou o pai, explodindo de irritação.

Ela olhou para mim com um ar de súplica.

— Que posso fazer?

— Dentro em breve todo mundo ficará conhecendo os fatos, de modo que não haverá mal em que eu os discuta aqui — disse. — Gostaria de maior discrição, mas se seu pai é de opinião diversa, tem de estar presente às deliberações. — Nesse momento referi-me ao bilhete encontrado no bolso do morto. — Esse bilhete será certamente exibido no inquérito. Posso-lhe pedir esclarecimentos sobre ele?

— Não vejo razão para mistério — respondeu Maud. — Estávamos noivos e só guardávamos segredo a respeito desse assunto porque o tio de Fitzroy, que é muito velho e, segundo dizem, está para morrer, talvez o deserdasse se ele casasse contra sua vontade.

— Podia ter dito isso para nós — grunhiu Mr. Bellamy.

— Eu teria feito isso, pai, se encontrasse simpatia da sua parte.

— Oponho-me ao relacionamento de minha filha com homens que não são da mesma posição social.

— Foram os seus preconceitos contra ele que nos impediram de dizer-lhe tudo. — Tirou um pedaço de papel amarrotado do bolso do vestido e elucidou: — Quanto a esse bilhete, era uma resposta a esta combinação para um encontro:

“Querida.

Terça-feira, no lugar habitual da praia, logo após o pôr-do-sol.
É a única hora em que consigo estar livre.

F.M.”

Virei o papel que nada tinha escrito no verso.

— Este bilhete não veio pelo correio. Como lhe chegou às mãos, Miss Bellamy?

— Prefiro não responder a essa pergunta, pois nada tem a ver com o caso, mas estou pronta a responder a tudo o mais que se relacione com a investigação.

Contudo, Maud nada sabia que pudesse ser-nos útil e não acreditava que o noivo tivesse qualquer inimigo, embora ela própria confessasse que tivera vários admiradores, apaixonados.

— Posso perguntar se Ian Murdoch foi um dos que se apaixonaram por você?

Maud corou e pareceu embaraçada.

— Até certa altura, pensei que fosse um admirador meu... mas tudo se alterou, quando tomou conhecimento da minha relação com Fitzroy.

A sombra de suspeita que pairava sobre Murdoch tornava-se mais densa e definida, pelo que se tornava necessário averiguar os seus antecedentes e também revistar seus aposentos. Stackhurst mostrou-se um colaborador espontâneo, pois, identicamente, desconfiava daquele seu subalterno.

Passou-se uma semana, após a nossa visita ao Remanso. O inquérito oficial fora adiado até se descobrirem elementos mais positivos. Stackhurst fizera uma discreta investigação acerca de Murdoch e o quarto deste fora revistado, sem resultados. De minha parte, também procedi a novas pesquisas no terreno do crime, sem encontrar novos indícios. Nem sequer a minha imaginação era capaz de conceber uma solução para o enigma. E foi então que ocorreu o episódio do cão.

A minha governanta foi a primeira a inteirar-se do caso, por intermédio desse estranho “telégrafo sem fios” ⁽²⁾ que, nos povoados, transmite as notícias da esfera em que se vive.

— É uma história bem triste, Mr. Holmes!... A respeito do cão de Mr. MacPherson... — confidenciou-me ela, certa tarde.

— Que sucedeu ao cão?

— Morreu de tristeza, com a perda do dono.

— Quem lhe contou isso?

— Todo mundo comenta o caso. O animal ficou abalado e passou uma semana sem comer... e hoje, dois estudantes de “As Empenas” encontraram-no morto, na praia... Imagine, Mr. Holmes, no mesmo lugar onde o dono foi encontrado sem vida.

No mesmo lugar! Que o cão tivesse morrido de pesar, por excessivo jejum, seria próprio da fidelidade canina... Mas por que no mesmo

⁽²⁾ Evidentemente, Conan Doyle não se refere ao telégrafo sem fios que, mais tarde, viria a designar-se por telefonia, ou rádio, mas ao rumor público. (N. do T.)

lugar daquela praia deserta? Seria possível ter também sido sacrificado pelo mesmo ódio implacável a MacPherson? Dirigi-me às “Empenas” onde fui surpreender Stackhurst no seu gabinete de trabalho. A meu pedido, mandou chamar Subdury e Blount, os dois estudantes que tinham encontrado o cão morto.

Um deles confirmou, sem a menor hesitação.

— Sim, o cão estava mesmo à beira da lagoa. Decerto seguiu o rasto do dono.

Fui ver o fiel Airedale Terrier que tinham colocado sobre o capacho do *hall*. O seu corpo estava rígido, tinha os olhos exorbitados e os membros contorcidos, evidenciando uma violenta agonia, antes da morte.

Saindo de “As Empenas”, dirigi-me à lagoa. O sol declinara e a água apresentava um brilho cinzento.

O lugar estava ermo e não se via vivalma; só duas aves marinhas piavam e descreviam círculos no ar. À fraca luz do sol, no ocaso, mal pude distinguir os vestígios deixados pelo cão sobre a areia, em torno do rochedo em que fora colocada a toalha do dono.

Fiquei absorto em pensamentos esparsos, pressentindo a existência de uma explicação que, embora do meu conhecimento, não me vinha à memória. Voltava, vagarosamente, para casa, quando, no alto da vereda, encontrei a solução.

Watson tem referido, nas suas elogiosas crônicas, que possuo vastos conhecimentos, embora sem qualquer sistematização científica. Contudo, têm sido muito úteis, no meu ofício. O meu cérebro está atulhado de informações de toda a espécie e eu sabia da existência incrível e monstruosa que eu teria de pôr à prova, integralmente.

A pequena casa que habito agora tem um sótão repleto de livros e, durante uma hora, procurei um volume, encadernado de marrom e prata. Quando o achei, folhee-o até encontrar o capítulo de que vagamente me recordava. A matéria era bastante improvável e considerei muito remotas as possibilidades de ajustar-se ao caso que investigava. Mas cumpria-me verificar esse hipotético ajuste, no dia seguinte.

Contudo, o meu plano sofreu uma inesperada interrupção. Mal tomara a minha xícara de chá matinal e me preparava para sair para a praia, recebi telefonema do inspetor Bardle, do posto da Polícia do Sussex, anunciando que iria me visitar.

Era um homem sólido, de aspecto pachorrento e olhos sonhadores, que me saudou, visivelmente embaraçado:

— Conheço a sua imensa experiência, Mr. Holmes — preambulou. — Esta minha visita é extra-oficial e não convém que transpire lá fora. Neste caso da morte de MacPherson, que podemos classificar de assassinio, hesito em efetuar uma prisão, pois careço de provas concludentes.

— Refere-se à prisão de Mr. Ian Murdoch?

— Exatamente. Não há possibilidade de atribuir o crime a mais ninguém... É a vantagem da solidão desta zona que nos permite circunscrever as pesquisas a um reduzido número de habitantes.

— Pelos vistos, reduzidíssimo, já que só suspeita de Murdoch. Que tem contra ele, de concreto?

O inspetor Bardle limitara-se a recolher as mesmas informações que eu já possuía, quanto ao temperamento violento de Murdoch, de que o cão que ele maltratara era evidente exemplo; a sua estranha índole; a briga que tivera com MacPherson e o ciúme que, provavelmente, nutria, em relação a Miss Maude Bellamy.

O inspetor apenas acrescentou parecer-lhe que Murdoch pretendia mudar-se para qualquer outro lado, longe dali.

— Que pensarão de mim se o deixar fugir, havendo tantos indícios contra ele?

O corpulento e fleumático oficial mostrava-se francamente indeciso, sem saber que resolução tomar.

— Considere, inspetor — aconselhei —, todas as falhas essenciais do caso. Murdoch pode, perfeitamente, apresentar um sólido álibi, para a manhã do crime, visto ter estado, até aos últimos instantes, com alguns alunos, e ter se reunido a nós pouco depois, na praia. Além disso, encontrava-se sozinho e não poderia ter infligido tão graves ferimentos à vítima que era tão corpulenta como ele. Finalmente, terá de considerar o instrumento com que a flagelação foi praticada. Já pensou no que poderia ter produzido tais vergões no corpo de MacPherson?

— Um chicote rijo... ou qualquer chicote flexível...

— Examinou bem as marcas, inspetor?

— Tive o cuidado de examiná-las, tal como o médico-legista.

— Também as analisei, cuidadosamente, com uma lente e notei-lhes certas particularidades.

— Quais foram, Mr. Holmes?

Conduzi-o à minha escrivaninha e mostrei-lhe uma fotografia ampliada.

— Este é o meu método de trabalho, em casos semelhantes — expliquei.

— O senhor opera de uma maneira deveras perfeita, Mr. Holmes.

— Dificilmente seria o que sou se assim não procedesse. Consideremos, agora, este vergão que atravessa o ombro direito. Não observa nada de especial?

— Francamente, não noto coisa alguma.

— Pois repare que o traço inflamado é desigual na sua intensidade. Está aqui um ponto que indica hemorragia... e também outro, idêntico, um pouco mais abaixo. Neste outro vergão, vêem-se pontos semelhantes... e naquele, também. Que pensa que isto pode significar?

— Não faço a mínima idéia.

— Pois é possível que, muito em breve, eu possa esclarecer mais alguma coisa. Se conseguirmos ter uma idéia nítida, concreta, daquilo que produziu estas marcas, estaremos a poucos passos do criminoso.

— Bem... — sugeriu o inspetor... — talvez esta minha idéia seja absurda, mas, se uma rede de fios de arame, em brasa, lhe tivesse açoitado as costas, estes pontos mais feridos corresponderiam ao entrecruzamento dos fios.

— É uma comparação engenhosa, mas também poderia ser um chicote, cujas ponta estivessem munidas de nós, finos e rijos.

— Com os diabos, Mr. Holmes! Creio que acertou! É isso mesmo!

— Mas também pode ser uma outra causa, bem diferente, Mr. Bardle. Contudo, esta última hipótese não justifica uma prisão. Além disso, temos de considerar as últimas palavras da vítima: “juba de leão”.

— Estive pensando se o som do nome Ian ⁽³⁾...

— Também pensei nisso... mas a outra palavra não tem nada a ver com Murdoch. E ele pronunciou-as claramente, quase num grito. Tenho certeza de que a primeira era juba ⁽⁴⁾.

— O senhor não entrevê outra alternativa?

⁽¹⁾ Em inglês, lion tem um som vagamente semelhante a Ian. (N. do T.)

⁽²⁾ Mane; juba do leão: lion's mane. (N. do T.)

— É provável... mas não quero discuti-la antes de dispor de elementos mais concretos.

— Quando poderá dispor deles?

— Dentro de uma hora... ou talvez menos.

O inspetor coçou o queixo e olhou-me com ar incrédulo.

— Gostaria de adivinhar o que passa pela sua cabeça, Mr. Holmes. Não estará pensando nos barcos de pesca?

— Não, Mr. Bardle. Estavam muito longe.

— Nesse caso, não estará atribuindo o crime a Mr. Bellamy e ao seu filho? Ambos detestavam MacPherson. Não o teriam atacado...?

— Não se canse, inspetor. Por enquanto, não conseguirá arrancar nada de mim. Cada um de nós tem o seu trabalho a fazer... O senhor poderia se encontrar comigo ao meio-dia?

Tínhamos chegado a este ponto, quando se verificou a interrupção que foi o início do fim.

A porta de minha casa escancarou-se, e ouviram-se os passos cambaleantes de Ian Murdoch que entrou agitado na sala, pálido, despenteado e com as roupas em desalinho. Amparando-se, com as mãos ossudas, aos móveis, para manter-se de pé, suplicou em voz rouca:

— Aguardente! Dêem-me um copo de aguardente!

Caiu, gemendo sobre um sofá. Atrás dele apareceu Stackhurst, sem chapéu, ofegante, quase tão aflito como o companheiro.

— Sim, dêem-lhe um pouco de aguardente! Desmaiou, duas vezes, pelo caminho.

Meio copo de forte bebida operou uma notável mudança em Murdoch que, com esforço, conseguiu erguer-se e tirar parte do casaco, descobrindo os ombros.

— Pelo amor de Deus — pediu —, dêem-me um pouco de ópio... morfina... qualquer coisa que alivie esta dor infernal!

Sobre seu ombro nu via-se, em zigzague, o mesmo estranho traçado de linhas vermelhas e inflamadas que tinham sido a causa aparente da morte de Fitzroy MacPherson.

Evidentemente, a dor era terrível e não apenas local, visto que respirava intermitentemente, arquejante, o rosto escurecia enquanto batia no peito e o suor lhe gotejava pela frente.

Poderia se dizer que estava prestes a morrer de um momento para o outro. Contudo, o álcool que ia ingerindo parecia reanimá-lo.

Aplicamo-lhe chumaços de algodão, embebidos em azeite doce, que começavam a atenuar as dores causadas pelos estranhos ferimentos. Por fim, a cabeça pendeu-lhe pesadamente sobre a almofada e, num meio-sono, meio-desmaio, o sofrimento foi aliviado.

Naquele momento, tornava-se impraticável interrogá-lo e, logo que nos tranqüilizamos, Stackhurst perguntou:

— Santo Deus, Mr. Holmes! Que será isto?

— Onde o encontrou? — sondei.

— Na praia, precisamente no local onde MacPherson morreu. Se Murdoch tivesse o coração fraco, como o outro colega, não estaria agora aqui. Enquanto o trazia, por várias vezes pensei que iria morrer nos meus braços. Como estávamos muito longe das “Empenas”, achei preferível trazê-lo para este lado.

— Viu-o na praia?

— Sim, enquanto eu passeava entre os rochedos. Ouvi um grito e deparei com ele, junto da água, cambaleando como um bêbado. Desci correndo, cobri-o com a roupa e arrastei-o para cá. Peço-lhe, Mr. Holmes, que não poupe esforços para levantar a maldição que pesa sobre este lugar, tornando-o inabitável. Com toda a sua fama mundial, não poderá fazer qualquer coisa por nós?

— Creio que posso, Stackhurst — respondi, secamente. — Agora, venha comigo... e também o inspetor. Veremos se é possível capturar o assassino.

Deixando Murdoch inconsciente, entregue aos cuidados da minha governanta, descemos os três à lagoa mortífera.

Sobre os seixos encontravam-se empilhadas toalhas e roupas, deixadas pelo homem agredido. Fui andando vagarosamente pela beira da água, enquanto os meus companheiros me seguiam, um atrás do outro. Grande parte da lagoa não era profunda, mas, por baixo do penedo, o fundo atingia mais de metro e meio. Naturalmente, um nadador dirigia-se para esse translúcido poço verde, límpido como cristal. Uma série de rochas alinhava-se acima dele e percorri-as, olhando para a água. Ao chegar ao poço mais fundo deparei com aquilo que procurava e soltei um grito de triunfo:

— *Cyanea!* — exclamei. — *Cyanea!* Contemplem a Juba de Leão.

O estranho objeto que eu indicava com o dedo parecia realmente uma massa emaranhada, semelhante à juba de um leão. Lá estava sobre uma prateleira de rocha, mais ou menos um metro dentro da água, um ser curioso, ondeante, vibrante, cabeludo, com as suas tranças amarelas, salpicadas de prata. Percebia-se que pulsava, com uma dilatação e uma contração lenta e pesada.

— Já fez muito mal! — sentenciei. — Ajude-me, Stackhurst! Vamos, definitivamente, dar cabo do assassino.

Havia uma grande pedra logo acima da borda e a empurrámos até cair, com grande estrondo, dentro da água. Terminado o remoinho, vimos uma ponta solta de membrana amarela, indicando que a nossa vítima estava debaixo da pedra. Uma espuma grossa e oleosa manchava a água ao redor, subindo lentamente à superfície.

— Estou pasmado! — confessou o inspetor. — Que é isto Mr. Holmes! Sou nascido e criado nesta terra, mas nunca vi coisa semelhante. Isto não é do Sussex.

— Mas veio para o Sussex — observei. — Pode ter sido trazido pela ventania do sudoeste. Venham à minha casa e eu poderei apresentar-lhes a medonha experiência de alguém que se encontrou com esse tenebroso ser dos mares.

Quando chegamos ao meu escritório, verificamos que Murdoch melhorara tanto que já podia se sentar. Sentia ainda muita dor e estava atordado, mas, em palavras entrecortadas, confessou-nos não fazer idéia do que lhe acontecera. Só se recordava de ter sentido subitamente dores atrozes nas costas e que só com grande dificuldade conseguira alcançar a margem da lagoa.

— Aqui está um livro — indiquei, pegando no pequeno volume de capa marrom e prata — intitulado *Fora de Portas*, do famoso observador J. G. Wood. O próprio autor, que esteve prestes a morrer ao contato com esse terrível animal, identificou-o como sendo o *Cyanea Capillata*, tão mortífero e muito mais doloroso do que a mordedura de uma serpente. Eis um extrato:

“Se o banhista vir uma massa solta, arredondada, de membranas e fibras acastanhadas, semelhante a pedaços de uma juba de leão, tome cuidado, pois trata-se do terrível *Cyanea Capillata*, quase sempre mortífero.”

O autor narra o seu encontro com um destes exemplares, quando nadava na costa de Kent. Verificou que o animal estendia a rede de filamentos, quase invisíveis, a uma distância de quinze metros e qualquer pessoa que se encontrasse a essa distância do centro fatal correria perigo de vida.

“Os numerosos filamentos produziram, sobre a pele, leves traços de cor escarlate, com minúsculos pontos onde teriam penetrado uma espécie de agulhas que atingiam os nervos, como se estivessem em brasa.”

A dor local constitui a consequência mínima do terrível tormento.

“Horríveis agulhadas atravessaram-me o peito, derrubando-me como se tivesse sido atingido por uma bala. A pulsação cessou e logo o coração contraiu-se em espasmos convulsos, como se quisesse sair através do peito.”

O animal quase matou Wood, embora ele tivesse estado exposto ao seu contato no oceano agitado e não nas águas tranquilas de uma estreita piscina. Depois, mal pôde reconhecer-se a si próprio, tão branco e encarquilhado estava o seu rosto. Bebeu muita aguardente, uma garrafa inteira, e parece que foi isso que lhe salvou a vida.

— Aí está o livro, inspetor. Confio-lho, com a explicação da tragédia que vitimou MacPherson.

— Ao mesmo tempo, livra-me de qualquer suspeita — comentou Ian Murdoch, com um sorriso contrafeito. — Não o censuro, inspetor, nem ao senhor, Mr. Holmes, porque suas suspeitas eram naturais. A verdade é que, justamente na véspera da minha prisão, me absolvi a mim mesmo sofrendo o destino do meu pobre amigo.

— Não, Mr. Murdoch. Eu já estava na verdadeira pista e, se tivesse saído de casa à hora em que pretendia, poderia tê-lo livrado da suspeita.

— Mas como sabia, Mr. Holmes?

— Sou um leitor dotado de uma memória excepcional. Aquelas palavras “juba do leão” não me saíam da cabeça. Sabia que já as lera

antes, em qualquer texto, que descrevia o animal. Não tenho dúvidas de que ele estava boiando sobre a água, quando MacPherson o viu, e que aquelas palavras eram as únicas que ele podia empregar para transmitir-nos uma advertência quanto ao que lhe causara a morte.

— Então eu, pelo menos, estou livre — suspirou Murdoch, levantando-se vagarosamente. — Cabe-me dizer algumas palavras de explicação, já que estive prestes a ser preso. É verdade que amei aquela jovem, mas, desde o dia em que ela escolheu o meu amigo MacPherson, contentei-me em ficar à margem e agir como intermediário entre os dois, sendo o portador dos seus recados escritos. Ela não quis revelar-lhe as nossas verdadeiras relações, Mr. Stackhurst, com receio de que o senhor as desaprovasse e eu viesse a sofrer com isso. Agora, peço licença para voltar para “Empenas” e cair na cama.

Stackhurst estendeu-lhe a mão.

— Estivemos com os nervos à flor da pele. Desculpe o que se deu, Murdoch. No futuro, havemos de entender-nos melhor.

Saíram juntos, abraçados, como bons amigos. O inspetor olhava-me em silêncio com os seus olhos de boi manso.

— Bem, devemos essa ao senhor! — concluiu, por fim. — Eu tinha lido muita coisa a seu respeito, mas não acreditava que fosse tão extraordinário!

Acenei com a cabeça. Aceitar tal elogio era diminuir-me no meu próprio conceito.

— Fui lento de início — reconheci. — Se o corpo tivesse sido encontrado na água, dificilmente me enganaria. Foi a toalha que me desorientou. O desgraçado não pensou em enxugar-se e fui levado a crer que ele não estivera dentro da água. Daí partiu o meu erro. Bem, bem, inspetor, muitas vezes me atrevi a troçar dos respeitáveis homens da Polícia, mas o *Cyanea Capillata* quase vingou a Scotland Yard.

